



Lobsang Rampa

CAPITULO UM.....	9
CAPITULO DOIS.....	21
CAPITULO TRÊS.....	34
CAPÍTULO QUATRO.....	48
CAPÍTULO CINCO.....	64
CAPITULO SEIS.....	81
CAPITULO SETE.....	97
CAPITULO OITO.....	115
CAPITULO NOVE.....	130
CAPITULO DEZ.....	143
CAPÍTULO ONZE.....	158

CAPITULO UM

A Srta. Matilda Hockersnickler, de Upper Little Puddlepatch, estava sentada junto à janela meio aberta. O livro que lia absorvia toda a sua atenção. Passou por ali um enterro sem que sua sombra caísse sobre as belas cortinas de rendas que enfeitavam as janelas. Uma discussão entre vizinhas passou despercebida, sem qualquer movimento da aspidistra que ornava o centro inferior da janela. A Srta. Mathilda estava lendo.

Largando o livro no colo por um momento, ela levantou os óculos de aro de metal para a testa, enquanto esfregava os olhos avermelhados. Depois, tornando a colocar os óculos sobre o nariz um tanto saliente, apanhou o livro e leu mais um pouco.

Numa gaiola, um papagaio verde e amarelo, de olhos feito contas coloridas, olhava para ela com alguma curiosidade. Depois ouviu-se um grito rouco, “Polly quer sair, Polly quer sair!”

A Srta. Mathilda Hockersnickler levantou-se de um salto, sobressaltada.

— Ah! meu Deus! — exclamou ela. — Desculpe, coitadinho, esqueci-me inteiramente de levá-lo para o seu poleiro.

Com cuidado, ela abriu a porta da gaiola de arame dourado e, enfiando a mão lá dentro, pegou o papagaio, velho e meio surrado, e delicadamente tirou-o pela portinhola aberta. “Polly quer sair, Polly quer sair!”, tornou a gritar o papagaio.

— Ah, pássaro estúpido! — respondeu a Srta. Mathilda. — Você já está de fora, vou colocá-lo em seu poleiro.

É assim dizendo, ela pousou o papagaio na barra de uma vara de um metro e meio que tinha na ponta uma bandeja. Com cuidado, passou uma pequena corrente em volta da perna esquerda do papagaio e depois verificou se a tigela de água e a de alpiste na ponta do suporte se achavam cheias.

O papagaio arrepiou as penas e escondeu a cabeça debaixo de uma das asas, enquanto produzia ruídos armlhantes.

— Ah, Polly — disse a Srta. Mathiida — você devia ler esé livro comigo. Trata das coisas que somos quando não estamos aqui. Quem me dera saber em que é que o autor acredita, na verdade — disse ela, e tornou a sentar-se, ajeitando as saias com muito cuidado e pudor, de modo que não lhe aparecessem nem os joelhos.

Tornou a apanhar o livro e depois hesitou, a meio caminho do colo e da posição de leitura, vacilou e largou o livro, enquanto estendia a mão para pegar uma comprida agulha de tricô. E depois — com uma força surpreendente, numa senhora tão idosa — deu uma coçadela deleitosa em toda a extensão de sua espinha, entre as omoplatas.

— Ah — exclamou — que alívio maravilhoso! Tenho certeza de que há alguma coisa errada com o meu corpete de liberada. Acho que devo ter algum pêlo duro ali, ou outra coisa. Vou coçar de novo, é um alívio tão grande.

E dizendo isso, agitou vigorosamente a agulha de tricô, o rosto radiante de prazer.

Resolvido esse caso, e tendo passado a coceira, pelo menos naquele momento, ela largou a agulha de tricô e pegou o livro.

— A morte... — disse consigo mesma, ou talvez para o papagaio, indiferente — se ao menos eu descobrisse o que este autor REALMENTE crê para depois da morte...

Interrompeu-se um instante e estendeu a mão para o outro lado do vaso de aspidistras, para poder alcançar umas balas moles que colocara ali. Depois, com um suspiro, tornou a levantar-se e deu uma bala ao papagaio, que a estava olhando com uma expressão muito feroz. A ave bicou a bala, com um movimento abrupto.

A Srta. Mathiida, com a agulha de tricô novamente numa das mãos e a bala na boca, e o livro na mão esquerda, tornou a instalar-se e continuou sua leitura.

Algumas linhas adiante, outra interrupção.

— Por que será que o padre diz sempre que se a gente não for um bom católico, um católico que freqüente a igreja, não pode alcançar o Reino dos Céus? Fico imaginando se o padre estará errado, e se as pessoas de outras religiões também vão para o céu.

Tornou a calar-se, murmurando apenas vagamente ao tentar visualizar algumas palavras mais desconhecidas. Registro Acáchico, viagem astral, os Campos Celestiais.

O Sol passou por cima da casa e a Srta. Mathilda continuava sentada, lendo. O papagaio, a cabeça debaixo da asa, continuava a dormir. Só um tremor ocasional demonstrava algum sinal de vida. Depois, um relógio de igreja bateu as horas à distância e a Srta. Mathilda animou-se com um sobressalto.

— Ah, meu Deus, Virgem Maria! — exclamou ela. — Esqueci-me inteiramente do chá e tenho de ir à Reunião Feminina na Igreja.

Levantou-se e com muito cuidado colocou um marcador de livros bordado na brochura, que em seguida escondeu debaixo de uma mesa de costura.

Foi preparar seu chá atrasado e, enquanto o fazia, só o papagaio a teria ouvido murmurar:

— Ah, eu queria mesmo saber em que esse autor realmente crê... Gostaria tanto de conversar com ele. Seria um consolo tão grande!

Numa ilha ensolarada e distante, que ficará sem nome, embora pudesse ser citada, pois isto é a verdade, um Senhor de Cor estava deitado languidamente sob a sombra ampla de uma velha árvore. Preguiçosamente ele largou o livro que estava lendo e ergueu a mão para pegar uma fruta suculenta que pendia tentadoramente ali perto. Com um movimento indolente, colheu a fruta, examinou-a para ver se estava livre de insetos e a enfiou em sua enorme boca.

— Puxa — murmurou, mastigando a fruta — puxa, não sei mesmo o que é que esse cara quer dizer. Quem me dera saber em que ele REALMENTE crê!

Tornou a esticar-se e colocou o livro numa posição mais cômoda contra o tronco da árvore. Indolentemente, tentou matar uma mosca esvoaçante, errou o golpe, deixou a mão continuar o movimento e tornou a pegar o livro.

— A vida depois da morte, viagem astral, o Registro Acáchico.

O Senhor de Cor folheou algumas páginas. Queria chegar ao fim da história, sem precisar de ter o trabalho de ler aquilo palavra por palavra. Lia um parágrafo aqui, uma frase ali, e depois passava para outra página.

— Puxa — repetiu — gostaria de saber em que é que ele crê.

Mas o Sol estava quente. O zumbido dos insetos dava sono. Aos poucos a cabeça do Senhor de Cor foi caindo sobre seu

peito. Devagar, seus dedos relaxaram-se e a brochura escorregou de suas mãos inertes, caindo na areia macia. O Senhor de Cor roncou e roncou, esquecendo-se de tudo o que se passava em tomo na esfera mundana de atividade.

Um rapaz que passava notou o negro adormecido e depois o livro. Tornando a olhar para o dorminhoco, o rapaz adiantou-se e, com os ágeis dedos de seus pés, alcançou e levantou o livro e, com a perna dobrada, logo o transferiu para sua mão. Segurando o livro do lado oposto ao do homem adormecido, afastou-se com o ar mais inocente deste mundo.

Lá se foi ele para um pequeno bosque. Depois de atravessá-lo, voltou a ver a luz do Sol, chegando a um trecho de areia branca e reluzente. O estrondo das ondas soou em seus ouvidos, mas ele nem notou, pois era aquela a sua vida; o som das ondas nos rochedos em volta da lagoa era um ruído de todos os dias. O zumbido dos insetos e o canto das cigarras eram a sua vida e, como tal, nem os notava.

Lá se foi ele, remexendo a areia fina com os dedos, pois havia sempre a esperança de desencavar um tesouro ou uma moeda; um amigo seu uma vez não descobrira uma moeda de ouro, ao fazer aquilo?

Havia uma estreita faixa de água separando-o de uma restinga onde se elevavam três árvores solitárias. Vadeando, logo atravessou o curso de água e dirigiu-se para o espaço entre as três árvores. Cuidadosamente, deitou-se e cavou um buraco para ajeitar o osso de seu quadril. Depois apoiou a cabeça comodamente contra a raiz da árvore e olhou para o livro que surrupiara do dorminhoco.

Cuidadosamente, olhou em volta para certificar-se de não estar sendo observado e de que ninguém o seguira. Vendo que tudo continuava em paz, tomou a instalar-se e passou uma das mãos pelos cabelos lanosos enquanto que com a outra ia folheando o livro a esmo, primeiro nas páginas finais, onde leu o que o editor dizia; depois virou o livro e examinou o retrato com olhos meio cerrados, o cenho franzido e lábios apertados, enquanto murmurava coisas incompreensíveis para si mesmo.

Coçou a virilha e puxou as calças para ficar mais a cômodo. Depois, apoiado sobre o cotovelo esquerdo, foi virando as páginas e começou a ler.

— Formas de pensamento, mantras, puxa vida, que bacana! Então quem sabe eu podia fazer uma forma de pensa-

mento e aí Abigail teria de fazer tudo o que eu quisesse? Puxa, seu, é mesmo, isto está pra mim. — Ele rolou, deitando-se de costas, e coçou um pouco o nariz e depois murmurou: — Será que posso acreditar em tudo isso?

* * *

Os cantos sombrios da sala exalavam uma atmosfera de santidade. Tudo estava quieto, exceto na grande lareira de pedra, onde a lenha queimava e crepitava. De vez em quando um jato de vapor saltava e sibilava raivosamente contra as chamas, vapor gerado pela umidade da lenha ainda molhada. Era a madeira que irrompia em uma pequena explosão, produzindo um repuxo de fagulhas. A luz bruxuleante dava uma sensação estranha à sala, uma sensação de mistério.

Em um dos lados da lareira havia uma poltrona cômoda e profunda, de costas para a porta. Ao lado da poltrona havia uma lâmpada de pé antiquada, feita de hastes de bronze, de onde emanava uma luz suave envolta por um abajur verde. A luz diminuiu e depois desapareceu da vista, devido ao obstáculo das costas da cadeira.

Ouviu-se uma tosse seca e o farfalhar de páginas sendo viradas. Novamente sobreveio o silêncio, quebrado apenas pelo crepitar do fogo e pelo farfalhar regular do papel enquanto as páginas lidas eram viradas para revelar novo material.

A distância ouviu-se o repicar de um sino, um repicar lento, seguindo-se logo o arrastar de pés calçados em sandálias e o murmúrio muito baixinho de vozes. Ouviu-se uma porta abrir-se e um minuto depois um ruído oco, quando a porta se fechou. Logo depois soaram os sons de um órgão e vozes masculinas cantando. O canto continuou por algum tempo, seguido por um leve ruído, um novo silêncio, este perturbado a seguir por vozes que murmuravam algo incompreensível, mas muito bem ensaiado.

Na sala, soou um baque assustador, quando um livro caiu ao chão. Depois, um vulto escuro levantou-se de um salto.

— Ah, Jesus, devo ter adormecido. Que coisa espantosa!

O vulto de vestes escuras abaixou-se para apanhar o livro e abriu-o com cuidado na página devida. Meticulosamente, colocou ali um marcador de livros e, com respeito, depositou o livro na mesinha ao lado. Ficou ali por alguns momentos, de

mãos cruzadas e a testa franzida, depois ergueu-se da cadeira e ajoelhou-se diante de um crucifixo que havia na parede. Ajoelhado, de mãos postas, a cabeça abaixada, fez uma oração, suplicando uma orientação. Levantou-se, foi até à lareira e colocou outra tora sobre as brasas acesas. Por algum tempo ficou agachado ao lado da lareira de pedra, a cabeça metida entre as mãos.

Com um impulso repentino, deu um tapa na coxa e levantou-se de um salto. Atravessou rapidamente o quarto escuro e dirigiu-se para uma secretária escondida nas sombras. Um movimento rápido, um puxão num cordão e aquele canto da sala inundou-se de uma luz quente. O vulto puxou uma cadeira e abriu a tampa da escrivaninha, sentando-se em seguida. Por um momento ficou ali sentado, olhando sem expressão para a folha de papel que acabara de colocar à sua frente. Distraído, estendeu a mão direita para pegar o livro que não estava ali e, com uma exclamação de aborrecimento, levantou-se e foi pegar o livro que deixara na mesinha ao lado da cadeira.

De volta à escrivaninha, sentou-se e folheou o livro até encontrar o que estava procurando — um endereço. Rapidamente endereçou um envelope e depois ficou ali sentado, pensando, classificando os pensamentos, imaginando o que faria, como compor as frases que desejava usar.

Daí a pouco começou a escrever e tudo ficou quieto, a não ser pelo roçar da pena e pelo tique-taque de um relógio.

“Prezado Sr. Rampa”, começava a carta, “sou um padre jesuíta. Sou professor de Humanidades em nossa Escola e li o seu livro com um interesse maior do que o normal.

“Acredito que somente aqueles que seguem a nossa forma de religião podem obter a Salvação por meio do sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Creio nisso quando ensino aos meus discípulos. Creio nisso quando estou dentro da própria igreja. Mas quando fico só, nas trevas da noite, e não há ninguém para vigiar as minhas reações, analiso meus pensamentos e fico imaginando. Estarei certo em minha Crença? Será que ninguém, fora os católicos, será salvo? E as outras religiões, serão todas falsas, serão obras do demônio? Ou estarei eu e outros de minha Crença no caminho errado? Seus livros me esclareceram muito e permitiram que eu resolvesse em grande parte as dúvidas do espírito que me envolvem e gostaria de saber se o senhor poderia responder a algumas perguntas, para que eu me ilumine mais e me fortaleça naquilo em que creio.”

Com cuidado, assinou seu nome. Com cuidado, dobrou a carta e já a estava introduzindo no envelope quando um pensamento lhe ocorreu. Rápido, quase com um sentimento de culpa, desdobrou a carta e acrescentou um pós-escrito: “Peço-lhe, por sua honra, como dedicado à sua própria crença, que não mencione meu nome, nem que lhe escrevi, pois isso é contrário aos regulamentos de minha Ordem.” Após suas iniciais, secou a tinta e depois colocou a carta dobrada no envelope, selando-o. Remexeu em seus papéis até encontrar um livro e neste consultou o porte postal para o Canadá. Procurando nas gavetas e escaninhos, conseguiu achar os selos, que foram colados ao envelope. O padre guardou então cuidadosamente a carta nas dobras de suas vestes. Levantando-se, apagou a luz e saiu da sala.

— Ah, Padre — disse uma voz, no corredor — vai à cidade, ou posso fazer alguma coisa pelo senhor lá? Tenho de fazer umas compras e terei prazer em servi-lo.

— Não, obrigado, Irmão — respondeu o professor mais velho ao seu subordinado. — Estou com vontade de dar uma volta pela cidade, para fazer um pouco de exercício, de que estou bem precisado. Pretendo apenas dar uma volta até à rua principal.

Sérios, trocaram cumprimentos e cada um seguiu seu caminho, saindo o professor do edifício secular de pedras cinzentas, manchadas pela idade e meio cobertas por hera. Lentamente, foi andando pelo caminho, as mãos cruzadas sobre o crucifixo, murmurando sozinho, como era hábito dos padres de sua Ordem.

Na rua principal, logo depois do portão, as pessoas o cumprimentaram respeitosamente e muitas se persignaram. Lentamente o velho professor foi caminhando pela rua até chegar à caixa de coleta de cartas do lado de fora dos Correios. Furtivamente, sentindo-se culpado, olhou em volta para ver se havia alguém de sua Ordem por perto. Vendo que estava tudo em ordem, tirou a carta de dentro da roupa e jogou-a na caixa do correio. Aí, com um suspiro de alívio, virou-se e voltou por onde viera.

De volta ao seu gabinete particular, novamente ao lado do fogo crepitante e com uma luz bem velada iluminando o livro, ele leu até altas horas da noite. Por fim, fechou o livro,

trancou-o num armário e foi embora para sua cela, murmurando consigo mesmo:

— Em que devo crer, em que devo crer?

* * *

O céu nublado contemplava sombriamente a noite de Londres. A chuva varria as ruas tiritantes, os transeuntes apressados segurando seus guarda-chuvas com força contra o vento. Londres, as luzes de Londres, e as pessoas apressando-se do trabalho para suas casas. Os ônibus passando roncando, gigantescos ônibus vermelhos, espalhando água pelas calçadas, e grupos de pessoas tiritantes procurando evitar o sujo chuveiro.

Nas calçadas diante das lojas, as pessoas se amontoavam em grupos, esperando que chegassem seus ônibus, correndo para os meio-fios quando aparecia um ônibus e depois voltando, desapontadas, quando as placas mostravam os números errados. Londres, onde metade da cidade ia para casa e a outra metade ia para o trabalho.

Em Harley Street, o coração mundial do mundo médico, um homem de cabelos grisalhos caminhava de um lado para outro, inquieto, sobre uma pele de urso, diante de um fogo crepitante. Para um lado e para o outro ia ele, as mãos cruzadas nas costas, a cabeça curvada sobre o peito. Depois, num impulso, atirou-se sobre uma poltrona de couro bem estofada e tirou um livro do bolso. Folheou-o, rapidamente, até chegar ao trecho que procurava, um trecho sobre a aura humana. Ele o releu e o releu de novo. Por algum tempo ficou olhando para o fogo e depois bateu a cabeça, tomando uma resolução e levantando-se. Saiu apressadamente da sala, indo para outro aposento. Trancou a porta cuidadosamente e foi até sua secretária. Afastando para um lado uma pilha de relatórios médicos e certificados ainda em branco, sentou-se e apanhou uma folha de papel de carta particular de uma gaveta.

“Prezado Dr. Rampa”, escreveu ele, numa caligrafia quase indecifrável, “li seu livro com decidida fascinação, uma fascinação muito intensificada pela minha própria crença — pelos meus próprios conhecimentos — de que o que o senhor escreve é a verdade.”

Leu cuidadosamente o que acabara de escrever, e para ter certeza absoluta, tornou a ler antes de continuar: “Tenho um

filho, um rapaz inteligente, que há pouco foi operado do cérebro. Ora, desde essa operação, ele nos diz que é capaz de ver cores estranhas em volta dos corpos humanos, que vê luzes em volta da cabeça humana, e não apenas a cabeça humana, ou o corpo humano — mas também dos animais. Durante algum tempo meditamos profundamente sobre esse caso, imaginando o que teríamos feito de errado na operação, achando que talvez tivéssemos desorganizado seu nervo ótico, mas depois de ler seu livro, sabemos que não foi nada disso: meu filho está vendo a aura humana; portanto, sei que o senhor escreve a verdade.

“Gostaria muito de conhecê-lo, se vier a Londres, pois creio que poderá auxiliar enormemente meu filho. Muito sinceramente...”

Releu o que escrevera e depois, como um padre antes dele, já ia dobrando a carta e introduzindo-a no envelope, mas seus olhos caíram sobre o busto de um pioneiro médico. O especialista teve um sobressalto, como se tivesse sido picado por uma abelha, e rapidamente tomou a pegar a pena, acrescentando um pós-escrito à carta: “Espero que não revele meu nome nem o conteúdo desta carta a ninguém, pois isso prejudicaria minha posição aos olhos de meus colegas.” Escreveu suas iniciais com cuidado, dobrou a carta e guardou-a no envelope. Apagou as luzes e saiu da sala. Lá fora, esperava o seu carro, muito luxuoso. O chofer imediatamente pôs-se a postos, enquanto o especialista dizia:

— Para o Correio de Leicester Square.

O carro partiu e pouco depois a carta era colocada na caixa de coleta, chegando a seu destino no devido tempo.

* * *

E assim as cartas foram chegando, cartas daqui, dali, de toda parte, do norte e do sul, do leste e do oeste — cartas, cartas, cartas, uma quantidade infindável de cartas, todas exigindo uma resposta, todas garantindo que seus próprios problemas eram únicos e que nunca ninguém tivera tais problemas. Cartas de condenação, cartas de louvor, cartas suplicantes. De Trinidad chegou uma carta escrita no papel escolar mais barato, numa caligrafia de analfabeto completo: “Sou um Santo Missionário, trabalho para o bem de Deus. Dê-me dez mil dólares e uma nova camioneta. Ah, é mesmo, também pode mandar-me

uma coleção de seus livros, grátis, e aí acreditarei no que escreve.”

De Cingapura chegou a carta de dois rapazes chineses: “Desejamos ser médicos. Não temos dinheiro. Queremos que o senhor pague nossas passagens de avião, em primeira classe, de Cingapura até à sua casa, e depois conversaremos com o senhor e lhe diremos como nos poderá dar o dinheiro para estudarmos medicina e praticarmos o bem para a humanidade. E também pode mandar-nos um pouco de dinheiro extra para podermos visitar um amigo nosso em Nova York, América do Norte. Faça isso por nós e estará fazendo bem ao povo, e então acreditaremos.”

As cartas chegavam às centenas, aos milhares, todas exigindo uma resposta. Poucos, muito poucos, sequer pensavam nas despesas de se escrever, no papel de carta, nos selos. Escreviam: “Conte-nos mais sobre o que acontece depois da morte. Conte-nos o que É a morte. Não compreendemos a morte, o senhor não nos conta o suficiente, não deixa as coisas claras. Conte-nos tudo.”

Outros escreviam: “Conte-nos sobre as religiões, conte se temos esperança depois desta vida, se não formos católicos.” Outros ainda escreviam: “Dê-me um mantra para eu poder vencer o Sweepstake Irlandês, e se eu tirar o primeiro prêmio de um milhão, eu lhe darei dez por cento.”

E uma pessoa escreveu: “Moro no Estado do Novo México, onde há uma mina perdida. Diga-me onde fica a mina perdida — o senhor pode ir até o astral e descobri-la — e se me disser onde ela se encontra, e eu a descobrir, prometo dar- lhe um presente em dinheiro por seus serviços.”

As pessoas escreviam pedindo que eu lhes contasse mais, contasse tudo, contasse mais que tudo para saberem no que deviam acreditar.

A Srta. Sheelagh Rouse estava sentada à sua secretária, com seus óculos de aro de ouro equilibrados precariamente no nariz. De vez em quando levantava um dedo e os empurrava para trás.

Ela olhou para a cadeira de rodas que passava por sua porta e disse, meio feroz:

— O senhor só escreveu dezesseis livros! Por que não escrever outro, o décimo sétimo, contando às pessoas em que é que PODEM acreditar? Olhe todas as cartas que recebeu, pedindo mais um livro, pedindo que lhes diga em que podem crer. — Eu o datilografarei para o senhor! — concluiu ela, satisfeita.

A Srta. Tadalinka e a Srta. Cleópatra Rampa sentaram-se no corredor, diante da cadeira de rodas, e sorriram, satisfeitas. A Srta. Taddy, meditando profundamente, teve de coçar a orelha esquerda com a pata esquerda, enquanto se concentrava nas implicações de mais um livro. Contente, ela se pôs de quatro e foi caminhando lentamente para sua poltrona favorita.

Mama San Ra'ab Rampa levantou os olhos com uma expressão espantada no rosto. Sem dizer uma palavra — talvez não pudesse falar! — ela me entregou um pedaço de cartão azul, com os dizeres “Mama San Ra'ab Rampa, Pussywillow” e depois, no centro da página, vi meu rosto em azul, como se eu estivesse morto havia muito tempo e tivesse sido desenterrado muito tarde. E abaixo dele, a cara de gato siamês mais esquisita que já vi na vida. Bem, por algum tempo fiquei sem fala, mas imagino que seja bom ver a primeira capa de nosso primeiro livro. Sou parcial, pois este é o meu décimo sétimo e não é mais novidade.

— Mas, Mama San — disse eu — o que é que VOCÊ acha de mais um livro? Vale a pena o esforço, estando eu metido na cama como um boneco estúpido, ou devo desistir?

Mama San piscou os olhos, depois do impacto de sua primeira capa de livro, e disse:

— Ah, sim, claro que você deve escrever um livro. Estou pensando em escrever o meu segundo!

A Srta. Cléo Rampa e Srta. Taddy Rampa cheiraram bem a capa e foram embora, as caudas levantadas. Parece que tinham aprovado.

Naquele momento tocou o telefone e era John Henderson, viajando pelo sertão dos Estados Unidos, na confluência de muitas águas. Ele disse:

— Olá, Chefe, estive lendo uns artigos muito bons que o elogiam. Há um muito bom na revista que lhe enviei.

— Ora, John — respondi — não me importa nem um pouco o que os jornais e revistas escrevem a meu respeito. Não

os leio, sejam os artigos bons ou maus. Mas o que é que VOCÊ pensa de mais um livro, o décimo sétimo.

— Puxa, Chefe — respondeu John H. — era isso o que eu queria ouvir! Já está na hora de você escrever mais um livro! Todo mundo está ansioso e parece que os livreiros estão recebendo muitas consultas.

Bem, aquilo foi um golpe e tanto: todo mundo parecia estar-se reunindo, todo mundo parecia querer mais um livro. Mas o que pode fazer um pobre coitado que se aproxima do fim da vida e sofre ferozes exigências fiscais de um país totalmente sem compreensão — e é preciso fazer alguma coisa para se ganhar a vida, ou para afastar da porta os lobos do imposto sobre a renda?

Essa é uma das coisas que me amarguram — o imposto sobre a renda. Sou inválido e passo a maior parte do tempo na cama. Não sou um encargo para o país, mas pago um imposto absurdo, porque sou escritor e trabalho em casa. E no entanto algumas das companhias de petróleo daqui não pagam imposto algum, pois algumas estão empenhadas numa “pesquisa” totalmente mítica e, como tais, estão isentas dos impostos. E depois penso em alguns desses cultistas birutas que se estabelecem como organizações não-lucrativas, pagando a si, seus parentes e amigos altos salários, mas não pagam impostos porque estão registrados como entidades não-lucrativas.

Portanto, aconteceu que, sem eu o querer, tive de escrever um décimo sétimo livro, e foi a opinião geral, depois da leitura de cartas e mais cartas, que o título deveria ser “CREIO”.

Esse livro tratará da vida antes do nascimento, a vida na Terra e a passagem da Terra e a volta para a Vida do Além. Tem o título *A Fé que me Guia*, mas isso é totalmente incorreto; não é uma questão de crença, e sim de CONHECIMENTO. Posso fazer tudo sobre o que escrevo. Posso passar ao astral com a mesma facilidade com que outra pessoa pode passar para outro quarto — bem, isso é uma coisa que não consigo fazer, passar para outro quarto sem ter de me apoiar em muletas ou numa cadeira de rodas, mas no astral a gente não precisa de muletas, nem cadeiras de rodas, nem de remédios. Portanto, neste livro escrevo sobre a verdade. Não estou exprimindo uma opinião, mas apenas contando as coisas como elas REALMENTE são.

Está na hora de tratar do assunto. Portanto — passemos ao Capítulo Dois.

CAPITULO DOIS

Algernon Reginald St. Clair de Bonkers caiu no chão do banheiro, fazendo um barulho encharcado. Algernon ficou deitado no chão, produzindo ruídos borbulhantes e soltando gemidos. Do lado de fora, no corredor, uma arrumadeira que passava parou de repente e sentiu os dedos gelados do medo subindo e descendo por sua espinha. Em voz trêmula, falou através da porta:

— O senhor está bem, Sir Algernon? Sir Algernon, o senhor está bem?

Não recebendo resposta, girou a maçaneta da porta e entrou no banheiro.

Imediatamente, seus cabelos se eriçaram e, respirando fundo, ela deu o grito mais maravilhoso de toda a sua carreira, e continuou a gritar, cada vez mais alto na escala vocal. Completamente sem fôlego, desmaiou ao lado de Algernon, no chão do banheiro.

Ouviu-se então o ruído de vozes agitadas. O barulho de pés subindo a escada e correndo pelo corredor. Os primeiros que chegaram pararam tão de repente que arrancaram o tapete do lugar e depois se juntaram, como que para se darem confiança mutuamente, e espiaram pela porta aberta.

Algernon St. Clair de Bonkers estava deitado de bruços no chão do banheiro, o sangue escorrendo de um corte em seu pescoço e ensopando o corpo inconsciente da arrumadeira deitada ao seu lado. De repente ela respirou forte, contorceu-se e abriu os olhos. Durante alguns segundos olhou para a poça de sangue debaixo de seu corpo, estremeceu e depois, com um grito medonho, que perturbou os nervos de todos os presentes, tomou a desmaiar, dessa vez com o rosto bem mergulhado no sangue supostamente azul de seu patrão.

Algernon estava deitado no chão. Sentia que estava tudo girando, tudo era fantasticamente irreal. Ouviu um barulho

agudo, como um vagido, e depois umas borbulhas horríveis, que aos poucos se tornavam menos borbulhantes enquanto o sangue se despejava par fora de seu corpo mutilado.

Algernon sentiu coisas muito estranhas acontecendo dentro de si. Aí ouviu-se um grito tremendo e a arrumadeira caiu ao seu lado, batendo em seu corpo. Com aquele solavanco repentino, Sir Algernon foi empurrado para fora de seu corpo e saltou para cima como um balão num cordel.

Durante alguns segundos ficou olhando em torno, abismado diante do ponto de vista completamente estranho. Parecia estar fiutuando de bruços do teto e depois, ao olhar para os dois corpos embaixo, viu um Cordão de Prata estendido de seu corpo “novo” ao velho deitado ali, inerte. Enquanto olhava, o Cordão tomou um tom cinza-escuro, manchas horríveis apareceram no lugar em que ele se unia ao corpo no chão, e depois ele murchou e caiu como um cordão umbilical. Mas Algernon ficou ali, como que grudado ao teto. Gritou em altos brados, pedindo ajuda, sem perceber que tinha saído de um corpo morto e passara ao plano astral. Ficou ali, pregado contra o teto ornamentado de seu lar ancestral. Ficou ali, invisível às caras curiosas que espiavam no banheiro, levavam um tempo enorme para olharem tudo, e depois desapareciam, sendo substituídas por outras. Viu a arrumadeira voltar a si, olhar para o sangue em que caíra, gritar e tornar a desmaiar.

A voz pesada e estudada do mordomo rompeu o silêncio.

— Vamos, vamos — disse ele — não vamos cair em pânico. Você, Bert — apontando para um lacaio — vá chamar a Polícia, chame o Dr. Mackintosh e creio que também deva chamar o agente funerário.

Tendo concluído esse discurso, fez um gesto imperioso para o lacaio e voltou-se para os dois corpos. Puxando as calças, para elas não se amassarem em seus joelhos, abaixou-se e, com muito cuidado, segurou o pulso da arrumadeira, soltando uma exclamação de profunda repugnância quando sua mão tocou no sangue. Retirou depressa a mão e limpou o sangue na saia da arrumadeira. Depois, agarrando a coitada da moça por uma das pernas — por um dos tornozelos — ele a puxou para fora do banheiro. Ouviram-se risadinhas controladas quando a saia da pobre empregada rolou para cima, em volta de sua cintura, e subiu até seus ombros, risadas que foram logo reprimidas diante de um olhar furioso do mordomo.

A governanta adiantou-se e abaixou-se, recatada, e em nome do decoro, ajeitou a saia da arrumadeira. Depois dois

criados carregaram a arrumadeira e levaram-na às pressas pelo corredor, enquanto o sangue escorria de suas roupas ensopadas.

O mordomo avançou mais para dentro do banheiro e olhou em volta, com cuidado.

— Ah, sim — disse ele — lá está a arma com que Sir Algernon acabou com sua vida. — Ele apontou para uma navalha aberta, manchada de sangue, que escorregou pelo chão para junto da banheira.

Ficou ali como uma estátua, à porta do banheiro, até que se ouviu o barulho de cavalos galopando. Aí apareceu o laçao, que disse:

— A Polícia acaba de chegar, Sr. Harris, e o médico já está a caminho.

Ouviram-se vozes agitadas no *hall* e depois passos pesados e majestosos ressoaram pela escada e desceram pelo corredor.

— Bem, bem, o que temos aqui? — falou uma voz rude. — Parece que houve um suicídio, mas vocês têm certeza de que não foi um assassinato?

Quem pronunciou essas palavras, um policial de farda azul, enfiou a cabeça no banheiro, sacando automaticamente um bloco de notas, sempre preparado no bolso do paletó. Pegando o toco de um lápis, lambeu-o e depois abriu o bloco, com cuidado. Ouviu-se o ruído de um cavalo trotando depressa e mais movimento à porta, seguido de um passo muito mais leve e rápido na escada. Apareceu um rapaz magro, com uma malinha preta:

— Ah, Sr. Harris — disse o homem, que, na verdade, era o médico — parece que há algum doente aqui, ou uma tragédia talvez, hein?

— Ora, vamos, doutor — explicou o policial de cara vermelha — ainda não terminamos nossas investigações. Temos de verificar a causa da morte...

— Mas, sargento — disse o médico — tem certeza de que ele está realmente morto? Não devemos verificar primeiro?

Calado, o sargento apontou para o corpo e o fato de estar a cabeça quase separada do pescoço. O corte estava aberto, agora que todo o sangue se esvaíra do corpo, ensopando o chão do banheiro e o tapete do corredor. O sargento disse:

— Então, Sr. Harris, vamos ver sua versão do ocorrido. Quem fez isso?

O mordomo passou a língua pelos lábios, nervoso, não gostando nada do jeito que tomavam as coisas. Teve a impressão de estar sendo acusado de assassinato, mas até mesmo a inteligência mais primária teria concluído que os ferimentos naquele corpo tinham sido feitos pelo próprio morto. Mas sabia que tinha de estar bem com a Lei, de modo que começou:

— Conforme todos sabem, meu nome é George Harris. Sou o mordomo desta casa. Os outros domésticos e eu ficamos assustados ao ouvir a arrumadeira — Alice White — gritando, a voz cada vez mais alta, até acharmos que os nossos nervos arrebentariam de tensão, e depois ouvimos um baque e mais nada. Assim, corremos para cima e descobrimos. . . — ele parou, dramaticamente, depois estendeu as mãos em direção ao banheiro e disse: — isto!

O sargento resmungou entre dentes e mastigou os bigodes, compridos e caídos, tendo fiapos de ambos os lados da boca. Depois, ordenou:

— Tragam essa Alice White. Vou interrogá-la.

A governanta chegou apressada pelo corredor, dizendo:

— Ah, não vai, não, sargento, temos de dar-lhe um banho, ela está coberta de sangue e numa crise histérica. Coitadinha, não admira. E não vá pensar que pode chegar aqui mandando em todos nós, pois não temos nada a ver com isso e quero que se lembre de todas as vezes em que chegou à porta de minha cozinha de noite para comer um bom jantar!

O médico adiantou-se, com muito cuidado, e disse:

— Bem, acho bom darmos uma olhada no corpo. Parece que estamos perdendo muito tempo sem adiantar coisa alguma. — E dizendo isso, adiantou-se, tirou com cuidado as abotoaduras de seus punhos engomados, colocando-as no bolso, e enrolou as mangas da camisa, depois de ter passado o paletó para o mordomo segurar.

Abaixando-se, o médico examinou com cuidado o corpo, sem tocá-lo. Depois, com um rápido movimento do pé, virou o cadáver, até ele ficar de costas, os olhos abertos olhando para cima.

O ente que fora Sir Algernon olhava fascinado para tudo aquilo. Ele se sentia muito estranho naquilo tudo, e por um momento não conseguiu compreender o que acontecera, mas alguma força o mantinha preso ao teto, de cabeça para baixo, o Algernon vivo olhando para olhos mortos, vidrados e ensan-

güentados do Algernon morto. Ele repousava de cabeça para baixo, contra o teto, prestando uma atenção extasiada, assombrado com aquela estranha experiência. Sua atenção estava presa às palavras do Sr. Harris.

— Sim, o pobre do Sir Algernon fora soldado raso durante a guerra dos Boêres. Lutara com grande bravura contra os Boêres e fora gravemente ferido. Infelizmente, levou um golpe num lugar muito delicado, que não posso descrever mais adequadamente diante das senhoras presentes, e ultimamente sua incapacidade de.. . hmmm... funcionar vinha cada vez mais provocando crises de depressão e em várias ocasiões nós outros o ouvimos declarar que a vida sem essas necessidades não valia a pena ser vivida e ameaçava acabar com tudo.

A governanta fungou, com pena, e a segunda arrumadeira também fungou, em sinal de compreensão. O primeiro lacaio murmurou, concordando que também ouvira essas coisas. Aí o médico olhou para todas as toalhas, arrumadas com tanto capricho nos porta-toalhas e com um movimento rápido, espalhou-as todas no chão do banheiro. Com um dos pés limpou o sangue, que já estava começando a coagular. Depois, virando os olhos para a travessa da banheira, viu ali um tapete de banho, uma coisa bastante grossa. Colocou-o no chão ao lado do corpo e ajoelhou-se. Pegando seu estetoscópio de vara de madeira, desabotoou a roupa do cadáver e colocou a extremidade em forma de botão ao peito e o ouvido na concavidade da madeira na outra extremidade. Todos se calaram e ficaram de respiração presa, até que afinal o médico sacudi a cabeça, dizendo:

— Sim, esta vida está extinta, ele está morto.

Com isso, pegou seu estetoscópio de madeira, colocando-o dentro das calças, num bolso especial, e levantou-se, limpando as mãos num pano que lhe foi entregue pela governanta.

O sargento apontou para a navalha e disse:

— Doutor, é esse o instrumento que acabou com a vida desse corpo?

O médico olhou para baixo, mexeu na navalha com o pé e depois apanhou-a pelas dobras da toalha.

— Sim — disse ele — isto cortou desde a carótida, atravessando a jugular, voltando à carótida. A morte deve ter sido quase instantânea. Calculo que ele deve ter levado apenas sete minutos para morrer.

O Sargento Murdock estava muito ocupado lambendo o lápis e escrevendo muitas notas em seu livrinho. Depois veio um ronco mais pesado, como de um carro puxado por cavalos. Mais uma vez uma campainha tocou na cozinha. Novamente ouviram-se vozes no *hall* e depois um homenzinho lépido subiu a escada, cumprimentando cerimoniosamente o mordomo, o médico e o sargento, nessa ordem.

— Ah, o corpo já está pronto para mim? — perguntou ele.
— Pediram-me que viesse aqui para buscar um corpo, o corpo de um suicida.

O sargento olhou para o médico, o médico olhou para o Sargento, e depois ambos olharam para o Sr. Harris.

— Tem alguma coisa a dizer a respeito disso, Sr. Harris? Sabe se algum dos parentes do morto virá aqui? — perguntou o sargento.

— Não, sargento, eles não teriam tempo de chegar aqui tão depressa. Acho que o parente mais próximo mora a cerca de meia hora de viagem, num cavalo ligeiro, e já mandei um mensageiro. Acho que seria conveniente o agente funerário levar o cadáver para o salão porque, evidentemente, não podemos permitir que os parentes vejam Sir Algernon num estado tão deplorável, podemos?

O sargento olhou para o médico e o médico olhou para o sargento, e depois, simultaneamente, disseram:

— Sim.

E então o sargento, como representante da Lei, sentenciou:

— Está bem, levem o corpo, mas mandem um relatório muito completo para a Delegacia o mais breve possível. O Superintendente vai precisar dele antes do amanhecer.

O médico disse:

— Terei de informar o médico-legista a respeito disso; é provável que ele queira fazer uma autópsia.

O médico e o sargento recuaram. O agente funerário delicadamente afastou o mordomo, os lacaios, a governanta e as empregadas, e depois dois de seus funcionários subiram a escada carregando um caixão leve. Colocaram o caixão no chão do lado de fora do banheiro e tiraram a tampa. Dentro do caixão havia muita serragem; eles entraram no banheiro e levantaram o cadáver, deixando-o cair sem cerimônia no caixão e depois recolocaram a tampa com cuidado.

Lavaram rapidamente as mãos na pia e, não encontrando toalhas limpas, enxugaram as mãos molhadas nas cortinas. Depois saíram para o corredor, espalhando com seus sapatos o o sangue meio coagulado por todo o tapete do corredor.

Com muitos grunhidos levantaram o caixão e se dirigiram para a escada.

— Dêem uma mãozinha aqui, vocês — pediu o agente aos dois lacaios. — Segurem a extremidade de baixo, não podemos mergulhá-lo.

Dois homens adiantaram-se e com cuidado levaram o caixão escadas abaixo e para fora de casa, colocando-o dentro de uma carruagem preta fechada. O agente funerário entrou, os dois assistentes subiram para a boléia, as rédeas foram tomadas e os cavalos saíram num passo ritmado.

O Sargento Murdock tornou a subir pesadamente a escada e entrou no banheiro. Com um pano, pegou a navalha aberta e colocou-a num canto. Depois procedeu a um exame metuculoso, para ver se encontrava mais alguma coisa que pudesse ser utilizada esmo prova.

O espírito de Sir Algernon, grudado no teto, olhava para baixo, completamente fascinado. Depois, por algum motivo, o Sargento Murdock olhou para o teto, deu um berro de susto e caiu com um baque que rachou a tampa da privada. Com isso o espírito de Sir Algernon desapareceu ele próprio, perdendo a consciência, só tendo noção de um zumbido estranho, um rodopio fantástico e nuvens de trevas como a fumaça de um lampião de parafina que foi virado demais e depois foi abandonado numa sala.

E assim a escuridão o envolveu e o espírito de Sir Algernon não se interessou mais pelas ocorrências, pelo menos por algum tempo.

Algernon Reginald St. Clair de Bonkers agitou-se, inquieto, no que parecia ser um sono profundo, entorpecido. Pensamentos estranhos passavam por sua consciência meio adormecida. Havia trechos de músicas celestial, seguidos de explosões de sons infernais. Algernon agitava-se, inquieto, e num período de maior consciência verificou, com espanto, que seus movimentos eram lentos, entorpecidos, como se estivesse mergulhado numa substância melosa.

Algernon Reginald St. Clair de Bonkers despertou com um sobressalto e tentou sentar-se direito, mas viu que seus movimentos eram difíceis e que só se podia mexer em câmara

lenta. Caiu em pânico e procurou debater-se em sua angústia, mas viu que seus movimentos eram vagarosos e aquilo acalmou-o bastante. Tocou nos olhos, para ver se estavam abertos ou fechados, pois não via luz alguma. Não importava que estivessem abertos ou fechados, não havia sensação de luz. Ele abaixou as mãos, para sentir a estrutura da cama, mas aí deu um grito de susto, pois não havia cama alguma debaixo dele, pois estava suspenso — como ele mesmo o exprimiu — “como um peixe enfiado num xarope dentro de um aquário.”

Por algum tempo debateu-se debilmente com os braços, como faz um nadador, tentando empurrar alguma coisa, para ter a satisfação de chegar a algum lugar. Porém, por mais que empurrasse, com as mãos espalmadas, os braços estendidos e os pés, “alguma coisa” o prendia.

Para sua surpresa, todos esses esforços não o deixaram sem fôlego, nem fatigado, de modo que, tendo percebido a inutilidade do esforço físico, ficou ali deitado, pensando.

“Onde estava eu?”, pensou. “Ah, sim, recordo-me, tentei matar-me, cheguei à conclusão de que era inútil continuar como antes, privado de companhias femininas devido à natureza de minha incapacidade. Que infelicidade que os nojentos dos Boênes me tivessem ferido logo ALI!”

Durante alguns minutos ficou pensando no passado, pensando no Boer barbado que erguera a carabina e propositadamente, muito propositadamente, apontara a arma para ele, não com o objetivo de matá-lo, e sim com o objetivo definido do que se pode chamar, educadamente, de roubar-lhe a virilidade. Pensou no “caro vigário” que recomendara a mansão Algernon como um refúgio muito seguro para as empregadinhas que tinham de ganhar a vida. Pensou ainda no pai, que dissera, enquanto o rapaz ainda estava no colégio: “Bem, Algernon, meu filho, você tem de aprender as coisas da vida, tem de praticar com alguma das criadas que temos aqui, verá que são bem úteis para se brincar, mas não leve isso muito a sério. As classes inferiores existem para a nossa conveniência, não é?”

“Sim”, pensou ele, “até mesmo a governanta tinha sorriso de um jeito especial quando tomaram uma empregadinha especialmente bonitinha. A governanta dissera: “Você estará bem segura aqui, meu bem, o patrão não a molestará de todo, é como um desses cavalos dos campos, sabe, que foram domados. Sim, estará bem segura aqui, e a governanta se virara, com uma risadinha maliciosa.

Algernon passou sua vida em revista, detalhadamente. O impacto arrasador da bala e como ele se dobrara de agonia. Em seus ouvidos ainda ouvia a risada rude do lavrador Bôer ao dizer: “Acabaram-se as pequenas para você, filho, nós o impediremos de perpetuar o nome da família. Agora você será como um daqueles eunucos de que se fala tanto!”

Algernon sentia-se ruborizar de vergonha, e aquilo lhe lembrou o plano a longo prazo que concebera, um plano para suicidar-se, que se seguira à conclusão de que não poderia continuar a viver em condições tão estranhas. Achava intolerável quando o vigário o visitara e fizera referências indiretas ao seu estado, dizendo que ficaria muito satisfeito se um rapaz tão seguro o ajudasse com as reuniões das senhoras e as sessões de costura das tardes de domingo e essas coisas, porque, dissera o vigário, “nunca se pode ser cauteloso demais, não é? Não devemos colocar em jogo o bom nome da Igreja, não é?”

E depois o médico, o velho médico da família, o Dr. Mortiner Davis, que costumava ir lá à tardinha, em seu velho cavalo Wellington. O Dr. Davis sentava-se no escritório e tomavam juntos um bom cálice de vinho, mas o ambiente sempre se deteriorava quando o médico dizia: “Bem, Sir Algernon, acho que deveria examiná-lo, pois temos de assegurar-nos de que o senhor não adquira características femininas, pois, a não ser que controlemos as coisas com muito cuidado, o senhor poderá verificar que seus pêlos faciais começarão a cair e que poderá adquirir... hmmm... busto feminino. Uma das coisas em que devemos prestar bem atenção é qualquer modificação no timbre de sua voz, pois agora que já perdeu algumas glândulas, a química de seu organismo modificou-se.”

O médico olhava para ele de maneira muito curiosa para ver como ele aceitava aquilo e depois dizia: “Bem, acho que aceito mais um cálice de vinho; vocês têm um vinho excelente aqui, o seu querido pai era grande conhecedor dos luxos da vida, especialmente o lado feminino dos luxos, ah, ah, ah!”

O coitado do Algernon chegara ao auge do sofrimento quando um dia ouvira o mordomo conversando com a governanta: “Foi uma coisa horrível, sabe, o que aconteceu a Sir Algernon, um rapaz tão viril, uma honra para a sua classe. Sei bem que, antes de a senhora vir para cá e antes de ele ir para a guerra, caçava e deixava uma impressão muito favorável sobre as mães destas vizinhanças. Elas estavam sempre convidando Sir Algernon para festas, sempre o consideravam um

rapaz muito bem e um candidato desejável para as filhas que entravam na sociedade. Mas hoje... bem, as mães têm pena dele, mas pelo menos sabem que não é preciso uma acompanhante quando ele sai com suas filhas. Um rapaz muito seguro, muito seguro mesmo.”

“Sim”, pensava Algernon, “um rapaz muito seguro mesmo. Eu queria saber o que teriam feito em meu lugar, deitado ali no campo de batalha, sangrando, com as calças da farda ensopadas de sangue, e depois quando apareceu o cirurgião no campo, cortando as minhas roupas e com uma faca afiada amputando os restos do que me distinguia de uma mulher. Ah!, que agonia foi aquilo. Hoje em dia há essa coisa chamada clorofórmio, que, dizem, alivia a dor, que nos poupa da agonia das operações, mas no campo de batalha — não, nada a não ser a faca cortante e a bala entre os dentes, para a gente morder a bala e não gritar. E depois a vergonha de tudo isso, a vergonha de ser amputado — ALI. Ver os subalternos ficarem constrangidos e, ao mesmo tempo, contando histórias maldosas, pelas costas da gente.

Sim, que vergonha, que vergonha! O último membro de uma família antiga, os de Bonkers, que vieram com os invasores normandos e se instalaram nesta região tão saudável da Inglaterra e construíram uma grande mansão e tinham seus colonos lavradores. Agora ele, o último da estirpe, impotente por ter servido à pátria, impotente e objeto de escárnio de parte de seus pares. E o que há de rizível num homem ficar inválido a serviço dos outros? Agora, porque lutara pela pátria, sua linhagem terminaria.

Algernon ficou ali deitado, nem no ar nem na terra. Não conseguia saber onde estava, não podia resolver o que era. Ficou ali, debatendo-se como um peixe fora d'água, e depois pensou: “Estarei morto? O que é a morte? Eu me vi morto, então como é que estou aqui?”

Inevitavelmente, seus pensamentos voltaram-se novamente para os fatos que ocorreram depois de sua volta à Inglaterra. Ele se imaginou caminhando com certa dificuldade, e depois cuidadosamente observando as expressões e os atos de seus vizinhos, de sua família e de seus empregados. Foi concebendo a idéia de matar-se, de que devia acabar com uma vida inútil. Em certa ocasião, ele se trancara em seu gabinete e pegara na pistola, limpando-a cuidadosamente, carregando-a e acertando-a. Depois levou o cano à sua têmpora direita e puxara o gatilho.

Só conseguira um ruído surdo. Por alguns minutos ficara ali sentado, assombrado, sem poder acreditar, pois sua pistola de confiança, que usara em toda a guerra, afinal o traíra e ele continuava vivo. Colocara uma folha de papel fino sobre a mesa e pusera a pistola sobre ela. Tudo estava em ordem, a pólvora, o cartucho, a cápsula, tudo em ordem. Ele tomara a juntar tudo, a pólvora, o cartucho e a cápsula, e sem pensar, puxara o gatilho. Ouvira um estrondo e o tiro saíra pela janela. Ouvira gente correndo e batendo à porta. Devagar, levantara-se e abrira a porta, deixando entrar o mordomo, assustado e pálido.

— Ah, Sir Algemon, Sir Algernon, pensei que tivesse acontecido alguma desgraça terrível — dissera o mordomo, muito perturbado.

— Não, está tudo bem, eu estava apenas limpando minha pistola e ela disparou. Mandé chamar alguém para consertar a janela, sim?

Depois, tentara montar a cavalo. Montara uma velha égua tordilha e estava saindo das cocheiras quando um cavaleiro dera uma risada, cochichando para um moço da estrebaria:

— Duas éguas velhas juntas agora... O que é que acha disso?

Ele se virara e dera uma chicotada no garoto e depois atirara as rédeas sobre o pescoço do cavalo, saltara e voltara depressa para casa, nunca mais tornando a montar.

Depois, em outra ocasião, pensara naquela planta exótica, originária daquele país quase desconhecido, o Brasil, uma planta que, supunha-se, provocava a morte instantânea naqueles que mastigavam suas frutinhas e engoliam seu suco venenoso. Fizera aquilo, pois tinha uma dessas plantas, que lhe tinha sido dada de presente por um viajante. Durante dias havia regado a planta com cuidado, alimentando-a como um recém-nascido, e depois quando a planta estava viçosa, pegara as frutinhas e as metera na boca.

“Ah, que agonia!”, pensou ele, “que vergonha! Não morrerá, mas sentira coisas mil vezes piores do que a morte. Que perturbação gástrica! Nunca na vida tivera um tal desarranjo, um desarranjo que não lhe dava tempo nem de chegar à privada. E o choque da governanta, quando teve de pegar suas roupas muito sujas e entregá-las à lavadeira.” Ele ficava vermelho só de pensar nisso.

E depois, sua última tentativa. Mandara vir de Londres o melhor armeiro daquela cidade e dele obtivera a melhor e mais afiada navalha, um belo instrumento, gravado com o nome e brasão do fabricante. Sir Algernon pegara aquela lâmina maravilhosa e a afiara bem afiada. E depois, com um golpe rápido, cortara sua garganta de orelha a orelha, de modo que apenas a nuca conservara sua cabeça sobre os ombros.

E assim, ele se vira morto. Sabia que estava morto porque sabia que se matara, e depois olhara do teto e se vira no chão, com olhos que se tornavam rapidamente vidrados. Ficara ali deitado no escuro e pensara muito.

A morte? O que ERA a morte? Haveria alguma coisa depois da morte? Ele e seus subalternos e os outros oficiais do quartel muitas vezes haviam discutido o assunto. O padre tentara explicar a respeito da vida imortal, sobre a subida aos céus e um hussardo intrépido, um major, dissera: “Ah, não, Padre, tenho certeza de que tudo isso está errado. Quando a gente morre, morreu e está acabado. Se eu matar um Bôer, está-me dizendo que ele vai diretamente para o Céu ou outro lugar? Se eu o matar com uma bala no coração e ficar ali de pé com o pé sobre seu peito, posso garantir-lhe que ele está bem ali debaixo de mim, morto, morto como um porco recheado. Quando morremos, morremos, e não há mais nada.

Rememorou de novo todos os argumentos a favor da vida depois da morte. Imaginou como é que alguém podia dizer que havia vida depois da morte.

“Se a gente mata um homem, bem, ele morreu e acabou-se. Se existisse uma alma, a gente veria alguma coisa deixar o corpo por ocasião da morte, não é?”

Algernon ficou ali deitado, matutando sobre tudo aquilo, pensando no que teria acontecido, onde estaria. E depois teve a idéia terrível de que talvez fosse tudo um pesadelo e tivesse tido uma febre cerebral e estivesse internado num hospício. Com cuidado, tocou em seu corpo, para verificar se havia faixas amarrando-o. Mas não, ele estava flutuando, só isso, estava flutuando como um peixe dentro d'água. Portanto, voltou a pensar no que seria.

“A morte? Estarei morto? Se estou morto, onde estou, o que estou fazendo neste estado estranho, flutuando à toa?”

Palavras do padre lhe voltaram à mente: “Quando você deixa o seu corpo, um anjo está ali para saudá-lo e conduzi-lo.

Você será julgado pelo próprio Deus, e depois terá o castigo que o próprio Deus decretar.” Algernon ficou pensando em tudo isso.

“Se Deus é um Deus bondoso, por que é que a pessoa tem de ser castigada assim que morre? E se está morto, como é que o castigo pode afetá-lo?” Lá estava ele agora, deitado quieto, sem qualquer dor, nem a alegria, apenas deitado ali, sossegadamente.

Naquele momento, Algernon teve um sobressalto de medo. Alguma coisa roçara nele. Parecia uma mão introduzindo-se dentro de seu crânio. Teve uma impressão, não uma voz, mas uma impressão, uma sensação de que alguém estava pensando, dirigindo-se a ele.

“Paz, fique quieto, escute.”

Por alguns momentos Algernon debateu-se, querendo fugir. Isso era por demais misterioso, muito perturbador, mas ele não podia fazer coisa alguma. E novamente teve a impressão: “Paz, fique quieto, e liberte-se disso.”

Algernon pensou consigo mesmo: “Sou um oficial e um cavalheiro, não devo entrar em pânico, devo ser um exemplo para os meus homens.” E assim, embora confuso, controlou-se e deixou que a tranqüilidade e a paz entrassem dentro dele.

CAPITULO TRÊS

De repente Algemon estremeceu e entrou em pânico. Por um momento, achou que seu cérebro ia estourar dentro do crânio.

Em volta dele a escuridão tornou-se ainda mais tenebrosa. Embora não conseguisse ver, na escuridão total, inexplicavelmente SENTIA nuvens túmidas de um negro mais negro do que as trevas girando em volta dele, envolvendo-o.

Através das trevas pareceu-lhe ver um fulgurante raio de luz, finíssimo, estendendo-se até ele e tocando-o, e por esse raio fino de luz vinha a impressão: “Paz, paz, fique quieto e falaremos com você.”

Fazendo um esforço sobre-humano, Algemon controlou o pânico. Aos poucos, acalmou-se e tornou a ficar mais ou menos placidamente, aguardando os acontecimentos. Estes não se fizeram esperar: “Estamos dispostos a ajudá-lo, estamos muito ansiosos por ajudá-lo, mas você não nos deixa fazê-lo.”

Algernon ficou pensando naquilo.

“Você não nos deixa”, pensou ele, “mas não disse nem uma palavra a eles, portanto como podem dizer que não os deixo me ajudarem? Não sei quem são, não sei o que vão fazer, nem mesmo sei onde estou. Se isto é a morte, bem, então o que é? A negação? O nada? Estarei condenado a viver nas trevas, assim? Mas mesmo isso apresenta um problema. Viver? Bem, e eu vivo?”

Os pensamentos giravam em sua cabeça e seu cérebro estava num torvelinho. Os ensinamentos de sua infância lhe voltavam à mente: “Não existe a morte — sou a Ressurreição

— Na casa de meu Pai há muitas mansões, vou para preparar o Caminho para você — Se você se comportar, irá para o céu

— Se não se comportar irá para o Inferno — Somente os Cristãos têm a esperança do Céu.” Tantas declarações contraditórias, tanta incompreensão, tantos cegos ensinando aos cegos. Os

padres e os mestres de catecismo, os próprios cegos querendo ensinar aos outros, que achavam serem ainda mais cegos. “O inferno?” — pensou. — “O que é o inferno? O que é o céu? EXISTE um céu?”

Um pensamento fundo interrompeu suas cogitações: “Estamos dispostos a ajudá-lo se você primeiro aceitar a premissa de que está vivo e que existe a vida depois da morte. Estamos dispostos a ajudá-lo se você estiver preparado a crer em nós, sem reservas, e a crer naquilo que podemos ensinar-lhe.”

O cérebro de Algernon revoltou-se diante dessa idéia. Que tolice era essa de aceitar auxílio? Que bobagem era essa de crer? Em que ele PODERIA crer? Se fosse crer, isso significava que havia alguma dúvida. Ele queria fatos, e não crenças. Primeiro fato: ele morrera por suas próprias mãos; segundo fato: vira seu corpo morto, e terceiro fato: estava agora numa escuridão total, aparentemente mergulhado em alguma substância gosmenta e túmida que lhe impedia os movimentos. E depois, pessoas ineptas, não sabia de onde, mandavam pensamentos para a sua cabeça, dizendo que ele devia crer. Bem, EM QUE devia crer?

“Você está no estágio seguinte ao da morte”, disse-lhe a voz, ou idéia ou impressão, ou seja o que for. “Você foi mal informado, mal ensinado e mal guiado sobre a Terra e se quiser sair de sua prisão, imposta por você mesmo, então nós o libertaremos.” Algernon ficou ali quieto e pensou no caso. “Pois bem”, tornou ele, com força, “se quiserem que eu creia, primeiro devem dizer-me o que me está acontecendo. Vocês dizem que estou no primeiro estágio após a morte, mas eu pensava que a morte fosse o fim de tudo.”

“Precisamente!”, interrompeu o pensamento ou a voz, com muita força. “Precisamente! Você está rodeado por escuras nuvens de dúvidas, pelas nuvens negras da irracionalidade. Está envolto nas trevas da ignorância e esse isolamento é fabricado por você mesmo, imposto a si mesmo, e só pode ser destruído por você mesmo.”

Algernon não gostou nada daquilo. Pareciam estar culpando-o por tudo. Então ele pensou: “Mas não tenho motivos para crer, só me posso guiar pelo que me ensinaram. Ensinaram-me várias coisas nas igrejas, e quando era menino os professores de catecismo e uma governanta me ensinavam, e vocês acham que agora posso apagar tudo isso só porque alguma impressão desconhecida, não identificada, chega à minha mente? FAÇAM

alguma coisa para mostrar-me que existe algo além desse negrume.”

De repente, apareceu uma fresta nas trevas. De repente, o escuro foi afastado como as cortinas em um palco, abrindo-se para os atores poderem aparecer. Algernon quase perdeu os sentidos com o efeito da luz fulgurante e as maravilhosas vibrações na atmosfera. Quase gritou, extasiado, naquele momento e depois — a dúvida, e com a dúvida ressurgiram as trevas até ele estar novamente mergulhado no escuro túmido. A dúvida, o pânico, a auto-recriminação, revoltando-se contra os ensinamentos do mundo. Ele começou a duvidar de sua sanidade. Como podiam ser possíveis coisas assim? A esta altura ele tinha certeza de que estava maluco, certeza de estar sofrendo de alucinações. Seu espírito voltou àquela poderosa planta brasileira que havia ingerido: supôs que aquilo tivesse efeitos secundários, que estivesse sofrendo de alucinações muito retardadas. Vira seu corpo morto no chão — mas teria visto mesmo? Como poderia ver-se, se estava morto? Lembrou que tinha olhado para baixo, lá do teto, lembrou-se da calva sobre a cabeça do mordomo. Bom, se fosse verdade, por que ele não notara aquela calva antes? Se fosse verdade, por que não notara que a governanta evidentemente usava peruca? Meditou nesses problemas, vacilando entre a idéia de que a vida após a morte era possível e a idéia de que estava completamente louco.

“Nós o deixaremos chegar às suas próprias conclusões, pois a lei manda que nenhuma pessoa será ajudada a não ser que esteja disposta a receber auxílio. Quando você estiver preparado para receber auxílio, diga e nós viremos. E lembre-se, não há motivo algum para você continuar nesse isolamento imposto só por você. Esse negrume é coisa de sua imaginação.”

O tempo não tinha significado algum. Os pensamentos vinham e iam. Mas, pensou Algernon, qual seria a velocidade do pensamento? Quantos pensamentos teria ele tido? Se soubesse, então poderia calcular há quanto tempo estava naquele estado e naquela posição. Mas não, o tempo não tinha mais significado algum. Nada tinha significado, ao que supunha. Estendeu as mãos para baixo e não sentiu nada debaixo de si. Lentamente, com grande esforço, ergueu completamente os braços. Não sentiu nada, absolutamente nada, a não ser aquele arrastar estranho, como se estivesse movendo os braços através de um xarope. Depois deixou suas mãos pousarem sobre seu corpo e tocou-se. Sim, sua cabeça estava ali, o pescoço, os

ombros, evidentemente os braços estavam ali, pois estava usando as mãos para se tocar. Mas depois chegou a dar um salto. Estava despido, e começou a corar diante daquela idéia. E se chegasse alguém e o visse despido? Em sua classe social, as pessoas não se mostravam despidas, aquilo “não ficava bem”. Mas, apesar de tudo, ele continuava com seu corpo humano. E depois seus dedos, procurando e tateando, pararam de repente e ele chegou à conclusão positiva de que realmente estava maluco — louco — pois seus dedos encontraram partes que tinham sido atingidas por aquele atirador Bôer, tendo os restos sido removidos posteriormente pela faca do cirurgião. Então ele estava intato de novo! Obviamente, devia ser sua imaginação. Obviamente, pensou, olhara para o seu corpo agonizante e continuava a agonizar. Mas aí ocorreu-lhe o pensamento indestrutível de que realmente tinha olhado para baixo. Bom, e como é que PODERIA olhar para baixo se com efeito ele era aquele corpo que estava morrendo? E se podia olhar para baixo, então evidentemente alguma parte dele, sua alma ou fosse o que se chamava aquilo, devia ter saído do corpo e o simples fato de ele poder olhar para baixo, para si, indicava que havia “alguma coisa” depois da morte.

Ficou ali deitado meditando, pensando, pensando. Seu cérebro parecia estar estalando como uma máquina. Aos poucos, fragmentos de conhecimento, obtidos em várias partes do mundo, entraram no lugar. Ele pensou em alguma religião qual seria? Hinduísmo? Islamismo? Não sabia, uma dessas religiões estrangeiras esquisitas, em que somente os nativos crêem, mas, não obstante, elas ensinavam que existe uma vida depois da morte, ensinavam que os homens bons que morriam iam para um lugar em que havia um número ilimitado de pequenas de boa vontade. Bem, ele não via pequena alguma, de boa vontade ou não, mas aquilo o levou a um certo rumo de raciocínio. DEVIA haver a vida depois da morte, devia haver alguma coisa, e devia haver alguém, pois do contrário, como é que poderia ter tido um pensamento tão brilhante em sua mente?

Algernon teve um sobressalto de assombro.

“Ah! Surge a aurora!” — exclamou. De fato, a escuridão estava menos escura agora, a tumidez em volta era menor, também, e ele viu que afundava aos poucos, suavemente, até que suas mãos estendidas abaixo do corpo tocaram em “alguma coisa”. Enquanto seu corpo se afundava mais ainda, sentiu que suas mãos seguravam — não, não podia ser! Mas outros conta-

tos confirmaram que, sim, suas mãos tocavam na grama macia, e depois seu corpo, sem resistência, repousava sobre a grama curta e aparada.

Teve a percepção de que afinal encontrava-se em algum lugar material e havia outras coisas além das trevas e enquanto pensava, ao perceber aquilo, as trevas foram-se tornando menos densas e ele parecia estar envolto numa ligeira névoa. Através da névoa, entrevia vultos vagos, não claramente, não o suficiente para distinguir o que constituíam os vultos, mas “vultos”.

Levantando os olhos, avistou um vulto, como uma sombra, pairando sobre ele. Mal conseguia ver duas mãos erguendo-se como que numa bênção e depois uma voz, desta vez não uma idéia em sua cabeça, mas uma voz verdadeiramente inglesa, obviamente de uma pessoa que freqüentara Eton ou Oxford.

— Levante-se, meu filho —: disse a voz. — Levante-se e agarre minha mão, sinta que sou sólido como você, e ao sentir isso, você terá mais uma prova de que está vivo — em outro estado, é verdade, mas vivo, e quanto mais depressa você compreender que está vivo e que existe a vida após a morte, mais depressa poderá ingressar na Grande Realidade.

Algernon tentou levantar-se, mas por algum motivo as coisas pareciam estar diferentes; ele não conseguia mexer os músculos como antes, mas então a voz voltou:

— Imagine-se levantando-se, imagine-se de pé.

Algernon fez isso, e, assombrado, verificou que estava de pé, sendo abraçado por um vulto que se tornava cada vez mais nítido, até que percebeu à sua frente um homem de meia-idade, com um aspecto notavelmente animado, vestido com roupas amarelas. Algernon olhou para o vulto e depois seus olhos caíram sobre sua pessoa. Viu que estava nu. Imediatamente, soltou um grito de susto.

— Ah! — exclamou. — Onde estão minhas roupas? Não posso ser visto assim!

O vulto sorriu para ele e falou com suavidade:

— Não são as roupas que fazem o homem, meu amigo. Nascemos na Terra sem roupas e tornamos a nascer neste mundo sem roupas. Pense no tipo de roupas que gostaria de usar e logo as verá cobrindo-o.

Algernon imaginou-se como um alegre jovem praça, vestido com calças azul-marinho e um casaco vermelho vivo. Ao

redor da cintura imaginou um cinturão branco reluzente, com bolsas para a munição. Imaginou os botões de metal brilhante, tão polidos que qualquer um podia mirar-se neles. E sobre a cabeça imaginou o capacete escuro, com a tira de couro descendo por uma das faces, passando por baixo do queixo e subindo pela outra face. Imaginou uma bainha de espada ao lado e depois sorriu por dentro, ao pensar: “Eles que produzam ISSO!” Com espanto, percebeu que seu corpo estava espremido dentro de uma farda, preso pelo aperto de um cinturão, pelas botas militares apertadas. Sentiu o puxão do lado, no lugar em que o peso da espada e do coldre da pistola puxavam o cinturão para baixo. Sob o queixo, sentiu a pressão da tira de couro. E depois, ao virar a cabeça, viu as dragonas reluzentes nos ombros. Era demais — demais. Algernon desmaiou e teria caído sobre a grama se o homem de meia-idade não o tivesse amparado e ajudado a deitar-se com delicadeza.

Algernon bateu as pálpebras e murmurou, debilmente:

— Creio, ó Senhor, creio. Perdoai os meus pecados, perdoai as ofensas que cometi!

O homem que estava ali sorriu com benevolência e disse:

— Não sou o Senhor, sou apenas aquele cuja tarefa é ajudar os que vêm da vida terrena para esta, o estágio intermediário, e estou pronto para ajudá-lo quando você estiver preparado para receber o auxílio oferecido.

Algernon levantou-se, desta vez sem dificuldade, e disse:

— Estou pronto a receber o auxílio que me puderam dar. Mas diga-me, freqüentou Eton, esteve em Balliol?

O vulto sorriu e disse:

— Basta chamar-me de amigo e mais tarde cuidaremos de suas perguntas. Primeiro você precisa entrar em nosso mundo.

Voltou-se e fez um gesto como se estivesse puxando cortinas e, de fato, o resultado foi o mesmo. As nuvens escuras dissiparam-se, as sombras sumiram e Algernon verificou que estava pisando a grama mais verde do Universo. O ar em volta dele vibrava de vida, pulsava de energia. De fontes desconhecidas vinham impressões — não sons, mas impressões de música, “música no ar”, é como ele o teria descrito, e achou aquilo bastante tranqüilizante.

As pessoas caminhavam por ali tal como costumam caminhar num parque público. À primeira vista, tinha a impressão de que podia estar passeando pelo Green Park ou Hyde Park,

em Londres, mas um Green Park ou Hyde Park particularmente belos. Havia casais sentados nos bancos, pessoas andando por todos os lados e aí novamente Algernon sentiu uma terrível sensação de medo, pois algumas pessoas moviam-se alguns centímetros acima do solo! Havia uma pessoa que estava certamente correndo a uns três metros acima do solo, perseguida por outra, e ouviram-se gritos alegres de felicidade partindo de ambas. De repente, Algernon sentiu um frio repentino na espinha e estremeceu, mas seu Amigo pegou-o delicadamente pelo braço e disse:

—TM Venha, vamos sentar-nos um pouco, pois quero contar-lhe alguma coisa sobre este mundo antes de prosseguirmos, senão as coisas que você vai ver poderão realmente atrasar sua recuperação.

— Recuperação... — disse Algernon. — Recuperação, essa é boa! Não me estou recuperando de coisa alguma, estou em perfeita saúde, perfeitamente normal.

Seu amigo sorriu com brandura e disse:

— Vamos sentar-nos aqui, onde possamos olhar os cisnes e os outros pássaros aquáticos. Preciso apresentar-lhe uma visão da nova vida que se lhe apresenta.

Com certa relutância, e ainda revoltado com a idéia de estar “doente”, Algernon permitiu que o levassem até um banco próximo. Eles sentaram-se e o Amigo continuou:

— Fique à vontade. Tenho muito para lhe contar, pois agora você encontra-se em outro mundo, agora está em outro plano de existência e quanto mais atenção você me dedicar, mais facilidade terá para progredir neste mundo.

Algernon ficou muito impressionado ao ver como o banco do parque era confortável, parecia ser anatômico, bem diferente dos existentes nos parques que conhecera em Londres, onde se podia enfiar uma farpa no corpo se se movimentasse muito no assento.

Diante deles reluzia a água azul e sobre ela deslizavam majestosamente belos cisnes brancos. O ar era quente e vibrante, De repente, Algernon teve uma idéia, uma idéia tão repentina e chocante que quase se levantou de um salto; não havia sombras! Levantou os olhos e verificou que também não havia Sol. Todo o céu estava brilhando.

O Amigo tornou:

— Agora vamos conversar sobre as coisas, pois tenho de ensinar-lhe tudo a respeito deste mundo antes de você entrar para a Casa de Repouso.

Algernon interrompeu-o:

— Estou assombrado por ver você usando um roupão amarelo. Você faz parte de algum culto ou sociedade, ou de alguma Ordem religiosa?

— Ora veja, que extraordinária é sua atitude mental! Que importa a cor de meu roupão? Que importa que eu use um roupão? Uso um roupão porque quero usar roupão, porque o considero adequado para mim, porque é um uniforme para o trabalho que faço. — Sorriu e apontou para os trajes de Algernon. — Você usa uma farda, calças azul-marinho, paletó vermelho vivo e um capacete esquisito na cabeça. Tem um cinturão branco em volta da cintura. Bem, por que está vestido dessa maneira extraordinária? Você se veste como deseja vestir-se. Ninguém aqui vai discutir com você sua maneira de vestir-se. Assim também, eu me visto do jeito que me convém e porque está é a minha farda. Mas... estamos perdendo tempo.

Algernon sentiu que aquilo era uma tremenda repreensão e, olhando em torno, viu outras pessoas conversando, homens e mulheres que também usavam roupas extravagantes. Mas seu companheiro continuou:

— Devo dizer-lhe que na Terra vocês são muito mal-informados sobre a verdade da vida e a verdade da vida depois da vida. Seus líderes religiosos parecem um grupo de pessoas que se juntaram, ou uma equipe de propagandistas, cada qual fazendo propaganda de sua mercadoria e todos completamente alheios à verdade da vida e à vida do além. — Interrompeu-se e olhou em volta, continuando depois: — Olhe para todas essas pessoas aqui: poderia dizer qual delas é cristã, qual é judia, budista, muçulmana? Todas parecem iguais, não é? E, de fato, todas essas pessoas que você vê neste parque, a não ser as de roupão amarelo, têm uma coisa em comum: todas se suicidaram.

Algernon ficou chocado: “todos se suicidaram”. Então, pensou, talvez estivesse num hospício e talvez o homem de amarelo fosse um guarda. Pensou em todas as coisas estranhas que lhe haviam acontecido e que chocavam sua credulidade.

— Você deve saber que o suicídio é um crime muito, muito grave. Ninguém deve suicidar-se. Não existem motivos para o suicídio, e se as pessoas soubessem o que terão de suportar depois do suicídio, teriam mais juízo. Este aqui —

disse o companheiro — é um centro de recepção em que aqueles que se suicidaram são reabilitados, aconselhados e voltam à Terra em outro corpo. Primeiro vou contar-lhe a respeito da vida na Terra e neste plano de existência.

Eles se acomodaram melhor no banco e Algernon ficou olhando os cisnes deslizando pelo lago. Observou que havia muitos pássaros nas árvores, e esquilos, e também notou, interessado, que havia outros homens de roupão amarelo conversando com seus pupilos.

— A Terra é uma escola de aprendizagem em que as pessoas aprendem por meio de provações, quando não querem aprender pelo bem. As pessoas vão para a Terra assim como as pessoas da Terra vão à escola, e antes de irem à Terra, as entidades que vão ocupar um corpo terreno recebem conselhos sobre o melhor tipo de corpo e as melhores condições que lhes permitam aprender aquilo para o qual foram destinadas, ou, mais precisamente, conhecer o motivo de sua descida à Terra porque, naturalmente, são avisadas antes de partirem. Você mesmo experimentará isso, de modo que vou explicar-lhe esse plano determinado. Aqui temos o que se chama astral inferior. Sua população flutuante é composta exclusivamente de suicidas porque, como já disse, o suicídio é um crime e os que se suicidam estão mentalmente desequilibrados. Você, por exemplo, suicidou-se porque não podia ser pai, porque fora mutilado, mas esse foi um acontecimento previsto antes de você ser mandado à Terra, o que você devia suportar e aprender a sobrepujar. Estou-lhe dizendo muito seriamente que antes de ir para a Terra, você providenciou para ser mutilado, de modo que isso significa que você fracassou em sua prova, significa que terá de recomeçar e passar novamente por todo aquele sofrimento, ou ainda mais de uma vez, se tornar a fracassar.

Algernon sentiu-se positivamente deprimido. Pensara estar cometendo um ato nobre, ao terminar o que imaginava ser uma vida inútil, e agora lhe diziam que tinha cometido um crime e que teria de pagar por ele. Mas seu companheiro continuou falando:

— Este, o astral inferior, está muito próximo do plano da Terra. É o mais baixo que se pode descer sem chegar a voltar à Terra. Aqui o colocaremos numa Casa de Repouso, para tratar-se. Isso será uma tentativa para estabilizar seu estado mental, será uma tentativa de fortalecê-lo para sua volta definitiva para a Terra, assim que a situação estiver favorável. Mas aqui neste plano astral você pode passear, se quiser, ou, se

desejar, pode voar pelo ar, apenas pensando nisso. Igualmente, se chegar à conclusão de que sua vestimenta é absurda, como na verdade é, pode mudar de roupas apenas pensando naquilo que desejaria usar.

Algernon pensou num terno muito bonito que um dia vira num clima quente. Parecia ser quase branco, leve e bem talhado. Ouviu um farfalhar repentino e olhou para baixo alarmado, ao ver desaparecer sua farda, deixando-o despido. Com um grito de susto, levantou-se de um salto, cruzando as mãos sobre um local estratégico, mas assim que se pôs de pé, verificou que estava com outras roupas, as roupas de sua imaginação. Encabulado, e corando muito, tornou a sentar-se.

— Você verá que aqui não precisa de alimentos, mas se tiver ímpetos de gula, poderá comer qualquer comida que desejar. Basta pensar e ela se materializa dos alimentos da atmosfera. Pense, por exemplo, em seu prato favorito.

Algernon pensou um pouco, e depois imaginou um rosbife, batatas coradas, pudim de Yorkshire, cenouras, nabos, couve, um copo grande de cidra e um charuto, para terminar a refeição. Ao pensar naquilo, uma forma vaga apareceu à sua frente, solidificandose e endurecendo, transformando-se em uma mesa coberta por uma toalha branca muito brilhante. Depois apareceram mãos e antebraços e diante dele foram colocados pratos, terrinas de prata, garrafas de cristal, e uma a uma as tampas foram levantadas das travessas e Algernon viu diante de si — sentindo-lhes o cheiro — os alimentos de sua preferência. Seu companheiro fez um gesto e toda a comida e a mesa desapareceram.

— Na verdade, não há necessidade de coisas tão teatrais, não há necessidade desses alimentos grosseiros, pois aqui neste plano astral o corpo absorve alimentos da atmosfera. Como você vê, não há um Sol brilhando no céu, mas todo o céu rebrilha e é do céu que todas as pessoas obtêm todo o alimento de que necessitam. Aqui não temos gente muito magra, nem muito gorda, mas todos são conforme exige o seu próprio organismo.

Algernon olhou em volta e verificou ser aquilo verdade, sem dúvida. Não havia gordos, não havia magros, não havia anões, nem gigantes, todos pareciam ser notavelmente bem conformados. Algumas das pessoas que passavam estavam com o cenho muito franzido, sem dúvida pensando no futuro, preocupadas com o passado, e lamentando seus tolos atos.

O companheiro levantou-se e disse:

— Agora temos de ir para a Casa de Repouso. Vamos continuar nossa conversa enquanto caminhamos. Sua chegada foi um tanto precipitada e, embora estejamos sempre alertas para os suicidas, você vinha pensando nisso há tanto tempo que... hummm... pegou-nos meio desprevidos, ao produzir aquele último corte desesperado.

Algemon levantou-se e acompanhou o outro, com relutância. Juntos foram andando pela alameda que margeava o lago, juntos passaram por grupos de pessoas conversando. De vez em quando um par se levantava e saía andando, assim como Algernon e o companheiro se haviam levantado e saído andando.

— Você tem aqui um certo conforto, pois neste estágio terá de ser mais ou menos reconicionado para uma volta às dificuldades e padecimentos da Terra, mas lembre-se de que a vida na Terra não passa de um piscar de olhos no que é na verdade o Tempo Real, e depois que você completar sua vida sobre a Terra — completar com êxito — verá que não voltará para este lugar, mas passará ao largo dele e irá para outra fase dos planos astrais, um plano que dependerá de seu progresso na Terra. Pense em ir para o colégio na Terra: se você conseguir passar penando pelos exames, poderá ficar na mesma classe, mas se tiver uma nota melhor nas provas, poderá ser promovido, e se passar com distinção, poderá ser promovido até para duas classes acima. O mesmo se aplica aos planos astrais. Você poderá ser retirado da Terra por ocasião do que chama de “morte” e levado a certo plano astral, ou se você se der muito bem, poderá ser levado para um plano muito mais elevado, e, naturalmente, quanto mais você se altear, melhores as condições.

Algemon estava muito interessado na mudança de paisagem. Afastaram-se do lago e passaram por uma abertura numa cerca. Diante deles estendia-se um gramado muito bem cuidado e, sentados em cadeiras, viam-se grupos de pessoas ouvindo alguém que obviamente fazia uma preleção. Mas o companheiro não parou, continuou andando e logo chegaram a uma elevação, pela qual subiram, e desapareceram, com um prédio muito bonito, não branco mas levemente esverdeado, uma cor repousante, uma cor que dava tranqüilidade e paz de espírito. Chegaram a uma porta que se abriu automaticamente e entraram num *hall* bem iluminado.

Algernon olhou em volta com muito interesse. Nunca vira um lugar tão belo, e, como ele fazia parte da classe mais alta da sociedade inglesa, considerava-se um conhecedor de edifícios

bonitos. Parecia haver grandes colunas, e muitos corredores davam para aquele saguão principal. No centro do espaço parecia haver uma mesa redonda, à qual estavam sentadas várias pessoas. O companheiro de Algernon adiantou-se e disse:

— Este é o nosso amigo, Algernon St. Clair de Bonkers. Vocês o esperavam e creio que reservaram um quarto para ele.

Ouviu-se um rápido farfalhar de papéis e uma moça disse:

— Sim, está certo, senhor, mandarei que o levem ao seu quarto.

Imediatamente um rapaz levantou-se e dirigiu-se a eles.

— Eu o levarei ao seu quarto, queira acompanhar-me — disse, '

O companheiro cumprimentou Algernon de leve, virou-se e saiu do prédio. Algernon acompanhou seu novo guia por um corredor atapetado com um tapete macio e depois entrou num quarto muito espaçoso, onde havia uma cama, uma mesa e mais duas portas que davam para ele.

— Agora, o senhor vai ter a bondade de deitar-se na cama e uma equipe médica virá examiná-lo. Não poderá sair deste quarto até que o médico designado para cuidar do senhor o permitir.

Sorriu e saiu do quarto. Algernon olhou em volta e depois foi até os dois outros aposentos. Um parecia ser uma espécie de *living*, com um sofá confortável e cadeiras, e o outro — bem, era um pequeno quarto quase nu, com um piso maltratado, uma cadeira dura e mais nada. Algernon pensou, de repente: “Ah, aqui não há banheiro.” Depois concluiu que não havia necessidade de banheiros, pois ninguém ali devia ter vontade alguma de usar o banheiro; talvez ali nem fizessem essas coisas!

Algernon postou-se ao lado da cama e ficou imaginando o que deveria fazer. Devia tentar fugir daquele lugar? Foi até às portas-janelas e viu que se abriam com facilidade, mas quando tentou sair — não — havia alguma barreira invisível que o impedia. Combateu com sucesso um pânico incipiente, voltou para a cama e começou a despir-se. Depois pensou: “O que farei, sem roupa de dormir?” Ao pensar naquilo, tornou a ouvir e sentir aquele farfalhar, e olhando para baixo verificou que estava vestido com um comprido camisolão branco, adequado ao período de sua estada na Terra. Levantou as sobranceiras, bastante espantado, e depois, devagar, pensativo, deitou-se na cama. Pouco depois ouviu uma batida discreta à porta. Algernon

disse “Entre” e entraram três pessoas, dois homens e uma mulher. Eles se apresentaram como membros de uma equipe de reabilitação, designada para tratar dele. Sentaram-se, e, para assombro de Algernon, não usaram estetoscópio nem bastões, nem lhe tiraram a pulsação. Em vez disso, fitaram-no e um deles começou a falar:

— Você está aqui porque cometeu o grave crime do suicídio, devido ao qual desperdiçou-se toda a sua vida sobre a Terra, de modo que terá de recomeçar tudo de novo e passar por novas experiências, na esperança de que dessa próxima vez vença sem cometer o crime do suicídio.

O homem passou a dizer que Algernon seria submetido a raios calmantes especiais, na esperança de melhorar rapidamente seu estado de saúde. Disseram-lhe que era preciso que voltasse à Terra o mais depressa possível. Quanto antes voltasse à Terra, mais fácil tudo seria para ele.

— Mas como posso voltar à Terra? — exclamou Algernon. — Estou morto, ou pelo menos meu corpo físico está morto. Como acha que me poderá fazer voltar a ela?

A moça respondeu:

— Vejo que está muito mal informado devido às coisas totalmente ridículas que lhe ensinaram na Terra. O corpo físico não passa de uma roupa que o espírito veste a fim de poderem ser realizadas tarefas especialmente baixas, a fim de serem aprendidas certas lições, pois o próprio espírito não pode ter vibrações tão baixas e portanto tem de tomar um aspecto que lhe permita experimentar as coisas. Você irá para a Terra e nascerá de pais que serão escolhidos para você. Nascerá em condições que lhe permitirão aproveitar ao máximo sua experiência terrena. E — continuou ela — lembre-se de que o que queremos dizer com aproveitar não significa necessariamente mais dinheiro, pois algumas das pessoas mais espirituais na Terra são pobres, enquanto que as ricas são malvadas. Isso depende do que se tiver de fazer, e acredita-se que você foi criado no meio de tanta fortuna e conforto, o que o levou ao fracasso, que desta vez deve nascer em condições mais humildes.

Conversaram durante algum tempo, e Algernon aos poucos foi percebendo coisas bem diferentes daquelas que lhe tinham sido vinculadas. Em breve compreendeu que o cristianismo era apenas uma palavra, o judaísmo outra palavra, bem como as palavras budismo, islamismo e outras crenças, e que na realida-

tfé só havia uma religião, que por enquanto ele ainda não conseguia compreender.

As três pessoas se retiraram e dentro do quarto a luz diminuiu. Era como se a noite tivesse baixado sobre Algernon. Ficou repousando confortavelmente, perdeu a consciência e dormiu, dormiu por um tempo ignorado, podiam ser minutos, podiam ser horas, podiam ser dias. Mas Algernon dormiu e enquanto isso seu espírito reviveu e a saúde restabeleceu-se nele.

CAPÍTULO QUATRO

Algernon acordou de manhã com um Sol brilhante e o canto dos pássaros nos ramos das árvores — o Sol brilhante? Argenon lembrou-se, com um sobressalto, que aquilo não era a luz do Sol. Ali não havia Sol, o próprio ar era vivo. Afastou a coberta e levantou-se, dirigindo-se para a janela. Lá fora tudo estava alegre e animado como na véspera. . . SERIA ontem? Algernon estava completamente desorientado, não sabia se eram dias ou noites, não parecia haver um registro do passar do tempo. Voltou para a cama e deitou-se sobre a colcha, as mãos cruzadas na nuca, enquanto pensava em tudo o que acontecera.

Novamente ouviu uma batida discreta à porta e, quando respondeu, entrou um homem, de aspecto muito sério, que parecia conhecer perfeitamente seus deveres.

— Vim conversar com você — disse ele — pois achamos que tem sérias dúvidas quanto à realidade do que está experimentando.

Algernon pôs as mãos do lado e, com seu treinamento militar, quase ficou “em posição de sentido”, como se estivesse num hospital militar.

— Tudo o que vi, senhor — disse ele — contraria os ensinamentos da Igreja Cristã. Eu esperava ser recebido por anjos, esperava que estivessem tocando harpa, esperava ver Portões de Pérola e querubins, e em vez disso vejo que esse lugar bem podia ser um Green Park ou Hyde Park glorificado, ou qualquer outro parque bem cuidado. Eu também poderia estar tendo alucinações em Richmond Park.

O novo médico riu-se e disse:

— Pois bem, você não é um cristão especialmente forte. Se fosse, digamos, um católico romano, e realmente ACREDITASSE em sua religião, então teria visto anjos ao chegar aqui, e teria visto esses anjos até que a falsidade da aparência deles

o fizesse compreender que eram apenas fantasmas de sua imaginação. Aqui tratamos da realidade. Como você é um homem de sociedade experiente, como foi soldado e conheceu a morte, bem como a vida, você nos viu como realmente somos.

Algernon pensou em algumas cenas de seu passado.

— A morte — disse. — Esse assunto me confunde muito, pois a morte na Terra é uma coisa sempre apavorante: as pessoas têm sempre um medo tremendo de morrer. É uma coisa que sempre me divertiu muito é que quanto mais religiosa a pessoa, mais se apavora diante da simples idéia da morte. — Sorriu, cruzou as mãos e continuou: — Tenho um amigo querido, um católico muito fervoroso que, sempre que ouve dizer que uma pessoa está doente e às portas da morte, diz que está muito contente porque o coitado do Sr. Fulano de Tal está melhorando e gozando de boa saúde! Mas, diga-me, por que é que as pessoas temem a morte, se existe a vida depois da morte?

O médico sorriu para ele de modo enigmático e respondeu:

— Bom, acho que um homem com sua instrução, experiência e conhecimentos já devia ter percebido a resposta. Como parece que não entendeu, vou explicar: as pessoas vão à Terra para realizar certas coisas, para aprender certas coisas, para passar por certas provações para que o espírito ou a alma ou o Superego — dê-lhe o nome que quiser — possa ser purificado e fortalecido com isso. Portanto, se a pessoa se suicida, isso é um crime contra o programa, contra o plano das coisas. E se as pessoas vissem como a morte é natural, e como é apenas o nascimento em outro estágio de evolução, então haviam de querer morrer a toda hora e toda a finalidade da Terra e dos outros mundos estaria perdida.

Aquela idéia era nova para Algernon, embora, de fato, ele a achasse lógica. Mas nem assim se satisfez.

— Então devo concluir que o medo da morte é provocado artificialmente e é totalmente ilógico? — perguntou.

— Sim, de fato — disse o médico. — É uma determinação da natureza que todos temam a morte, todos façam tudo o que podem para conservar a vida, para que as experiências na Terra possam ser mantidas e levadas à sua conclusão lógica e predeterminada. Portanto, se uma pessoa se suicida, está perturbando tudo. Lembre-se, quando chega o momento de uma morte natural, normalmente não há medo, nem dor, porque as pessoas em outro reino do astral sabem quando a pessoa deve

morrer ou, como preferimos dizer, passar por uma transição, e quando esse momento se aproxima, gera-se uma forma de anestesia e em vez das dores da morte, a pessoa tem sensações agradáveis, sensações de libertação, e a sensação de estar vindo para Casa.

Algernon demonstrou certa indignação.

— Ah, mas isso não pode ser — disse — pois as pessoas que estão morrendo muitas vezes se contorcem e se debatem, e obviamente sofrem muito.

O médico sacudiu a cabeça com tristeza.

— Não, não — disse ele — você está errado. Quando a pessoa está morrendo, não há dor, e sim o alívio da dor. O corpo pode contorcer-se, o corpo pode gemer, mas isso é apenas uma reação automática de certos nervos estimulados. Não significa em absoluto que a pessoa esteja padecendo de dores. O espectador geralmente não sabe julgar o que se passa. A parte consciente, que vai sofrer a transição, separa-se da parte física, que é o simples ser animal. Portanto. .. espere! — disse ele. — Quando você se suicidou, não sentiu dor alguma, sentiu?

Algernon esfregou o queixo, pensando muito, e depois respondeu, vacilante:

— Bem, creio que não. Não me lembro de ter sentido coisa alguma a não ser uma sensação de frio extremo e depois mais nada. Não, senhor, talvez o senhor tenha razão; pensando bem, não, não senti dor alguma. Senti-me confuso, assombrado.

O médico riu-se e torceu as mãos, dizendo:

— Ah, agora peguei-o! Confessa que não sentiu dor, e no entanto estava gritando como um porco sangrado. E, por falar nisso, quando se vara um porco, o que acontece é o ar dos pulmões sendo expelido rapidamente, agitando as cordas vocais, de modo que a gente ouve um gritinho estridente. Com você deuse o mesmo tipo de reação, um grito longo e estridente, interrompido pelo borbulhar de seu sangue jorrando copiosamente do corte em seu pescoço. Foi esse grito estridente que levou a pobre da empregadinha ao banheiro.

Sim, agora aquilo parecia lógico. Algernon estava começando a ver que aquilo não era uma alucinação, e sim um fato, e depois falou:

— Mas julgava que, ao morrer, a pessoa era levada imediatamente à presença de Deus, para ser julgado. Veria logo Jesus e talvez a Virgem Mãe e os Discípulos.

O médico sacudiu a cabeça, penalizado, e respondeu:

•— Você diz que esperava ver Jesus. Suponhamos que fosse judeu, ou muçulmano, ou budista... Ainda esperaria ver Jesus, ou acha que o Céu é um lugar dividido em países separados, para onde as pessoas de cada religião podem ir? Não, toda essa idéia é absurda, tola, uma loucura criminosa. Os tolos pregadores da Terra realmente poluem a população com suas lendas horrendas. As pessoas chegam aqui e pensam que estão no inferno. Não EXISTE inferno — a não ser na Terra!

Algemon realmente sobressaltou-se. Sentiu seu corpo contorcer-se, como se estivesse pegando fogo.

— Ah, então estou no Céu? — perguntou.

— Não, claro que não — respondeu o médico. — Não existe esse lugar. Não existem céu nem inferno, mas existe o purgatório. O purgatório é um lugar em que você se purifica de seus pecados, e é isso que você está fazendo aqui. Daqui a pouco você se encontrará com uma comissão que o ajudará a resolver o que vai fazer quanto voltar à Terra. Você tem de voltar à Terra para viver o plano que você mesmo traçou e, na verdade, foi por isso que vim aqui agora, para ver se está pronto para ser apresentado diante da comissão.

Algernon sentiu medo, sentiu como se dedos gelados lhe percorressem a espinha. Aquilo parecia pior do que uma junta médica do Exército, em que os médicos vasculham e cutucavam e faziam as perguntas mais embaraçosas sobre as reações da pessoa a isto e aquilo, e o que se ia fazer quanto à vida sexual, e se ele era casado e se tinha namorada. Não, Algernon não podia entusiasmar-se nada com a idéia de comparecer diante de uma junta de... o quê?

— Bem — falou — com certeza vão me dar tempo para eu me recuperar um pouco do grande trauma de passar da vida para Isto. Admitido que vim para cá por minha própria vontade, suicidando-me, o que parece ser um crime tão tremendo, mas ainda assim acho que deviam dar-me algum tempo para eu me recuperar e ver o que quero fazer. E, já que estamos falando disso, como é que o suicídio pode ser um crime tão pavoroso se as pessoas nem sabem que estão cometendo um crime? Sempre pensei que se a pessoa não tiver consciência de estar fazendo o mal, não poderá ser castigada por fazê-lo.

— Ah, que tolice! — exclamou o médico. — Você é igual a todos os de sua espécie, que pensam que porque são de uma classe superior, merecem uma consideração toda especial. Sempre procuram racionalizar as coisas. Isso parece ser um vício do seu tipo. Você sabia perfeitamente que era errado suicidar-se. Até mesmo sua forma especial de religião lhe ensina que a autodestruição é um crime contra a pessoa, contra o Estado e contra a Igreja.

Algernon estava com um ar extremamente azedo e disse:

— Então como explica os japoneses que se suicidam quando as coisas vão mal para eles? Se um japonês acha que perdeu a honra, ele se estripa publicamente. Isso é suicídio, não é? Está fazendo aquilo em que acredita, não está?

O médico pareceu ficar muito aflito e respondeu:

— Não importa nada se no Japão é costume a pessoa destruir-se para não enfrentar o constrangimento. Vou repetir, vou fixar bem no seu subconsciente: o suicídio NUNCA é certo. O suicídio é SEMPRE um crime. Nunca há circunstâncias atenuantes para quem se suicida. Isso significa que a pessoa ainda não está suficientemente evoluída para continuar aquilo que se propôs por sua própria vontade. Mas não vamos mais perder tempo — disse ele — você não está aqui de férias, está aqui para que nós o ajudemos a tirar o máximo proveito de sua próxima vida na Terra. Venha!

Levantou-se de repente e aproximou-se de Algernon, que gemeu:

— E não posso nem tomar um banho? Não vou nem tomar café, antes de me arrastarem daqui?

— Bobagens! — exclamou o médico, irritado. — Aqui você não precisa de banho, nem de comida. Você se limpa e se alimenta pela atmosfera daqui. Você está insistindo nesse assunto porque não parece ser grande coisa, como homem, apenas uma pessoa que procura fugir a todas as suas responsabilidades. Venha comigo.

O médico virou-se e dirigiu-se para a porta. Com grande relutância Algernon pôs-se de pé lentamente e acompanhou-o. O médico à frente, saíram do quarto e viraram à direita, entrando num jardim que Algernon ainda não havia visto. A atmosfera era maravilhosa, havia pássaros no ar e muitos animais bonitos por ali. Depois o médico e Algernon dobraram outro canto e apareceu outro edifício. Parecia uma catedral, tinha

torres, e desta vez, em vez de uma rampa, havia uma escada muito comprida. Subiram os degraus e entraram num imenso edifício. Havia muitas pessoas na entrada e pessoas sentadas em bancos confortáveis pelas paredes. Novamente, no centro do saguão, havia o que parecia ser um balcão de recepção, circular, como o outro, mas este era ocupado por pessoas muito mais idosas. O médico conduziu Algernon para ali e disse:

— Viemos para comparecer diante do Conselho.

Um dos assistentes levantou-se e disse:

— Acompanhem-me, por favor.

O assistente saiu na frente e o médico e Algernon o acompanharam. Depois de andarem por um corredor, viraram à esquerda, entrando numa ante-sala. O assistente disse, então:

— Esperem aqui, por favor.

Adiantou-se um pouco e bateu a uma porta, entrando quando lhe deram ordem para entrar. A porta fechou-se atrás dele e ouviu-se um murmúrio muito baixo de vozes.

Alguns momentos depois o assistente tornou a sair e abriu a porta, dizendo:

— Agora podem entrar.

O médico levantou-se de um salto, pegou Algernon pelo braço e levou-o para dentro.

Involuntariamente, Algernon parou, assombrado, quando entrou na sala. Era uma sala muito grande e no centro havia um globo que girava lentamente, um globo cheio de luzes azuis e verdes. Instintivamente, Algernon viu que aquilo era um fac-símile da Terra. Ficou fascinado e curioso ao ver que o globo representando a Terra girava sem qualquer meio visível de apoio. Parecia estar solto no espaço, olhando para a Terra, que era iluminada por algum Sol invisível.

Havia uma mesa comprida, muito brilhante, muito entalhada, e numa das extremidades da mesa estava sentado um homem muito velho, de cabelos e barbas brancos. Parecia benevolente e ao mesmo tempo dava uma impressão de grande severidade. Transmitia a sensação de que se houvesse ocasião para isso, ele podia ser uma pessoa muito dura.

Algernon olhou em volta rapidamente e pareceu-lhe que havia mais oito pessoas sentadas à mesa, quatro homens e quatro mulheres. O médico levou-o a um lugar na ponta da mesa. Essa mesa, conforme Algernon notou, tinha uma forma tal

que todos os outros membros podiam vê-lo sem se virarem em seus assentos, e ele assombrou-se diante da técnica que tinha concebido uma geometria tão complexa.

O médico falou:

— Este é Algernon St. Clair de Bonkers. Concluimos que ele atingiu um estado de recuperação em que poderá aproveitar seus conselhos. Apresento-lhes Algernon St. Clair de Bonkers.

O velho à cabeceira da mesa fez um breve sinal com a cabeça, indicando que deviam sentar-se. Depois disse:

— Algernon St. Clair de Bonkers, você está aqui por ter cometido o crime do suicídio. Você se matou, a despeito dos planos que concebera, e desafiando a Lei Superior. Deseja primeiro dizer alguma coisa em sua defesa?

Algernon pigarreou e estremeceu. O médico inclinou-se para ele e cochichou:

— Levante-se!

Com relutância, Algernon levantou-se e disse, num tom meio desafiador:

— Se resolvi fazer certa tarefa e se circunstâncias fora do meu alcance tomaram impossível que eu realizasse essa tarefa, então, certamente, como a minha vida é minha, tenho todo o direito de acabar com ela, se assim o desejar. Não resolvi vir para este lugar. Resolvi apenas acabar com a minha vida.

E dizendo isso, sentou-se, com um baque desafiador.

O médico olhou para ele com tristeza. O velho à cabeceira da mesa olhou para ele com muito pesar, e os quatro homens e as quatro mulheres o contemplaram com compaixão, como se já tivessem ouvido tudo aquilo antes. Aí o velho falou:

— Você fez seus planos, mas a sua vida não lhe pertence. Sua vida pertence ao seu Superego — aquilo que você chama de alma — e você prejudicou seu Superego com sua recalitrância e com seu método tolo de privar seu Superego de seu juguete. Devido a isso, terá de voltar à Terra e tornar a viver toda uma vida, e desta vez cuide bem de não se suicidar. Agora temos de resolver qual o melhor momento para a sua volta, o melhor tipo de condições para você, além de encontrar pais adequados.

Houve muito farfalhar de papéis e um dos membros levantou-se de sua cadeira e aproximou-se do globo. Durante alguns momentos ficou ali olhando para o globo, mas sem dizer nada.

Depois, ainda calado, voltou para seu lugar à mesa e fez uma anotação em seus papéis.

— Algernon — disse o velho — você foi à Terra em condições de grande conforto. Foi para uma família antiga e estabelecida, em que todas suas necessidades físicas eram atendidas. Teve toda a consideração possível. O dinheiro não era problema. Sua instrução foi a melhor que se podia obter em seu país. Mas já pensou no mal que você fez em sua vida? Já pensou em sua brutalidade, como espancava os empregados? Pensou nas jovens empregadinhas que seduziu?

Algernon levantou-se de um salto, indignado.

— Senhor! — exclamou ele, com ardor. — Sempre me disseram que as empregadas estavam ali para a conveniência de um filho solteiro, para brincarem com ele, para ele aprender sobre o sexo. Não fiz mal algum, por mais empregadas que tenha seduzido!

E sentou-se, fervilhando de indignação.

— Algernon, você sabe que não é nada disso — disse o velho. — Você mesmo sabe que as classes, conforme você as considera, são uma coisa puramente artificial. Em seu mundo, se a pessoa tem dinheiro ou vem de uma família antiga, que foi favorecida, tem uma porção de privilégios. Enquanto que se a pessoa for pobre e tiver de trabalhar para uma dessas outras famílias, as concessões lhe são negadas e ela é tratada como uma criatura inferior. Você conhece as leis tão bem quanto qualquer outro, pois já viveu muitas vezes e tem todos esses conhecimentos dentro de seu subconsciente.

Uma das mulheres sentadas à mesa apertou os lábios, como se acabasse de provar uma fruta muito ácida, e disse, toda empertigada:

— Desejo registrar minha opinião de que esse rapaz deve recomeçar sua vida como um dos menos privilegiados. Ele teve tudo a seu favor. Acho que deve recomeçar como filho de um comerciante modesto, ou mesmo como filho de um vaqueiro.

Algernon levantou-se de um salto, furioso.

— Como tem a ousadia de dizer essas coisas? — berrou. — Não sabe que tenho sangue azul em minhas veias? Não sabe que os meus antepassados foram às Cruzadas? A minha família é uma das mais respeitadas de todas.

Foi interrompido no meio de sua peroração pelo velho presidente do Conselho, que disse:

— Vamos, vamos, nada de discussões aqui. Isso não lhe adiantará de coisa alguma. Só fará aumentar a carga que você terá de suportar. Estamos tentando ajudá-lo a não aumentar o seu Carma, e sim ajudá-lo a diminuí-lo.

Algernon interrompeu-o, truculento.

— Bem, não admito que ninguém fale nada de meus antepassados. Imagino que os seus — continuou ele, apontando um dedo furioso para a mulher que falara — descendem de donos de bordéis ou de meretrizes, ou coisa que o valha. Ora!

O médico agarrou o braço de Algernon com firmeza e obrigou-o a sentar-se, dizendo:

— Cale-se, seu palhaço, você só está piorando muito as coisas para si. Ainda não sabe nada sobre este lugar, fique quieto e ouça o que se fala.

Algernon aquietou-se, diante da idéia de que realmente estava no purgatório, como já lhe havia sido dito, mas aí ouviu o velho dizendo:

— Algernon, você nos está tratando como se fôssemos seus inimigos. Isso não é assim. Você não está aqui como um hóspede ilustre, sabe disso. Está aqui como quem cometeu um crime e antes de prosseguirmos neste assunto, há uma coisa que quero esclarecer: não existe esse negócio de sangue azul nas veias. Não existe isso de se herdar classe ou casta ou *status*. Você levou uma lavagem cerebral, está encantado com as lendas e contos de fadas que lhe contaram.

Ele parou um momento para beber um gole de água e depois olhou para os outros membros do Conselho, antes de continuar:

— Você tem de colocar em sua mente o pensamento definido, bem definido, de que entidades de muitos e muitos mundos, de muitos e muitos planos de existência vão à Terra, um dos mundos mais inferiores que existem, para aprender pelas provações aquilo que parecem incapazes de aprender pela bondade. E quando a pessoa desce à Terra, adota o corpo mais adequado para o cumprimento de sua tarefa. Se você fosse um ator havia de compreender que não passa de um homem, o ator, e que pode ser chamado a representar muitos e muitos papéis em sua vida. Assim, durante uma vida como ator, você poderá ter de vestir-se como príncipe ou rei ou mendigo. Como rei, você poderá ter de fingir que tem sangue real, mas isso é apenas um fingimento. Todos no teatro sabem disso. Alguns

atores ficam tão empolgados que chegam a acreditar que realmente são príncipes ou reis, mas nunca querem tornar-se mendigos. Ora, seja quem você for, e por mais alto que seja o seu grau de evolução, quando você vem para cá é porque cometeu o crime, e é crime mesmo, do suicídio. Você vem aqui para poder expiar seu crime. Vem para cá para que nós, em contato com os planos mais elevados, e também em contato com a própria Terra, possamos sugerir o melhor meio de se conseguir essa expiação.

Algernon não parecia nada feliz.

— Bem, e como é que eu ia saber que era errado suicidar-me? E o que dizem dos japoneses que se suicidam pela honra? — perguntou ele, ainda muito briguento.

O conselheiro respondeu:

— O suicídio nunca é correto. Nem mesmo quando os sacerdotes budistas ou xintoístas ateam fogo às vestes ou se estripam ou se atiram de cima dos penhascos. As leis feitas pelos homens nunca podem superar as leis do Universo. Mas escute o que lhe digo.

O presidente do Conselho olhou para seus papéis e disse:

— Você ia viver até atingir certa idade, e terminou sua vida na Terra trinta anos antes dessa idade, e assim é que você terá de voltar à Terra para viver trinta anos, e depois morrer para a Terra, e as duas vidas, a que você terminou e aquela para a qual você vai agora, contarão como uma só — como direi? Digamos que seja uma sessão de classe.

Outra mulher fez um gesto para chamar a atenção do presidente.

— Sim, senhora? — perguntou ele. — Tem algum comentário a fazer?

— Tenho, sim — disse ela. — Creio que o rapaz não compreende sua situação, em absoluto. Ele se acha tão superior a todo mundo. . . Acho que talvez lhe devam contar as mortes que provocou. Acho aue lhe devem contar mais a respeito de seu passado.

— Sim, sim, mas como todos sabem muito bem, ele reverá seu passado no Salão das Recordações — disse o presidente, um tanto irritado.

— Mas, Sr. Presidente — disse a mulher — o Salão de Recordações vem depois, e queremos que esse jovem nos ouça

agora com juízo — se é que isso é possível num rapaz como ele — disse ela, lançando um olhar sombrio para Algernon. — Creio que lhe deviam contar mais acerca de sua situação no momento.

O presidente do Conselho suspirou, deu de ombros e disse:

— Muito bem, se é esse o desejo de vocês, alteraremos a nossa rotina e sugiro que levemos o rapaz ao Salão das Recordações agora, para ele poder ver o que é que não nos deixa propriamente encantados com a sua vida na Terra.

Ouviu-se o barulho das cadeiras sendo afastadas e os membros do Conselho se levantaram. O médico também levantou-se, meio desanimado, e disse a Algernon:

— Venha, você é quem quis isso.

Algernon olhou muito indignado de um para o outro e disse, com aspereza:

— Bem, não fui eu que pedi para vir para este lugar. Não sei por que você todos estão fazendo tanta onda. Se eu tenho de voltar à Terra, mandem-se para lá e vamos acabar com isso.

O presidente falou:

— Nós agora vamos acompanhá-lo ao Salão das Recordações. Lá você poderá ver todos os fatos de sua vida passada, e então poderá julgar se estamos praticando um abuso de autoridade, como parece imaginar, ou se estamos sendo condescendentes. Venha!

E com essas palavras virou-se e foi o primeiro a sair da grande sala para o ar livre. Estava agradável ah, ao ar livre, a atmosfera viva, com os pássaros e as abelhas amigas que passavam zumbindo. Ali não havia insetos que picam ou incomodam, mas apenas os insetos que acrescentam o que se poderia chamar de uma música conhecida ao ambiente.

O presidente e os outros membros do Conselho foram à frente, quase como num passeio de colégio, pensou Algernon, só que aqui não era passeio algum para ele. Depois, olhou de lado para o médico e comentou:

— Parece que você é meu guardião, hein?

O médico não respondeu. Em vez disso, pegou o braço de Algernon com mais força e juntos eles continuaram.

Chegaram logo a outro prédio. Ao vê-lo, Algernon exclamou:

— Ah, o Albert Hall! Como é que estamos de volta a Londres?

O médico riu-se — estava realmente divertido — e disse:

— Este não é o Albert Hall. Veja a diferença na arquitetura. Este lugar é BELÍSSIMO!

Juntos entraram no Hall, que era, como dissera o médico, “belíssimo”. O presidente conduziu-os ao interior. Algernon imaginou, pelo tempo que vinham andando, que deviam estar bem no centro do prédio. Aí abriu-se uma porta e Algernon soltou uma exclamação e recuou tão depressa que esbarrou no médico, que riu e disse:

— Ah, não, isto não é a borda do Universo. Você não pode cair, é perfeitamente normal. É só controlar-se, não vai acontecer nada de perigoso.

O presidente do Conselho virou-se para Algernon e disse:

— Ande, rapaz, ande, você saberá quando deve parar, e preste bem atenção!

Por um momento Algernon ficou ali parado, realmente assustado, com medo de cair da borda do Universo, no meio das estrelas a seus pés. Depois um empurrão muito firme em suas costas o impeliu para a frente, e uma vez tendo começado, ele viu que não conseguia parar.

Algernon foi seguindo adiante, impelido por alguma força desconhecida para ele. Movia-se e, ao mover-se, passavam por ele sombras, formas e cores, as sombras tornando-se mais sólidas até que no fim houve uma obstrução sólida. Parou de repente, ainda sem ser por sua própria vontade. Olhou em volta, meio confuso, e aí uma voz disse: — Entre. — Novamente, sem qualquer esforço consciente de sua parte, Algernon adiantou-se e atravessou o que parecera antes uma parede impenetrável. Houve uma terrível sensação traumática de queda. Depois Algernon pareceu ficar desencorpado e estar olhando para uma cena. Uma enfermeira segurava um bebê que acabara de nascer. Um senhor de aspecto feroz estava olhando para o bebê e de repente torceu os bigodes e disse para a enfermeira: “Hmm, criaturinha horrível, não é? Parece mais um rato afogado do que o que espero será um homem. Está bem, enfermeira, pode levá-lo.” A cena mudou e então Algernon viu-se numa sala de aula, aprendendo com um preceptor. Viu-se pregando peças malvadas no preceptor, que não podia fazer grande coisa a respeito porque o pai de Algernon era um aristocrata extremamente autocrático, que considerava os preceptores, governantas e todos os empregados

como fâmulos desprezíveis. Algernon contemplou horrorizado algumas das coisas que fizera e que agora o deixavam ruborizado. Depois a cena tornou a mudar. Agora estava mais velho, talvez com seus 14 anos — imaginou-se de 14 a 15 anos e viu-se olhando de modo furtivo de uma porta no que era uma parte bastante deserta da mansão da família. Passou por ali uma empregada bonitinha e Algernon recuou, e quando ela passou pela porta, ele deu um salto e agarrou-a pelo pescoço, arrastando-a para dentro do quarto. Rapidamente ele trancou a porta e, ainda segurando a empregada pelo pescoço, para impedi-la de gritar, arrancou-lhe a roupa. Algernon sentiu febre, ao pensar no que fizera. Depois a cena tornou a mudar. Ele estava no gabinete do pai e a empregadinha, chorando, também estava presente. O pai de Algernon estava torcendo os bigodes e ouvindo o que a pequena dizia. Depois riu com aspereza e disse: “Meu Deus, mulher, você não sabe que os rapazes têm de aprender a respeito de sexo? Para que você acha que está aqui? Se não pode aceitar uma coisinha assim à toa, saia de minha casa!” Imperiosamente ele ergueu a mão e esbofeteou a moça. Ela virou-se e saiu da sala chorando. O pai virou-se para Algernon e disse: “Hmm, então você foi iniciado, rapaz, e não é mais virgem, hein? Bem, continue assim, vá praticando. Quero ver muitos filhos fortes nascendo nesta casa antes de me ir deste mundo.” E dizendo isso, o pai dispensou Algernon, com um gesto.

O quadro mudou e tornou a mudar. Eton, remando no rio. Oxford, o Exército, treinando os soldados, e depois do outro lado do mar. A guerra contra os Boêres. Algernon olhava horrorizado para os quadros, vendo-se dando ordens aos soldados para ceifarem uma família assustada e indefesa, cuja única culpa era não compreender uma ordem dada em inglês, por só falarem Afrikaans. Viu corpos sendo atirados numa vala ao lado da estrada e viu-se rindo insensivelmente ao ver uma moça ser espetada por uma baioneta no abdome e lançada de lado.

Os quadros continuavam. Algernon estava banhado em suor frio. Sentia-se enjoado, tinha uma vontade enorme de vomitar e não o conseguia. Viu o total das mortes subir, atingindo a 70, 74, 78. Setenta e oito mortes e aí, justamente quando ele ia matar o 79, outro homem, um atirador de tocaia, levantou-se e atirou em Algernon, de modo que ele passou a não ser mais um homem.

Os quadros continuaram até parecer que não tinham mais significado para Algemon. Ele cambaleou e encostou-se contra uma parede e aí, sem saber como, sem ter feito qualquer movimento por sua própria vontade, viu-se novamente em companhia do médico e dos membros do Conselho. Eles o olharam enigmaticamente e depois, por um momento, uma expressão de compaixão passou pelo rosto do presidente. Mas ele apenas disse:

— Bem, voltemos ao nosso debate.

Virou-se e foi seguindo à frente dos outros pelo Salão das Recordações, voltando à Sala do Conselho.

Novamente na sala, o presidente tomou a palavra:

— Você reviu incidentes de sua vida. Viu que, com sangue azul ou sangue vermelho, cometeu muitos crimes, que culminaram com o crime do suicídio. Agora temos de resolver, ou melhor, temos de ajudá-lo a resolver qual será a melhor vocação pela qual você poderá expiar o mal que praticou no perverso episódio da guerra e o crime que cometeu suicidando-se. Tem alguma idéia do que gostaria de ser?

Algernon sentiu-se muito castigado. Estava muito abalado, pior do que jamais se sentira, ao que se lembrasse. Enfiou a cabeça entre as mãos e apoiou os cotovelos na mesa. A sala estava em silêncio, um silêncio total. Algernon ficou ali sentado, por um tempo indefinido, pensando em tudo o que havia visto, e, o que era pior, pensando em todas as coisas que vira dos atos que praticara, e pensou em que deveria ser. Ocorreu-lhe a idéia de que talvez devesse tornar-se padre, clérigo, possivelmente um bispo, e com alguma influência poderia até chegar a ser arcebispo. Mas aí, de algum lugar recebeu uma tal sensação negativa que bem depressa mudou sua linha de pensamentos.

Um veterinário, pensou. Mas não, não gostava assim tanto de animais, e não havia muito *status* em ser veterinário, não é?

De alguma parte teve a impressão de vir um riso mudo, um riso que escarnecia dele, um riso que lhe dizia que ele ainda se encontrava no caminho errado. E aí pensou que podia ser médico, um médico da moda, que trabalharia entre os nobres e possivelmente poderia salvar umas 70 ou 80 vidas em sua carreira e então teria uma folha limpa com que iniciar outra vida ao fim daquela, a que estava por começar.

Um dos homens falou pela primeira vez.

— Naturalmente, estivemos acompanhando seus pensamentos neste globo — e fez um gesto para um globo embutido na mesa, que Algernon não tinha visto ainda porque estava coberto, mas ele agora estava brilhando e mostrando os pensamentos de Algernon. Quando Algernon corou, ao perceber que tudo o que pensara fora revelado, a imagem no globo também corou.

O presidente do Conselho falou:

— Sim, posso aconselhá-lo a ser médico, mas não o aconselho em absoluto a ser médico de sociedade. Para o seu caso, o plano que aconselho será exposto agora.

O presidente parou e remexeu em alguns papéis, dizendo depois:

— Você extinguiu vidas, você feriu e mutilou outras pessoas.

Algernon ergueu-se.

— Não! Não feri, não mutilei...

O presidente interrompeu-o.

— Sim, por sua ordem outros foram mortos, outros foram feridos e mutilados e, você é tão culpado quanto as pessoas que praticaram esses atos. Mas você está me ouvindo, e é bom ouvir com atenção, pois não repetirei o que estou dizendo. Você deve ser médico, mas médico num lugar pobre, onde possa trabalhar entre os pobres, e começará a vida em circunstâncias de pobreza, não mais como membro da aristocracia, e sim como uma pessoa que tem de lutar para subir na vida. E no 30º ano dessa vida, sua vida terminará e você voltará para cá, se se suicidar; mas se não fizer isso, passará a um plano mais elevado no astral, onde será preparado de acordo com o seu modo de proceder na vida que está prestes a iniciar.

Houve discussão por algum tempo e depois o presidente bateu com seu martelo e disse:

— Tornaremos a reunir-nos para planejar os pais que você terá, o lugar em que você nascerá e providenciar a data. Até então, você pode voltar para a Casa de Repouso. Está encerrada a sessão.

Algernon e o médico seguiram pensativos pelas alamedas do jardim, silenciosos, sem pronunciar uma palavra, e depois o médico levou Algernon para a Casa de Repouso e mostrou-lhe um quarto conveniente, dizendo:

— Virei buscá-lo mais tarde, quando me mandarem.

Com um cumprimento muito ligeiro, voltou-se e saiu. ASgernon sentou-se numa poltrona, a cabeça entre as mãos, a imagem da desgraça, pensando em tudo quanto vira, em tudo o que fizera, e pensando: “Bem, se isto é o purgatório, ainda bem que não existe o inferno!”

CAPÍTULO CINCO

Algernon passou os dedos crispados pelos cabelos. Estava muito infeliz. Sim, ele se suicidara. Bem, ele o fizera, e agora estava pagando por isso e ainda ia pagar muito mais. Ficou ali sentado pensando como é que aquilo ia acabar. Passou em revista todos os incidentes que haviam ocorrido desde que chegara àquele plano, o plano do purgatório.

“Então é errado ser aristocrata, é? É errado ter sangue azul, é?”, murmurou para si mesmo, em voz alta, olhando furioso para o chão. Aí virou-se ao ouvir a porta abrir-se. Diante da visão que entrou — uma enfermeira muito bonita

— levantou-se, o rosto radioso como o Sol da manhã. — Ah! exultou ele. — Um anjo que veio levar-me deste lugar maldito!

— Olhou para a enfermeira com uma avidez declarada, dizendo: — Que formosura num lugar com este! Que. ..

— Pare! — disse a enfermeira. — Sou completamente imune às suas lisonjas. Vocês, homens, tão todos iguais. Só pensam numa coisa quando chegam a este plano, e posso dizer-lhe que nós, mulheres, estamos imunizadas contra todas as tentações que vocês possam experimentar.

— Sente-se — continuou ela — pois preciso falar com você e levá-lo para um outro lugar. Mas antes de tudo, não pude deixar de ouvir o que você estava murmurando quando entrei.

— Às suas ordens, senhorita — disse Algernon, com galanteria.

A enfermeira sentou-se e Algernon apressou-se a sentar-se ao lado dela. Ficou muito aborrecido quando ela se afastou, de modo a ficar de frente para ele.

— Agora, Cinquenta e Três — disse ela.

Algernon levantou a mão.

— Está enganada, senhorita, não sou Cinquenta e Três; sou Algernon St. Clair de Bonkers — disse ele.

A enfermeira fungou alto e sacudiu a cabeça.

— Não seja tolo — respondeu ela. — Você agora não está representando numa peça, está neste plano, entre dois atos, como se poderia dizer.

Levantou a mão, para impedi-lo de falar, e depois continuou:

— Há duas coisas em especial sobre as quais desejo falar-lhe em primeiro lugar. Uma é que aqui você não é Algernon- não-sei-de-quê, e sim o Número Cinqüenta e Três. É quase um presidiário, pois foi preso pelo crime de suicídio, e aqui referem-se a você pelos dois últimos algarismos de sua freqüência-base, em seu caso, 53.

O coitado do Algernon sentiu que sua mente se aturdiu.

— Freqüência básica? — perguntou ele. — Acho que o que você está dizendo é completamente fora de minha compreensão. Não tenho a mais leve idéia sobre o que está falando. O meu nome é Algernon, e não Cinqüenta e Três.

— Você ainda tem muito o que aprender, rapaz — retrucou a enfermeira, com certa aspereza. — Parece ser muito ignorante, para quem se diz ser de sangue quase real, mas primeiro vamos tratar disso. Como certo ato sobre a Terra obrigou-o a ser uma pessoa com um título de nobreza, acha que tem de trazer isso para cá. Mas não tem, não!

— Ah! — exclamou Algernon. — Você deve ser comunista ou coisa que o valha. Está adotando um tema comunista, se acha que ninguém tem direito a um *status* — que todos os homens são iguais!

A enfermeira deu um suspiro de irritação resignada, e depois disse, com um ar fatigado:

— Você é mesmo ignorante. Vou dizer-lhe aqui mesmo que o comunismo é um crime pelo menos igual ao do suicídio,« pois que uma pessoa que se suicida comete um crime contra si, enquanto que o comunismo é um crime contra toda a raça humana, um crime contra a humanidade. O comunismo, de fato, é como um câncer no organismo do mundo. Não somos a favor do comunismo e com o tempo — depois de muito tempo — o comunismo acabará sendo extinto, pois é baseado em falsos conceitos. Mas não é disso que estamos tratando.

Ela examinou alguns papéis em sua mão, levantou a cabeça e olhou diretamente para Algernon, dizendo:

— Temos de livrá-lo dessa idéia terrível que você tem de que, como um dia teve um título nobiliárquico, sempre será nobre. Vamos pensar nas coisas em termos da Terra. Pense num escritor que existiu naquele mundo há algum tempo: o nome dele era Shakespeare. Escrevia peças muito suas conhecidas, e as pessoas representam os papéis que ele escreveu. Às vezes há um vilão na peça, às vezes há um rei, mas vou dizer-lhe francamente que as pessoas escarneceriam de qualquer ator que, tendo representado o papel de rei em Hamlet, passasse o resto da vida imaginando que continuava a ser um rei na realidade. As pessoas vão à Terra para assumir um determinado papel na peça da vida, que lhes permitirá aprender as tarefas que têm de aprender, e, tendo aprendido suas tarefas, e voltado ao mundo astral, aí, então, naturalmente elas se livram de sua identidade imaginária e voltam à sua própria identidade natural que é determinada por seu Superego superior.

Algemon — ou melhor, Cinquenta e Três, de agora em diante — estremeceu e respondeu:

— Oh, meu Deus, meu Deus! Não gosto mesmo nada de literatas. Quando aparece uma pequena linda que começa a pregar e ensinar, aí as minhas emoções realmente se desligam.

— Ah, que ótimo! — disse a enfermeira. — Pois achei seus pensamentos extremamente desagradáveis, e estou realmente contente por ter dado uma ducha fria no seu desejo muito evidente.

Ela tomou a consultar seus apontamentos, comparando um papel com outro, e depois falou:

— Você foi mandado para a Casa de Repouso errada. Tenho de levá-lo para outra, que é de natureza mais temporária, pois você terá de voltar à Terra o quanto antes; de fato, está aqui apenas em trânsito, e há pouca coisa que se possa fazer por você a não ser levá-lo adiante o mais depressa possível. Acompanhe-me, por favor.

E com isso levantou-se e foi até à porta. Cinquenta e Três — ex-Algemon — correu à frente dela e abriu-lhe a porta, com uma mesura levemente irônica.

— Primeiro as damas, senhora, primeiro as damas — disse ele.

A enfermeira passou com grande dignidade pela porta e esbarrou no médico, que já ia entrando.

— Ui! Desculpe, doutor, não o vi — exclamou ela.

— Não foi nada, enfermeira, não foi nada. Eu vinha buscar o Número Cinquenta e Três porque o Conselho quer tornar a vê-lo. Tem ainda alguma coisa para dizer a ele?

A enfermeira sorriu para o médico e respondeu:

— Não, terei prazer em ver-me livre dele. Parece meio petulante, para uma pessoa na situação em que se encontra. Estive tentando ensinar-lhe que o sangue azul aqui não vale nada, mas que pelo menos é um pouco melhor do que quem tem sangue comunista. Mas, doutor, depois que o Conselho terminar com ele, terá de ir para a Casa dos em Trânsito. Houve uma confusão nas ordens e creio que foi por isso que o trouxeram para cá. Quer providenciar para que ele vá para a Casa dos em Trânsito?

O médico meneou a cabeça e concordou:

— Sim, enfermeira, vou providenciar. — Depois fez um sinal para o Cinquenta e Três e disse: — Venha comigo, já estamos atrasados.

E com isso virou-se e foi andando por um corredor que Algernon — não, Cinquenta e Três — ainda não havia visto. Ele, pobre coitado, parecia positivamente deprimido e murmurou:

— Purgatório? Isto é o purgatório, sim, tenho certeza de que estarei com vários centímetros a menos quando sair daqui. Já andei tanto que gastei até aos joelhos!

O médico, que ouvira seus murmúrios, riu-se, divertido, e retrucou:

— Sim, de fato, você estará bem menor quando sair daqui, pois será um bebê dentro de sua mãe!

O médico e Cinquenta e Três entraram num extenso corredor. Havia dois guardas sentados de cada lado da entrada. Um deles cumprimentou o médico ligeiramente e disse:

— Este é o Cinquenta e Três?

— É, sim — disse o médico. — É você quem nos vai acompanhar?

O guarda do lado direito levantou-se e respondeu:

— Sou eu que vou com vocês, portanto, não percamos mais tempo, está bem?

Virando-se, foi seguindo pelo corredor, andando bem depressa. Cinquenta e Três e o médico tinham de caminhar muito depressa para poder acompanhá-lo. Caminharam bastante e

Cinquenta e Três ficou horrorizado ao ver que, por mais que andassem, o corredor parecia estender-se interminavelmente. Mas depois apareceu uma variação: o corredor bifurcou-se. O guarda, ou guia — Cinquenta e Três não sabia ao certo o que ele era — virou à esquerda e seguiu mais um pouco, depois bateu a uma porta e recuou.

— Entre — disse uma voz, e o guarda logo abriu a porta, de modo que entraram primeiro o médico, depois Cinquenta e Três e por fim o guarda, este fechando a porta com firmeza. — Venha sentar-se aqui, por favor — disse a voz. Cinquenta e Três adiantou-se e sentou-se, conforme lhe mandaram.

— Agora temos de conversar sobre o seu futuro. Queremos que você volte para a Terra o mais breve possível, dentro do que for compatível com as funções biológicas de uma mulher! — disse a voz.

Cinquenta e Três olhou em volta — ficara meio ofuscado com a quantidade de luz no prédio; parecia ser um edifício muito claro e havia muitas luzes piscando por toda parte. Uma das paredes, observou com certo espanto, parecia ser de vidro fosco, sobre o qual, de vez em quando, passavam rapidamente luzes coloridas faiscantes, que logo desapareciam. Percebeu que estava numa sala como nunca vira antes. Parecia ter uma austeridade clínica, não era branca, e sim de um tom de verde muito repousante. Em torno dele havia cinco ou seis pessoas — ele não podia contá-las com precisão — vestidas de macacão verde. Não tinha certeza alguma quanto ao número de pessoas, pois parecia que de vez em quando entravam algumas pessoas na sala e outras desapareciam, mas aquilo não era hora para prestar atenção a detalhes, pois o primeiro homem estava novamente falando.

— Examinei e estudei com cuidado todas as informações que me foram apresentadas. Esmiucei o seu passado detalhadamente, o seu passado antes de você descer à Terra, e verifiquei que, embora — segundo suas concepções — você se tenha dado bastante bem na Terra, de acordo com as regras da vida real você foi um fracasso e completou seu fracasso cometendo o crime do suicídio. Agora, portanto, queremos ajudá-lo.

Cinquenta e Três estava com uma expressão extremamente azeda e não pôde deixar de exclamar:

— Ajudar-me? Ajudar-me! Desde que cheguei aqui que me criticam, me reprimem por quase tudo, recriminam-me

por ser membro das classes superiores e recriminam-me por dizer que talvez eu devesse ter sido comunista. Em que é que DEVO acreditar? Se estou aqui para ser castigado, então por que não fazê-lo logo de uma vez?

O homem idoso e esguio de cabelos grisalhos, sentado diante de Cinquenta e Três, pareceu ficar realmente aflito e com muita pena dele.

— Sinto muito mesmo que você pense assim — disse — pois é essa sua atitude que está tornando tudo tão difícil para nós. Chegamos à conclusão inelutável de que, como você desceu à Terra como ator numa posição um tanto importante, isso afetou seu psiquismo, o que nos obriga a mandá-lo de volta em circunstâncias bem mais pobres, pois do contrário ficará impossível e dará ao seu Superego impressões completamente falsas. Falei claro? — perguntou ele.

Cinquenta e Três fechou a cara e respondeu:

— Não, positivamente não sei de que vocês falam quando se referem a Superego e tudo o mais. Até agora tudo o que me disseram foi uma porção de bobagens e não tenho a menor sensação de culpa pelo que fiz. Portanto, segundo a lei inglesa, não cometi crime algum!

O senhor idoso sentiu que sua resolução se consolidava. Pareceu-lhe que aquele homem — esse número Cinquenta e Três — estava apenas se mostrando difícil pela vontade de ser difícil.

— Você está completamente enganado, em sua referência à lei inglesa — disse o interrogador. — Se soubesse alguma coisa a respeito da lei inglesa, saberia que um de seus dogmas é que a ignorância da lei não desculpa o crime, de modo que se você infringir uma lei inglesa e depois alegar que não sabia que existia tal lei, ainda assim será considerado culpado pois devia ter tomado conhecimento da existência dessa lei. É por favor, tente não ser intolerante comigo, porque sou um dos que têm o seu destino nas mãos, e se nos provocar muito, poderemos tornar as coisas muito difíceis para você. Preste atenção e controle seu temperamento.

Cinquenta e Três estremeceu diante do tom daquela voz e reconheceu sua derrota. Disse:

— Senhor, mas o que posso fazer quando se usam termos que não têm significado para mim? O que, por exemplo, é o Superego?

— Mais tarde — voltou o interrogador — você aprenderá tudo isso. Por enquanto basta saber que seu Superego é o que você chamaria de sua alma eterna e imortal. Você agora não é mais que um brinquedo ou uma extensão desse Superego, quase, poderíamos dizer, um pseudocasulo — uma extensão de seu Superego materializada em substância material para você poder aprender por uma experiência física real e dura aquilo que é inatingível para o Superego, muito mais tênue.

O coitado do Cinquenta e Três sentiu a cabeça girar. Não chegava a compreender nada daquilo, mas pensou que, como lhe disseram que aprenderia isso mais tarde, era melhor abreviar as coisas no momento e apenas ficar ouvindo. Portanto, meneou a cabeça, calado, diante das sobranceiras erguidas do interrogador.

O interrogador, ou talvez um termo melhor seria conselheiro, olhou para seus papéis e disse:

— Você terá de voltar como filho de pais pobres, sem posição na sociedade, pois o papel que teve de interpretar em sua vida anterior parece ter prejudicado gravemente sua compreensão e percepções, e você se coloca numa classe a que não tem direito. Vamos sugerir — e você tem o direito de recusar — que nasça de pais londrinos, no local conhecido como Tower Hamlets. Há futuros pais muito adequados perto de Wapping High Street. Você terá a vantagem de nascer bem perto de Torre de Londres e do Mint (Tesouro) e bairros na beira do cais em que existe uma tremenda miséria e sofrimento. Lá, se concordar, e se tiver a fibra moral e mental para tanto, poderá trabalhar e subir até ser médico ou cirurgião, e ao salvar as vidas das pessoas que o cercam, poderá compensar as vidas que liquidou ou fez com que liquidassem. Mas terá de resolver depressa, pois essas mulheres que escolhemos para serem suas futuras mães já estão grávidas e isso significa que não temos tempo a perder. Vou mostrar-lhe o local que deverá ser o seu lugar de nascimento.

Virou-se e indicou a parede que Cinquenta e Três pensara ser de vidro fosco. Nisso a parede tomou vida, uma vida colorida, e Cinquenta e Três viu um bairro de Londres que ele conhecia pouco. O rio Tâmis, sim; a ponte de Southwark; a ponte de Londres e depois as básculas da ponte da Torre apareceram na tela. E ao lado via-se a própria Torre de Londres. Ele ficou ali sentado, muito absorto, olhando para as cenas muito nítidas, vendo o tráfego nas ruas. Ficou muito

espantado ao ver carruagens sem cavalos e poucos veículos com tração animal. Comentou o assunto e o conselheiro disse:

— Ah, é, o tráfego de veículos de tração animal quase desapareceu e as coisas se modificaram bastante desde que você está aqui. E você já está aqui há bastante tempo, sabe? Ficou inconsciente durante uns três anos. Agora tudo está motorizado; ônibus a motor, caminhões a motor, carros a motor. Dizem que as coisas melhoraram mas eu pessoalmente lamento a falta dos cavalos nas ruas.

Cinquenta e Três tornou a prestar atenção ao quadro. A rua Mint, a rua Cable, Shadwell, East Smithfield, a Rodovia, a rua Thomas Moore, St. Catherines, Wapping High Street e Wapping Wall.

O conselheiro tornou a falar:

— Bem, temos cinco mulheres grávidas. Quero que você escolha qual das zonas exibidas prefere. Dessas cinco mulheres, uma é mulher de um estalajadeiro, ou o que imagino que você chame de hoteleiro. A segunda é mulher de um verdureiro. A terceira, de um ferreiro. A quarta de um motorista de ônibus. E a quinta, novamente, toma conta de uma pensão. Digo novamente porque a primeira é dona de uma estalagem. Agora, você tem o direito de escolher e ninguém vai influenciá-lo. Posso dar-lhe uma lista delas e você terá 24 horas para meditar sobre esse assunto, e se quiser algum conselho, basta pedir.

Cinquenta e Três recostou-se e ficou olhando para as cenas vivas na parede, vendo as pessoas se mexerem, vendo as roupas estranhas que as mulheres usavam agora, maravilhado diante dos carros sem cavalos que passavam, e também assombrando-se com a quantidade de construções em andamento. Depois virou-se para o conselheiro e disse:

— Senhor, eu queria pedir-lhe especialmente que me permita ver as dez pessoas, cinco pais e cinco mães, entre os quais devo escolher os meus pais. Gostaria de vê-los, de ver as casas onde moram.

O conselheiro, ou interrogador, sacudiu a cabeça lentamente, com um pesar sincero.

— Ah, meu amigo — lamentou — esse é um pedido que está além de minhas possibilidades, pois nunca fazemos essas coisas. Podemos apenas dar-lhe os detalhes e você faz a sua escolha. Não é permitido você ver seus pais pois isso seria

invadir e intimidade deles. Agora sugiro que você volte ao Hotel dos em Trânsito e pense em todo esse assunto.

E dizendo isso, fez uma leve mesura para o médico e para Cinquenta e Três, pegou seus papéis e saiu da sala. O médico disse:

— Vamos embora — e levantou-se. Cinquenta e Três levantou-se com relutância e acompanhou-o, saindo ambos da sala. Juntos voltaram por onde tinham vindo, acompanhados pelo guarda. Juntos percorreram aquele corredor comprido, que parecia tão interminável e que agora parecia ainda mais comprido.

Por fim chegaram de novo ao ar livre e Cinquenta e Três respirou fundo, inspirando a energia e a vida, ao fazê-lo.

O guarda deixou-os, para voltar ao seu posto, e o médico e Cinquenta e Três continuaram, até chegar a um prédio cinzento, bastante sem graça, que Cinquenta e Três já vira mas que não lhe interessara. Entraram pela porta da frente e um homem a uma mesa disse:

— A terceira à esquerda — e se desinteressou deles.

Eles prosseguiram para a “terceira à esquerda” e entraram num quarto modesto. Havia uma cama, uma cadeira e uma mesinha, sobre a qual Cinquenta e Três viu, com interesse, que havia uma pasta grande com o número 53 impresso.

— Bom, cá estamos — disse o médico. — Você tem 24 horas a partir de agora para tomar sua resolução e depois desse tempo virei buscá-lo para ver o que se pode ver, e prepará-lo para voltar à Terra. Adeus!

O médico voltou-se e saiu do quarto, fechando a porta, deixando Cinquenta e Três, que ficou desconsolado no meio do aposento, pegando apreensivo a pasta marcada com o número 53.

Cinquenta e Três fez uma cara feia quando a porta se fechou e levou as mãos atrás das costas. Com a cabeça abaixada sobre o peito, pôs-se a andar pelo quarto, e andou e andou. Hora após hora caminhou para lá e para cá e depois, bastante cansado do esforço, atirou-se na cadeira e olhou com azedume pela janela.

“Cinquenta e Três, hein?”, resmungou ele, consigo mesmo. “Como um presidiário, e tudo por ter feito uma coisa que pensei ser boa. De que adiantava viver uma vida sem ser homem nem mulher?” Apoiou o queixo nas mãos e cruzou as

pernas e parecia a própria encarnação da desgraça. Depois, pensou “Ou será que pensei MESMO estar fazendo o que era certo? Afinal, pode ser que eles tenham uma certa razão no que dizem. Acho bem provável que eu me estivesse entregando à minha dor, mas cá estou agora, com um número, como um presidiário em Dartmoor, e tendo de resolver o que vou fazer em seguida. Não sei o que vou ser. Nem sei se importa, mesmo, pois provavelmente voltarei a este lugar”.

Tomou a levantar-se e foi até à janela, pensando em dar um passeio pelo jardim. Empurrou a janela com cuidado e ela se abriu facilmente. Já ia saindo, e parecia que estava indo de encontro a uma placa invisível de borracha. Ela esticou-se o suficiente para impedir que ele se machucasse, e depois contraiu-se e ele foi impelido suavemente e sem esforço de volta para o quarto.

“Presidiário de verdade, hein?”, comentou consigo mesmo. E tornou a sentar-se na cadeira.

Hora após hora ficou ali sentado, pensando, imaginando, num estado de indecisão total.

“Eu julgava que depois da morte iria para o Céu”, disse consigo mesmo, e logo acrescentou: “Bem, não, acho que não pensava nada disso. Não sabia o que pensar. Já vi tanta gente morrer, sem qualquer sinal de que a alma saísse do corpo, que cheguei à conclusão de que todas essas tolices de que falam os pastores, a vida depois da morte, etc., tudo fosse conversa fiada.” Tornou a levantar-se e recomeçou a andar interminavelmente de um lado para outro no quarto, pensando sempre e inconscientemente falando sozinho.

“Lembro-me de ter estado conversando a respeito certa noite no quartel, e o Capitão Broadbreeches exprimiu o pensamento muito positivo de que quando a pessoa morre, morreu e acabou-se. Contou sobre os homens, mulheres, crianças e cavalos que já vira morrer e nunca, disse ele, vira uma alma erguer-se de um corpo morto e ir voando para o céu”.

Mentalmente, tornava a ver a vida como era na Inglaterra quando fora menino de colégio e depois quando se tornara cadete. Viu-se como oficial recém-promovido, orgulhoso por embarcar num navio para ir lutar contra os holandeses. Pensava nos Boêres como holandeses porque era esse o seu grupo étnico original — holandês. Mas olhando para o passado, via que os Boêres eram apenas um grupo de lavradores lutando

pelo que consideravam o seu direito de escolher seu próprio modo de vida, sem intromissão da Inglaterra.

A porta abriu-se e entrou um homem, dizendo:

— Sugiro, Cinquenta e Três, que você procure descansar um pouco, Você está quase se esgotando com essas caminhadas intermináveis. Dentro de algumas horas terá de passar por uma experiência bastante traumatizante. Quanto mais descansar agora, mais fáceis serão as coisas para você mais tarde.

Cinquenta e Três virou-se para ele, de mau humor, e, com o seu melhor jeito militar, exclamou:

— Vá-se embora!

O homem deu de ombros, virou-se e saiu do quarto e Cinquenta e Três continuou a andar e a meditar.

“Que negócio era aquele de Reino dos Céus?”, perguntou a si mesmo. “Os párocos sempre falavam sobre outras mansões, outros planos de existência, outras formas de vida. Lembro-me do nosso Padre dizer que até o cristianismo aparecer na Terra, todos estavam condenados à danação, ao sofrimento eterno, a tormentos eternos, e que somente os católicos romanos é que iam para o Céu. Ora, fico pensando no tempo todo de existência do mundo e porque toda aquela gente que existiu antes do cristianismo é condenada quando nem sabia que tinha de ser salva.”

Caminhar, caminhar, caminhar. Ele atravessou o quarto, voltou, atravessou de novo e voltou, interminavelmente. Se estivesse num moinho, pensou, teria percorrido muitos quilômetros, mas isso pelo menos seria um trabalho mais árduo do que apenas andar para diante e para trás naquele lugar.

Por fim, zangado e frustrado, atirou-se na cama e ficou ali esparramado. Dessa vez não baixou escuro algum, apenas ficou ali deitado, cheio de ódio, cheio de um ressentimento amargo, e as lágrimas salgadas e quentes jorraram de seus olhos. Furioso, quis enxugá-las com as costas das mãos, e depois por fim virou-se de bruços e começou a soluçar no travesseiro.

Depois do que pareceram várias eternidades, bateram à porta, mas ele não fez caso. Bateram de novo e ele não respondeu. Depois de um intervalo razoável, a porta abriu-se lentamente e lá estava o médico. Espiou para dentro e depois perguntou:

— Ah, já está pronto? Já se passaram as 24 horas.

Cinquenta e Três baixou uma das pernas e depois, letargicamente, a outra. Devagar, sentou-se na cama.

— Já resolveu para que família quer ir? — perguntou o médico

— Não, raios, nem pensei nisso.

— Ah! — disse o médico. — Então está lutando até o fim, hein? Bem, não importa a nenhum de nós, sabe, embora você possa achar isso difícil de crer. Estamos realmente procurando ajudá-lo e se você, por sua protelação, perder essa oportunidade, verá que as oportunidades serão cada vez mais raras e que cada vez haverá menos e menos famílias.

O médico foi até à mesa e pegou a pasta marcada 53, folheando-a a esmo.

— Você tem aqui cinco famílias para escolher — disse ele — e há quem não tenha escolha alguma, sendo apenas dirigido. Vou dizer-lhe uma coisa.

Sentou-se na cadeira, recostou-se e cruzou as pernas, olhando severamente para Cinquenta e Três. Depois disse:

— Você parece uma criança mimada, entregando-se a uma raiva imatura. Você cometeu um crime, estragou sua vida, e agora tem de pagar por isso e estamos procurando fazer com que pague da maneira mais cômoda. Mas se não cooperar conosco, e insistir em comportar-se como uma criança mimada, então chegará ao ponto em que não terá escolha para onde ir. Pode vir a ser filho de alguma família negra, desfavorecida, de Mombaça, ou talvez a filha de uma família em Calcutá. As meninas em Calcutá não valem grande coisa, as pessoas preferem os meninos — eles podem ajudar — e como menina você poderá ser vendida para a prostituição ou em condições em que será praticamente escrava.

O pobre do Cinquenta e Três sentou-se muito teso na beira da cama, as mãos agarrando com força a borda do colchão, a boca aberta e os olhos arregalados. Parecia um animal selvagem recém-capturado e posto numa jaula pela primeira vez. O médico olhou para ele, mas não havia sinal algum de reconhecimento, nenhum indício de que Cinquenta e Três estivesse ouvido o que ele dissera.

— Se você continuar em sua atitude estúpida e recalcitrante, dificultando as coisas para nós, então, como último recurso, poderemos mandá-lo para uma ilha, onde só vivem leprosos. Você tem de viver os outros 30 anos que saltou antes,

não há outro jeito, é uma Lei da Natureza. Portanto, mais vale criar juízo.

Cinquenta e Três ficou ali, num estado quase catatônico. O médico levantou-se, foi até junto dele e bateu em seu rosto, primeiro num lado e depois no outro. Cinquenta e Três levantou-se de um salto, furioso, e depois acalmou-se.

— Bom, o que é que POSSO fazer? — perguntou. — Vou ser mandado de volta à Terra como membro de uma forma de vida deploravelmente baixa. Não estou acostumado a um *status* tão baixo.

O médico pareceu estar sinceramente triste e depois sentou-se na cama ao lado de Cinquenta e Três, dizendo:

— Olhe, meu filho, você está cometendo um grave erro. Suponhamos que estivesse agora na Terra agora e fosse membro da comunidade teatral. Suponhamos que lhe tivessem oferecido o papel do Rei Lear, ou Hamlet, ou alguém assim; bem, é possível que tivesse adorado essa oportunidade. Mas se, depois que acabasse a peça, depois que a platéia se fosse os produtores tivessem resolvido fazer uma nova produção, você havia de insistir em dizer que era o Rei Lear ou Otelo ou Hamlet? Se lhe oferecessem, por exemplo, a oportunidade de ser o Corcunda de Notre Dame, ou Falstaff, ou alguém em uma situação menos exaltada, você diria que isso era indigno de quem tinha representado o Rei Lear ou Hamlet ou Otelo?

O médico parou de falar. Cinquenta e Três ficou ali sentado na cama, remexendo com os pés à toa — esfregando o pé no tapete — e depois disse:

— Mas isso não é uma peça; eu estava vivendo na Terra, era membro da classe superior e agora querem que eu seja — como é que é? — filho de um hospedeiro, filho de um motorista de ônibus, ou seja o que for!

O médico soltou um suspiro e tornou:

— Você estava na Terra para viver um papel. Antes de ir para lá, escolheu o que achava ser a melhor condição para poder ser um ator de sucesso. Pois bem, você fracassou. O ato foi um fracasso, de modo que vai voltar numa situação diferente. Você tem escolha, de fato, tem cinco escolhas. Alguns não têm escolha alguma.

Ele se levantou dizendo:

— Venha, já demoramos muito e o Conselho vai ficar impaciente. Siga-me.

Dirigiu-se para a porta e depois, com um impulso, voltou até à mesa e pegou o *dossiê* marcado 53. Metendo-o debaixo do braço esquerdo, estendeu a mão direita e agarrou o braço de Cinquenta e Três, sacudindo-o rudemente.

— Venha, seja homem! Você só está pensando em como era importante quando oficial. Um oficial e um cavalheiro não se comportam como essa pessoa covarde e choramingas que você se tornou, não é?

Mal-humorado, Cinquenta e Três levantou-se e juntos foram até à porta. Lá fora um homem vinha pelo corredor.

— Ah! — disse ele. — Vim ver o que havia acontecido. Pensei que talvez o nosso amigo estivesse tão prostrado pelo sofrimento que não conseguisse levantar-se da cama.

— Paciência, amigo, paciência — advertiu o médico. — Temos de demonstrar tolerância, num caso desses.

Juntos, os três foram seguindo pelo corredor, voltando de novo por aquele túnel comprido, passando pelos guardas vigilantes, que dessa vez apenas os inspecionaram e depois voltaram para a porta.

— Entre — disse a voz, e os três entraram na sala

Lá estava o senhor idoso e grisalho, sentado à cabeceira da mesa, e de ambos os lados havia mais duas pessoas, um homem e uma mulher, com seus compridos casacos verdes. Os três se viraram para olhar para Cinquenta e Três, quando ele entrou. O homem da cabeceira da mesa ergueu as sobranceiras e disse:

— Então? Já resolveu o que deseja ser?

O médico cutucou Cinquenta e Três, que estava calado, zangado.

— Fale — cochichou ele. — Não vê que estão perdendo a paciência com você?

Cinquenta e Três adiantou-se e, sem que o convidassem, atirou-se numa cadeira.

— Não — disse ele. — Como é que posso resolver-me? Só me deram as mais vagas informações sobre essa gente. Não tenho idéia das condições que encontrarei. Só sei que acho um hoteleiro extremamente desagradável, mas talvez um ferreiro ainda seja mais desagradável. Sou muito ignorante quanto a esse tipo de gente, pois nunca os encontrei numa base social

em minha vida. Talvez que o senhor, com a sua experiência indiscutível, esteja preparado para aconselhar-me.

Cinqüenta e Três olhou com insolência para o homem na cabeceira da mesa, mas este apenas sorriu com tolerância e disse:

— Você tem muita consciência de classe e concordo que os ofícios honrados de hoteleiro, estalajadeiro e ferreiro seriam demais para o seu subconsciente. Eu poderia, de fato, recomendar calorosamente aquele hotel importante em Cable Street, mas para uma pessoa do seu tipo, dada a ser tão esnobe, em vez disso sugiro outra família, a do verdureiro. O pai é Martin Bond e a mulher é Mary Bond. Esta já está quase no fim de sua gravidez e se você quiser tomar o corpo de seu filho ainda por nascer, não pode perder mais tempo algum, tem de tomar juízo e resolver-se, pois somente você pode resolver-se!

— Quitandeirol! — pensou Cinqüenta e Três. — Drogas de batatas, cebolas fedorentas, tomates maduros demais. Bolas! Como é que me fui meter numa enrascada dessas?

Remexeu os dedos, coçou a cabeça e torceu-se tristemente na cadeira. Os outros na sala ficaram quietos, sabiam o estado desesperador em que as pessoas ficavam quando tinham de tomar tais decisões. Por fim Cinqüenta e Três ergueu a cabeça e disse, desafiadoramente:

— Pois bem, vou aceitar essa família. Poderão ver que têm na família um homem melhor do que jamais tiveram!

A mulher sentada ao lado da mesa comentou:

— Sr. Presidente, acho que devíamos verificá-lo novamente, para ver se continua compatível com a mãe. Seria uma coisa horrível para a mulher se, depois de tudo o que ela passou, o filho nascesse morto.

O homem do outro lado da mesa falou:

— Sim — e virou-se para olhar para Cinqüenta e Três. — Se a criança nascer morta, isso não o ajudará em nada, pois você voltaria para cá pelo motivo de que a sua falta de cooperação e a sua intransigência fizeram com que a mulher perdesse o filho. Sugiro, para o seu bem — pois para nós de fato não importa nada — que você coopere mais, que procure ter um temperamento mais equilibrado, ou verá que teremos de mandá-lo para qualquer lugar, como lixo que se joga fora.

A mulher pôs-se de pé, vacilou um momento e depois virou-se para Cinqüenta e Três, dizendo:

— Venha comigo.

O presidente meneou a cabeça e também se levantou. O médico tocou no braço de Cinquenta e Três e disse:

— Venha, chegou o momento.

Com relutância, como um homem diante de uma execução, Cinquenta e Três levantou-se com dificuldade e acompanhou a mulher para uma sala ao lado. Ali as coisas eram bem diversas. As paredes inteiras pareciam luzes piscando por trás de vidro fosco. Parecia haver uma porção de botões e interruptores. Cinquenta e Três pensou por um momento que tivesse entrado numa usina de eletricidade, mas aí, logo em sua frente, viu uma mesa de uma forma muito especial, muito especial mesmo. Parecia ser a silhueta de um ser humano, braços pernas, cabeça, tudo.

A mulher disse:

— Suba naquela mesa.

Por um momento, Cinquenta e Três vacilou e depois, dando de ombros, subiu na mesa, afastando bruscamente a mão bondosa do médico que procurava ajudá-lo. Ao deitar-se na mesa, viu-se dominado por uma sensação muito esquisita: a mesa pareceu moldar-se a ele. Ele nunca se sentira tão confortável em sua vida. A mesa estava morna. Levantando os olhos, verificou que sua vista não estava tão boa quanto antes, que estava turva. Vagamente, indistintamente, distinguiu formas na parede diante dele. Vagamente, e estranhamente desinteressado, ficou olhando para a parede, pensando poder distinguir uma forma humana. Pareceu-lhe ser uma forma feminina. Tentando adivinhar, Cinquenta e Três achou que ela estava numa cama, e depois, olhando por olhos sem vida, teve a impressão de que alguém estava afastando as cobertas.

Ouviu uma voz distorcida que dizia:

— Parece que está bem. Eu diria que ele é compatível.

Era muito estranho, muito estranho mesmo. Cinquenta e Três teve a impressão de estar cedendo a uma anestesia. Não houve luta, nem apreensão, nem mesmo um pensamento claro. Em vez disso ficou ali, naquela mesa anatômica, ficou ali deitado olhando sem compreender para as pessoas que antes ele conhecia tão bem. O médico, o presidente, a mulher.

Vagamente, percebia que eles diziam coisas: “Frequência básica compatível”, “inversão de temperatura”. “Um período de sincronização e estabilização.” E depois ele sorriu, sonolento,

e o mundo do purgatório fugiu dele e não soube mais nada daquele mundo.

Fez-se um silêncio prolongado, um silêncio que não era silêncio, um silêncio em que ele sentia mas não ouvia as vibrações. E aí, de repente, foi como se tivesse sido lançado numa aurora dourada. Viu diante de si uma glória tal como não se lembrava de haver jamais visto antes. Parecia estar aturdido e meio consciente num lugar maravilhoso, assombroso. A distância havia altas torres e, em volta, muita gente. Teve a impressão de que um vulto muito lindo aproximava-se e postava-se a seu lado, dizendo:

— Tenha ânimo, meu filho, pois você irá novamente para o mundo do sofrimento. Tenha ânimo, pois estaremos com você, mantendo contato. Lembre-se de que você nunca estará só, nunca esquecido, e se fizer aquilo que ditar sua consciência íntima, não lhe advirá mal algum, e apenas o que foi ordenado, e à conclusão feliz do seu tempo sobre o Mundo dos Pesares, você voltará para nós triunfante. Descanse, esteja em paz, esteja tranqüilo.

O vulto voltou-se e Cinquenta e Três virou-se em sua cama ou mesa ou fosse onde estivesse, e adormeceu e ficou em paz. E em sua consciência não soube mais nada do que aconteceu.

CAPITULO SEIS

Algernon estremeceu violentamente em seu sono. Algernon? Cinquenta e Três? Fosse quem fosse agora, estremeceu violentamente no sono. Não, não era sono, era o pesadelo mais terrível que jamais tivera na vida. Pensou num terremoto que houvera perto de Messina, na Salônica, em que os prédios tinham desmoronado e a terra se abriera e as pessoas caíram, sendo esmagadas quando a terra, bocejando, tornara a fechar-se.

Aquilo era terrível — terrível. Era a pior coisa que jamais poderia experimentar, a pior coisa que jamais imaginara. Sentiu como se estivesse sendo esmagado e pisoteado. Durante algum tempo, em seu confuso estado de pesadelo, imaginou ter sido apanhado por uma jibóia no Congo e estar sendo forçado pela goela da serpente abaixo.

O mundo todo parecia estar de pernas para o ar. Tudo parecia estar tremendo. Tinha dores, convulsões e sentia-se pulverizado, apavorado.

De muito longe veio um grito abafado, um grito como se fosse ouvido através da água e panos grossos. Quase inconsciente em sua dor, conseguiu distinguir:

— Martin, Martin, chame um táxi depressa, já começou!

Ficou pensando naquele nome. “Martin? Martin?” Ele tinha uma idéia vaga, mas só muito vaga mesmo, de que em algum momento, em alguma vida, já ouvira aquele nome, mas não, por mais que se esforçasse, não conseguia lembrar-se do que significava o nome ou a quem se aplicava.

As coisas pareciam terríveis. Os apertos continuavam. Ouvia o borbulhar horrível de fluidos. Por um momento, pensou ter caído dentro de um esgoto. A temperatura aumentou e foi uma experiência realmente tremenda.

De repente, violentamente, foi suspenso e sentiu uma dor horrível na nuca. Havia uma sensação esquisita de movimento, nada de parecido com o que experimentara antes. Sentia-se

sufocar, abafar, sentia-se como submerso num líquido. “Mas isso não pode ser, pode?””, pensou. “O homem não pode viver em líquido, pelo menos desde que saímos de dentro do mar”.

As sacudidelas e solavancos continuaram por algum tempo, e afinal houve um solavanco mais forte e uma voz muito abafada e borbulhenta rosnou:

—• Cuidado, homem! Cuidado! Quer que ela tenha o bebê aqui no táxi?

Houve uma resposta abafada, mas foi tudo muito baixinho. Algernon estava quase fora de si, de tanta confusão, nada daquilo fazia sentido para ele, não sabia mesmo onde estava, não sabia o que estava acontecendo. As coisas tinham sido fantasticamente terríveis, ultimamente, e não era mais possível agir como um ser humano racional. Recordações vagas lhe acudiram à consciência. Alguma coisa sobre uma faca... ou seria uma navalha? Aquele fora um pesadelo terrível! Sonhara que quase decepara sua cabeça, e depois olhara para seu corpo, enquanto estava pendurado meio atravessado no teto, e ainda por cima de pernas para o ar, olhando para si mesmo morto, no chão. Ridículo, totalmente absurdo, claro, mas... e qual era esse outro pesadelo? O que era ele agora? Parecia ser um prisioneiro, acusado de algum crime, mas não sabia nada sobre aquilo. O pobre coitado estava quase fora de si com tanta aflição, além das tremendas apreensões por um destino iminente.

Mas as sacudidelas continuavam.

— Cuidado, já disse, cuidado, vamos com calma, dê uma mãozinha atrás, sim?

Era tão abafado, tão irreal, e os sons eram tão vulgares. Aquilo lhe lembrava um verdureiro que ele ouvira falar um dia numa ruela de Bermondsey, em Londres. Mas o que tinha Bermondsey a ver agora com ele, onde estaria ele? Tentou esfregar a cabeça e os olhos, mas, horrorizado, viu que havia algum cabo ou outra coisa que o prendia. Mais uma vez pensou que devia estar num astral inferior porque seus movimentos estavam cerceados — aquilo era terrível demais. Parecia estar mergulhado numa poça d'água. Antes parecia ser uma mesa gosmenta, quando estivera no astral inferior — ou será que estivera mesmo no astral inferior? Aturdido, procurou forçar sua mente relutante a procurar nos recantos de sua memória. Mas não, nada estava certo, nada se focalizava com clareza.

“Ah, Deus!”, pensou, preocupado, “devo ter enlouquecido e estar num hospício. Devo ter tido pesadelos vivos. Isso não pode acontecer com qualquer pessoa. Como é que eu, membro de uma família tão antiga e respeitada, poderia chegar a isso? Sempre fomos respeitados por nossa dignidade e sanidade. Oh, Deus! O que aconteceu comigo?”

Sentiu um solavanco repentino, um fato totalmente inexplicável, uma sacudidela, e aí as dores começaram. Vagamente percebeu que alguém estava gritando. Normalmente, pensou, teria sido um grito estridente, mas agora tudo estava abafado, tudo estava tão incrivelmente estranho, nada fazia mais sentido. Deitou-se dentro do que quer que fosse em que se encontrava e percebeu que dessa vez estava de bruços, e depois a convulsão repentina de “alguma coisa” o fez girar, e depois estava de novo de costas, tremendo com todas as fibras de seu ser, tremendo de pavor.

“Eu, tremer?”, perguntou-se horrorizado. “Estou quase louco de medo, eu, um oficial e um cavalheiro? Que coisa maléfica é essa que me aconteceu? Na verdade, devo estar sofrendo de alguma grave doença mental. Temo pelo meu futuro!” Tentou clarear a mente, tentou com todo o seu poder mental pensar no que acontecera, no que estava acontecendo. Só conseguia ter sensações confusas e improváveis, alguma coisa sobre comparecer diante de um Conselho, alguma coisa sobre planejar o que ia fazer. E depois tinha repousado sobre uma mesa — não, era inútil, sua mente recuou diante da idéia e por um momento ficou vazia.

Outra vez um movimento violento. Convenceu-se de que estava sendo envolvido por uma jibóia, sendo preparado para ser esmagado e digerido. Mas não havia nada a fazer. Encontrava-se num estado de terror total. Nada parecia estar dando certo. Para começar, como é que fora parar na goela da jibóia, e de que modo estaria num lugar em que havia essas criaturas? Tudo aquilo parecia além de sua compreensão.

Um grito terrível, abafado por seu ambiente, abalou-o até o âmago de seu ser. Seguiram-se uma terrível deslocação e dilaceração e teve a impressão de que lhe arrancavam a cabeça do corpo. “Ah, meu Deus!”, pensou, “então é mesmo verdade, CORTEI mesmo minha garganta e minha cabeça está agora caindo de meu corpo. Ah, meu Deus, o que vou fazer?”

Com um choque repentino e terrível, sentiu um jorro d'água e viu-se colocado sobre algo que cedia. Viu que estava sufocando e se debatendo. Parecia ter uma manta quente e úmida sobre o rosto, e depois, com horror, viu que pulsações, pulsações, pulsações e empurrões fortes o forçavam através de algum canal muito estreito, pegajoso, gosmento, e alguma coisa — parecia ser um cordão amarrado à sua volta — tentava segurá-lo. Sentiu o cordão enrolar-se em volta de um de seus pés. Esperneou violentamente para tentar livrá-lo, pois ali ele sufocava, na escuridão úmida. Tornou a chutar e um grito forte, mais forte agora, se fez ouvir em algum lugar acima e atrás dele. Houve mais uma convulsão e contorsão tremendas e foi impelido do escuro para a claridade, uma luz tão ofuscante que julgou ter ficado cego ali mesmo. Não podia ver coisa alguma, mas, saindo do ambiente muito quente em que estivera, foi precipitado para alguma coisa áspera e fria e o frio parecia entrar-lhe pelos ossos e ele estremeceu. Surpreendido, sentiu-se ensopado e depois “alguma coisa” agarrou-o pelos tornozelos e levantou-o de pernas para o ar.

Sentiu pancadas secas nas nádegas e abriu a boca para protestar contra essa indignidade, contra o ultraje perpetrado sobre o corpo indefeso de um oficial e cavalheiro. E com o seu primeiro grito de raiva, toda a recordação do passado desapareceu nele, como um sonho desaparece ao nascer de um novo dia — e nasceu um bebê.

Naturalmente, nem todos os bebês têm experiências como essa, pois o bebê normal é apenas uma massa inconsciente de protoplasma, até nascer, e só quando nasce é que a consciência aparece. Mas no caso de Algemon ou Cinquenta e Três, ou seja como for que quiserem chamá-lo, o caso era um tanto diferente, pois ele se suicidara, era um “caso” muito difícil mesmo, e havia ainda mais um fator: essa pessoa — esse ente — tinha de voltar com um propósito especial em mente, tinha de adotar uma vocação especial e, portanto, o conhecimento do que era essa vocação tinha de ser transmitido do mundo astral através do bebê recém-nascido diretamente para a matriz mental desse bebê.

Durante algum tempo o bebê ficou deitado, ou foi levado de um lado para outro. Fizeram coisas com o bebê, cortaram alguma coisa que estava ligada a seu corpo, mas o bebê não tinha consciência de nada daquilo. Algernon se fora. Agora havia um bebê sem nome. Mas depois de alguns dias na casa

de saúde, vagas formas iam e moviam-se diante da visão turva da criança.

— Bilu, bilu — disse uma voz um tanto rude. — Diabí-nho nanico, hein? Que nome vai dar a ele, Mary?

A mãe, olhando com carinho para seu primogênito, desviou o olhar, sorriu para a visita e disse:

— Bem, acho que vamos chamá-lo de Alan. Resolvemos que se fosse menina seria chamada Alice e se fosse menino seria chamado Alan, de modo que vai ser Alan.

Passados mais alguns dias, Martin foi buscar a mulher na casa de saúde e saíram juntos, levando o embrulhinho que começava uma nova vida na Terra, uma vida que, naquela ocasião, nenhum dos dois sabia dever terminar 30 anos depois. O bebê foi levado para casa, num lugar bastante apresentável de Wapping, bem perto do som das buzinas dos rebocadores no Tâmis, onde os grandes navios chegavam e trocavam as suas saudações ao entrarem de volta ao porto, ou gritavam suas despedidas com suas sereias ao zarparem do porto de Londres para tornarem a sair numa viagem talvez até o outro lado do globo. E naquela casinha, não muito longe de Wapping Steps, um menininho dormia num quarto por cima da loja em que mais tarde ele havia de lavar batatas, jogar fora as frutas estragadas e cortar as folhas podres dos repolhos. Mas agora o menininho tinha de repousar, tinha de crescer um pouco e aprender um tipo de vida diferente.

O tempo foi passando, como passa o tempo — nunca se ouviu dizer que ele tenha parado! — e o menininho já estava com quatro anos. Naquela tarde quente de domingo ele estava sentado no colo do Vovô Bond quando de repente o vovô inclinou-se e disse:

— Bom, e o que você vai ser quando crescer, menino?

O garoto resmungou sozinho, examinou os dedos com cuidado e depois disse, na sua vozinha de criança:

— Doutô, doutô.

Tendo dito isso, ele saltou do colo do avô e fugiu, encabulado.

— Bem, vovô — disse Mary Bond — é uma coisa engraçada, sabe, e não entendo nada, mas ele parece muito interessado em tudo que se refere a medicina, e só tem quatro anos. Quando o médico vem, ele não quer largar o. . . sabe, aquela

coisa que o médico tem em volta do pescoço, que parece um tubo.

— Estetoscópio — disse o avô.

— Bem, foi isso o que eu disse, estetoscópio — tomou Mary Bond. — Não entendo isso. Ele parece ter uma verdadeira obsessão por isso, e como é que pode pensar em ser médico, na situação em que estamos?

E o tempo passava. Alan Bond estava agora com dez anos, e para um garoto de dez anos, estava estudando muito bem no colégio. Conforme disse um dos professores— Não compreendo o Alan, Sra. Bond. Ele estuda mesmo e isso é completamente fora do comum, não é natural um menino estudar assim. Passa o tempo todo querendo falar sobre medicina e coisas assim. Na verdade, é uma tragédia — não quero ofendê-la, Sra. Bond — mas como é que ele pode esperar ser médico?

Mary Bond pensava naquilo o tempo todo. Pensava na longa calada da noite, só rompida pelo ruído do tráfego — ao qual ela era imune — e pelas buzinas dos barcos no Tâmsa — às quais ela estava acostumada. Pensou muito e depois, finalmente, conversando com uma vizinha, teve uma idéia. A vizinha disse:

— Bem, sabe, Mary, hoje em dia existe um plano que se a gente adotar quando as crianças ainda são bem pequenas, pode fazer um seguro para elas. A gente paga tanto por semana, todas as semanas, e depois, em certa idade, a gente resolve quando, com o agente de seguros, em certa idade o garoto pode receber uma grande quantia em dinheiro que lhe permita fazer o curso de medicina. Sei que existe esse plano, conheço um garoto que já fez isso, e é advogado. Vou dizer a Bob Miller para vir falar com você, ele sabe de tudo sobre esses planos de seguro.

A vizinha foi embora cheia de boas intenções, cheia de planos para o futuro do outro.

Os anos foram passando e afinal Alan Bond entrou para a escola secundária. O diretor teve uma entrevista com ele no primeiro dia de aula.

— Então, rapaz, o que você pretende fazer da vida quando sair daqui?

— Vou ser médico, senhor — disse Alan Bond, com confiança, olhando francamente para o diretor.

— Bem, meu filho, não há mal nenhum em se ter essas aspirações tão altas, mas você vai ter de estudar muito para ser médico e terá de conseguir muitas bolsas, pois seus pais positivamente não podem pagar seu curso de medicina, e ainda arcar com todas as despesas envolvidas. Sugiro, meu filho, que procure ter alguma coisa como substituto, por assim dizer, para suas ambições.

— Que diabo, menino! — exclamou Martin Bond. — Não pode largar esse maldito livro nem por um minuto? Já não disse para lavar essas batatas? A Sra. Potter vai comprar noutra lugar, se lhe dermos batatas com torrões de terra. Largue o livro, já disse, largue isso, e trate de lavar as batatas. Quero isso limpinho e quando estiverem limpas, vá entregá-las à Sra. Potter, lá na High. — O pai afastou-se, irritado, resmungando. — Que diabo, por que é que os garotos de hoje têm idéias muito além de sua posição? É só nisso que ele pensa, só pensa em ser médico. Como é que pensa que vou arranjar o dinheiro para pagar os estudos dele para médico? É verdade que ele é danado no colégio, é o que dizem, e quando se trata de inteligência, ele é o primeiro da fila, quando fazem a distribuição. É, ele está estudando muito na escola, está mesmo querendo conseguir uma bolsa. Parece que fui um pouco duro com ele. Não pode estudar direito quando está com o livro diante de si e eu o obrigo a esfregar as batatas. Vou ajudá-lo.

Papai Bond voltou para junto do filho, sentado num banquinho de três pernas, defronte de uma bacia. Na mão esquerda o garoto tinha um livro e com a direita tateava a esmo para encontrar uma batata, que soltava na bacia com água; mexia um pouco e depois colocava em cima de jornais dobrados.

— Vou dar-lhe uma mãozinha, meu filho, para acabarmos com isso e você poder estudar de novo. Não quero ser duro com você, filho, mas tenho de ganhar a vida. Tenho de Sustentar você, sua mãe e eu também. E temos de pagar o aluguel, os impostos, uma porção de coisas, e o governo não liga a mínima para nós. Vamos, vamos limpar essas batatas.

Chegara o término do período escolar. O diretor e os professores se encontravam em um tablado. Ali havia ainda membros da Diretoria da Escola, e no Grande Salão estavam sentadas as crianças, todas vestidas com suas melhores roupas, escovadas, inconfortáveis e encabuladas. Ao lado delas, remexendo-se no ambiente estranho, achavam-se os pais e parentes. Aqui e ali um homem com sede olhava furtivamente e com

desejos pela janela para um bar ali perto, mas aquele era o Dia dos Prêmios, Dia do Discurso e todo o resto, e eles tinham de ficar ali. Um dos homens pensou: “Bem, afinal de contas, eu só tenho de vir aqui uma vez por ano, e os pequenos têm de vir todos os dias!”

O diretor levantou-se e endireitou cuidadosamente os óculos sobre o nariz. Pigarreou e olhou cegamente para a assembléia diante dele.

— Tenho o grande prazer — disse ele, em sua voz mais erudita — de comunicar-lhes que Alan Bond fez um progresso fenomenal neste último ano letivo. Revelou-se uma honra para os nossos métodos de ensino e tenho grande satisfação em comunicar que ele recebeu uma bolsa de estudos para a escola pré-médica de St. Maggots. — Parou, esperando que os aplausos cessassem e depois, tornando a levantar a mão pedindo silêncio, tornou a dizer: — Ele ganhou essa bolsa, que é a primeira a ser concedida a qualquer menino nesta paróquia. Estou certo de que todos nós lhe desejamos o maior sucesso em sua carreira pois, nos quatro anos que freqüentou esta escola, tem afirmado sempre e com persistência que vai ser médico. Agora recebe a sua oportunidade.

Remexeu nos papéis na estante diante de si e um maço de papéis caiu e saiu voando, espalhando-se pelo tablado. Os professores apressaram-se a abaixar-se e apanhar as folhas que tinham caído, separando-as com cuidado e recolocando-as na estante.

O diretor folheou alguns papéis e depois pegou um deles.

— Alan Bond — disse ele — queira aproximar-se para receber este Diploma e Prêmio de Bolsa de Estudos que acaba de ser confirmado.

— Ah, não sei! — disse o Papai Bond, quando eles chegaram à casa e Alan lhes mostrava o papel. — Parece-me, Alan, meu filho, que você está tendo idéias muito acima de sua situação na vida. Somos apenas quitandeiros, não temos médicos nem advogados na família. Não sei por que é que você tem essas idéias malucas.

— Mas, pai — exclamou Alan, aflito — venho falando em ser médico desde que aprendi a falar, e em toda a minha vida escolar trabalhei, escrivizei-me e neguei-me todos os prazeres para estudar e conseguir uma bolsa de estudo. E agora consegui e o senhor está novamente apresentado objeções.

Mary Bond, mãe de Alan, ficou calada. Só o fato de ela não poder controlar as mãos é que revelava a dificuldade que ela estava tendo. Pai e mãe se entreolharam e aí o pai disse:

— Escute, Alan, não queremos criar empecilhos para você, não estamos querendo prejudicar suas oportunidades, mas aqui você tem um pedaço de papel. Bem, e o que é que o papel quer dizer? Significa apenas que você pode freqüentar certa escola e que o seu ensino será gratuito, mas e o que me diz de todo o resto, todos os livros, os instrumentos e o resto? — Olhou para o filho, desanimado, e continuou: — Ah, claro, você pode continuar a morar conosco, filho, não terá de nos pagar pensão, pode trabalhar um pouco ao voltar da escola e compensar as coisas assim. Mas é que não temos dinheiro para pagar uma porção de coisas caras. Vivemos apertados agora, mal conseguindo nos manter, portanto, pense nisso, filho, pense nisso. Eu acho, e sua mãe também acha, que seria uma coisa formidável se você pudesse ser médico, mas seria horrível ser um médico pobre por não ter dinheiro suficiente para se manter.

Mary Bond disse:

— Alan, você sabe o que acontece com os médicos que fracassam, não sabe? Sabe o que acontece com os médicos que são riscados do registro, não sabe?

Alan olhou para ela com azedume e disse:

— Só sei das coisas que me contam para me dissuadir. Disseram-me que se um estudante de medicina é reprovado ou se um médico perde seu registro, ele se torna um caixeiro-viajante para alguma droga de firma de produtos farmacêuticos. Bem, e daí? — perguntou. — Ainda não fui reprovado, ainda nem comecei, e se for reprovado, ainda assim terei de ganhar a vida e se puder ganhar a vida como vendedor de produtos médicos, ainda assim será bem melhor do que limpando batatas e pesando as batatas num saco, ou cortando os abacaxis, ou outras porcarias assim!

— Pare com isso, Alan, pare! — disse a mãe. — Você está menosprezando o negócio de seu pai e é seu pai quem o está sustentando agora, lembre-se disso. Você não está mostrando respeito algum, está bancando o superior. Por que não descer à terra? — E depois continuou, após um silêncio significativo: — Alan, Alan, por que não aceita aquele emprego que o tio Bert lhe ofereceu no escritório de seguros? É um emprego firme, e se você trabalhar bem, poderá até chegar a ser avaliador de reivindicações de indenizações. Pense nisso, Alan, sim?

O menino saiu da sala, de má vontade. Os pais se olharam, calados, e depois ouviram o ruído dos passos dele descendo a escada de madeira ao lado da loja. Depois ouviram á porta da rua bater e o barulho dos passos na calçada lá fora.

— Não sei o que deu nesse menino — disse Martin Bønd. — Não sei como chegamos a produzir um camarada como ele. Desde que aprendeu a falar que não fala em outra coisa, a vida toda, chega a ser monótono, dizendo que quer ser médico. Por que ele não se pode fixar, como os outros garotos, e ter um trabalho decente, que diabo? É isso que eu queria saber, por que diabo ele não pode fazer isso, hein?

A mulher continuou calada, em sua tarefa de cerzir as meias já muito cerzidas e ela tinha lágrimas nos olhos quando afinal levantou a vista e disse:

— Ah, não sei, Martin, às vezes acho que somos muito duros para com ele. Afinal de contas, está certo a pessoa ter ambição, e não há nada de tão horrível em querer ser médico, há?

Martin fungou e retrucou, com calor:

— Bem, não sei disso, a terra e seus produtos bastam para mim. Nunca aprovei esses rapazes andarem mexendo com as entranhas das mulheres. Não me parece direito. Vou descer até à loja.

E com isso levantou-se, zangado, e desceu a escada, batendo os pés.

Maiy Bond largou sua costura e ficou ali sentada quieta, olhando pela janela. Finalmente levantou-se e foi até o quarto e ajoelhou-se do lado da cama, pedindo direção e força. Após muitos minutos, levantou-se de novo, fungando e dizendo consigo mesma:

— Coisa engraçada, todos os párocos falam para a gente rezar quando está em dificuldades, e faço isso mesmo, mas nunca em minha vida tive uma prece atendida. Acho que é tudo superstição, é o que eu acho.

E, fungando, saiu do quarto e depois, enxugando os olhos com o avental, começou a preparar o jantar.

Alan foi caminhar pela calçada, melancólico. A esmo, chutou uma lata que estava em seu caminho. Por acaso — ou seria mesmo o acaso? — ele chutou com força e a lata voou para cima em ângulo e bateu em uma chapa de metal, fazendo um barulho metálico. Alan olhou em volta, sentindo-se culpa-

do, e preparou-se para fugir, mas depois olhou para a chapa metálica. “R. Thompson, Médico” foi o que leu. Aproximou-se da placa de metal, a placa de bronze com as letras pretas gravadas e cheias de cera e passou a mão carinhosamente nela. Por algum tempo ficou ali parado, absorto em seus pensamentos, junto à placa encrustada na parede.

— O que é que há, meu velho? — perguntou uma voz bondosa, e uma mão quente pousou em seu ombro.

Alan deu um salto, assustado, e virou-se para olhar para o rosto sorridente de um médico grandalhão.

— Ah, desculpe, Dr. Thompson, não estava querendo fazer nada de mal — disse o rapaz, meio confuso.

O médico riu-se dele e disse:

— Bem, bem, que cara tão triste. Será que assumiu todas as dores do mundo, ou o que foi?

— Mais ou menos isso, parece — respondeu Alan, num tom de profunda tristeza.

O médico olhou depressa para o relógio e depois passou um braço em volta dos ombros do rapaz.

— Vamos, rapaz, vamos lá para dentro, vamos conversar a respeito. O que é que você fez? Andou fazendo mal a alguma pequena ou coisa parecida? O pai dela anda atrás de você? Vamos entrar, vamos ver o que se pode fazer a respeito.

Delicadamente o médico conduziu o garoto relutante pelo portão e subiu o caminho que dava para o consultório.

— Sra. Simmonds — chamou ele, chegando até à porta — que tal nos avivar o fogo da lareira? E será que ainda tem alguns daqueles biscoitinhos, ou aquele seu marido preguiçoso já comeu tudo?

De um lugar nas profundezas da casa uma voz abafada respondeu. O médico voltou ao consultório e disse:

— Controle-se, rapaz, vamos tomar uma xícara de chá e depois ver o que se pode fazer.

Logo apareceu a Sra. Simmonds, com uma bandeja com duas xícaras, uma leiteira, um açucareiro e o melhor bule de chá de prata, mais, claro, o inevitável bule de água fervendo. Ela tinha pensado muito para resolver se devia servir o chá no melhor bule de prata ou num comum de louça, mas depois pensou: “Bom o doutor com certeza está com alguém de grande importância, senão não a teria chamado assim, ela nem sabia

o que é que o doutor estava fazendo em casa àquela hora. E portanto — a melhor louça e o melhor bule, e seu melhor sorriso ao entrar na sala.” Mas aí ela ficou abismada, pois pensou encontrar um nobre, ou pelo menos uma dama, ou talvez um dos grandes negociantes de Londres, mas o que viu fô um estudante com um ar muito acabrunhado e desnutrido. Bem, era um estudante, apesar do fato de já estar-se tornando um estudante mais velho, mas aquilo não era de sua conta, de modo que depositou a bandeja com cuidado diante do doutor, fez uma mesura, em sua confusão, e saiu, fechando a porta.

O médico serviu o chá, dizendo:

— Como é que você prefere, rapaz, primeiro o leite? Ou será que é como eu, qualquer coisa, contanto que seja molhado, quente e bem doce?

Alan meneou a cabeça, calado. Ele não sabia o que fazer, nem o que dizer, estava mergulhado em sua tristeza, totalmente dominado pela idéia de ter fracassado de novo. Depois ele se deteve... de novo?... o que podia querer dizer com isso? Ele não sabia. Havia alguma coisa importunado-o no fundo de seus pensamentos, uma coisa que ele devia saber, ou seria uma coisa que ele não devia saber? Perplexo, esfregou a cabeça entre as mãos.

— O que é, rapaz? Você ESTÁ mesmo num estado horrível, não está? Agora tome este chá, coma alguns destes biscoitinhos doces e conte-me do que se trata. Temos muito tempo, tenho meio dia de folga, de modo que vamos fazer um projeto para descobrir o que é que há com você e o que podemos fazer por você.

O coitado do Alan não estava acostumado com a bondade nem a consideração. Sempre o haviam considerado como o estranho da família, o esquisito no bairro, referiam-se a ele como “aquele filho do quitandeiro que tem idéias tão grandiosas.” Agora as palavras bondosas do médico “penetravam” dentro dele e provocavam-lhe um pranto amargo. Os soluços sacudiam seu corpo. O médico fitou-o muito preocupado e disse:

— Está bem, está bem, meu filho, chore à vontade, não há mal algum nisso. Livre-se disso, vá, chore quanto quiser, não há nada de mais. Sabe, até o velho Churchill chora, e se ele pode chorar, você também pode, não é?

Envergonhado, Alan enxugou o rosto com o lenço. O médico ficou impressionado ao ver como o lenço estava limpo e, quando o pequeno levou o lenço aos olhos, o Dr. Thompson notou também que suas mãos estavam limpas, as unhas aparadas e também sem sujeira alguma. O menino subiu vários graus no conceito do médico.

— Vamos, rapaz, beba isto — disse o médico, pondo uma xícara de chá diante de Alan. — Mexa-o bem, tem bastante açúcar. O açúcar dá energia, sabe. Vamos, ande com isso.

Alan tomou o chá e mordiscou nervosamente um biscoito. Depois o médico tornou a encher as xícaras e foi para junto do garoto, dizendo:

— Se tiver vontade, meu filho, desabafe, deve ser alguma coisa horrível, e se você dividir o peso, ele ficará mais leve, sabe.

Alan fungou e enxugou as últimas lágrimas e aí pôs tudo para fora. Que desde o princípio tinha a mais forte das impressões de que viera a este mundo para ser médico, que quase as primeiras palavras que juntara eram “quero ser médico”. Contou ao Dr. Thompson que sempre largara de lado as coisas próprias de meninos e tinha estudado e estudado. Que em vez de ler histórias de aventuras e ficção científica e o mais ele tirava da biblioteca livros técnicos, para a consternação da bibliotecária, que achava muito doentio um rapazinho querer saber tanta coisa sobre anatomia.

— Mas eu não podia evitá-lo, doutor, não podia mesmo — disse Alan, aflito. — Era uma coisa mais forte do que eu, alguma coisa que me impelia. Não sei o que é. Sei que o tempo todo tenho esse ímpeto, um ímpeto impossível, que tenho de ser médico, aconteça o que acontecer, e hoje os meus pais estiveram brigando comigo, dizendo que quero ser melhor do que os outros, que não presto.

Tornou a calar-se. O médico pôs a mão no ombro do garoto e disse, baixinho:

— E o que foi que provocou hoje essa explosão, filho?

Alan torceu-se em seu lugar e disse:

— Doutor, o senhor pode não acreditar, mas sou o primeiro de minha turma, o primeiro aluno da escola secundária. Hoje foi a formatura e o diretor, Sr. Hale, me disse que fui recomendado para uma bolsa especial em St. Maggots, na esco-

la pré-médica, e os meus pais. . . bem — e aí ele quase começou a chorar de novo e ficou torcendo o lenço entre os dedos.

— Ah, filho, sempre foi assim — disse o médico. — Os pais sempre acham que podem controlar o destino daqueles que geram, e isso mesmo às vezes é um acidente. Mas não importa, filho, vamos ver o que podemos descobrir... Você disse que concluiu a escola secundária? Disse que o diretor, o Sr. Hale, bem, conheço o Sr. Hale muito bem, de fato, ele é um de meus pacientes. Okey, vamos ver o que ele nos pode contar.

O médico procurou no catálogo e logo encontrou o nome do diretor e o número de seu telefone, e depois fez a ligação.

— Boa tarde, Hale — disse o Dr. Thompson. — Aqui fala o Thompson. Estou aqui com um rapazinho, parece um menino muito inteligente, e ele me diz que você o recomendou para uma bolsa especial. . . meu Deus! — disse o médico, abismado. — Hale, esqueci de perguntar o nome do menino! — Do outro lado do fio o diretor riu-se e disse: — Ah, sim, eu o conheço. É Alan Bond, um menino muito esperto mesmo, excepcionalmente inteligente. Trabalhou como um mouro durante os quatro anos em que estudou aqui, e eu que achava que ele não ia ser aprovado quando entrou, mas nunca me enganei tanto. Sim, é bem verdade, ele é o primeiro do colégio, teve as maiores notas que jamais tivemos aqui, e fez o maior progresso que esta escola já viu, mas — e aí a voz do diretor sumiu um momento e depois continuou — tenho pena do menino. Os pais dele, os pais, sabe, são eles o problema. Têm aquela quitandinha lá na rua, lutam com muita dificuldade, não têm dinheiro algum e não sei como é que esse garoto vai-se arranjar. Gostaria de poder fazer alguma coisa para ajudá-lo. Ajudei-o a conseguir a bolsa mas ele precisa de muito mais do que isso.

— Bem, muito agradecido, Hale, apreciei seus comentários — disse o Dr. Thompson, desligando e virando-se para Alan.

— Rapaz, — falou — tive problemas muito semelhantes aos seus; tive de lutar o tempo todo, debater-me de todo jeito para conseguir vencer. Direi o que vamos fazer, vamos lá agora para falar com seus pais. Já lhe disse que tirei meio dia de folga, e não vejo melhor meio de passá-lo do que ajudando algum outro pobre-diabo que também está tendo dificuldades. Vamos, rapaz, mexa-se. — O médico levantou-se e Alan também. À porta o Dr. Thompson tocou duas vezes e disse: —

Ah, Sra. Simmonds, vou sair um pouco, tome nota dos recados, sim?

E lá se foram eles pela rua, o médico grande e alto e o menino subnutrido que estava chegando atrasado à idade adulta. Seguiram pela rua e ao se aproximarem da lojinha, viram que a luz estava acesa. Pela vidraça viram Papai Bond pesando sacos de mercadorias. O médico foi até à porta, bateu rapidamente e pôs as mãos junto ao rosto, para poder espiar para dentro, sem ter reflexos.

Martin Bond levantou os olhos, com azedume, e depois sacudiu a cabeça, negativamente. Pronunciou a palavra “Fechado”, mas aí viu o filho e pensou, “Ah, meu Deus, o que será que o garoto fez? Em que encrenca foi-se meter agora?” E depois foi depressa para a porta e destrancou-a. O médico e Alan entraram e Martin Bond apressou-se a passar de novo a tranca.

— Boa tarde. Então você é Martin Bond, hein? — disse o Dr. Thompson. — Bem, sou o Dr. Thompson e moro nesta rua, sabe, e clínico aqui. Estive conversando com seu filho e ele também é um rapaz esperto. Acho que merece uma oportunidade.

— O senhor pode falar bem, doutor — disse Martin Bond, com truculência. — Não é o senhor que tem de lutar para ganhar dinheiro num lugar com este. Imagino que esteja bem de vida. O senhor ganha bastante com seus honorários e com as Sociedades de Amigos para mantê-lo na boa vida, mas eu tenho de cavar a terra. De qualquer forma, o que é que o garoto fez agora? — perguntou ele.

O médico virou-se para Alan e disse:

— Você me contou que ganhou esse diploma especial e que tem uma carta especial do Sr. Hale, o diretor. Quer dar um pulo lá em cima e trazê-los aqui para mim?

Alan saiu depressa e ouviram-no subindo a escada de madeira. O Dr. Thompson virou-se para o pai e disse:

— Bond, você tem um filho inteligente, pode ser até que seja um gênio. Estive conversando com o diretor.

Martin Bond virou-se para ele, furioso.

— E o que é que isso tem a ver com o senhor? Como é que o SENHOR entra nessa jogada? Está levando o menino para o mau caminho, ou coisa assim? — perguntou ele.

Por um momento a fisionomia do médico demonstrou sua raiva e depois, controlando-se com um esforço, ele disse:

— De vez em quando, Bond, alguém vem a este mundo talvez com algum resquício de uma vida anterior, não sei o que é, mas as pessoas têm impulsos muito fortes, impressões muito fortes. Bem, isso não é à toa. O seu filho parece ser um desses. O diretor da escola frisou bem que o garoto é inteligente e que nasceu para ser médico. Se acha que o estou levando para o mau caminho, bem, é melhor pensar bem. Estou querendo ajudá-lo.

Alan tomou a entrar correndo na loja, ofegante com a corrida. Modestamente, entregou ao médico o diploma e a cópia da carta do diretor, junto com a aceitação da recomendação do diretor de parte do Reitor da escola pré-médica de St. Maggots. Sem dizer uma palavra o médico pegou os documentos e leu-os, do princípio ao fim. Não se ouvia som algum, a não ser o farfalhar de papéis quando ele virava a página e punha a página lida embaixo. Depois, tendo terminado falou:

— Bem, isso me convence, acho que você merece sua oportunidade, Alan. Vamos ver o que podemos fazer.

Ficou calado por alguns minutos, pensando em qual seria o melhor rumo a tomar, e depois virou-se para o pai e disse:

— Por que não conversamos sobre esse assunto, você, sua mulher e eu? O menino é brilhante, o menino positivamente tem uma missão a cumprir. Posso conversar com vocês em algum lugar?

Martin virou-se com azedume para Alan e disse:

— Bem, foi você quem começou tudo isso, você quem trouxe essa encrenca para cá, vá pesando essas coisas e vou ter uma conversa com o médico e sua mãe.

E dizendo isso saiu da loja e subiu a escada, tendo o cuidado de fechar a porta da escada, e gritando para cima:

— Mamãe! Vou levar o Dr. Thompson para cima, ele quer nos falar a respeito de Alan.

No andar de cima, Mary Bond apressou-se para o topo da escada, murmurando para si:

— Ah, céus! Oh, meu Deus, o QUE é que aquele menino fez agora?

CAPITULO SETE

Mary Bond estava num rebuliço íntimo, como se um bando de borboletas tivesse de algum modo entrado dentro dela. Vagou o olhar do médico para o marido, apreensiva, e depois para Alan, que subira a escada atrás deles. Tímida, ela fez o médico entrar em sua salinha, onde só entravam visitantes especiais. Papai Bond falou:

— Bem, Alan, vá para o seu quarto.

O médico interrompeu-o logo, dizendo:

— Mas, Sr. Bond, Alan é o maior interessado neste assunto. Acho que ele devia participar desta conversa. Afinal de contas, ele não é mais uma criança, já está chegando à idade em que muitos outros estão na faculdade, e esperamos que ele também vá!

Com relutância, Martin Bond concordou e os quatro sentaram-se, a mãe com as mãos cruzadas recatadamente no colo.

— O Dr. Thompson parece achar que o nosso filho tem muita coisa no sótão — disse Martin Bond — e quer conversar conosco porque acha que Alan deve ser médico. Não sei o que dizer a respeito.

A mãe ficou ali sentada, calada, e depois o Dr. Thompson falou:

— Sabe, Sra. Bond, existem coisas muito estranhas na vida e as pessoas têm a impressão de que têm de fazer uma coisa, sem saber por quê. Alan, por exemplo — e ele fez um gesto na direção do menino — sente uma impressão muito forte de que tem de estudar medicina. A impressão é tão forte que chega a ser quase uma obsessão, e quando aparece um rapaz, ou moça, tanto faz, que insiste em uma carreira especial quase desde que começa a falar, então temos de nos convencer de que talvez o Senhor esteja transmitindo uma mensagem, ou fazendo um milagre, ou coisa assim. Não vou dizer que compreendo isso, o que sei é o seguinte. — Ele olhou em volta para

ver se o estavam acompanhando, e continuou: — Eu era órfão, fui criado num orfanato e, para dizer o mínimo, tive uma vida muito difícil no orfanato porque as pessoas de lá achavam que eu era diferente, sob certos aspectos, porque também eu tinha uma vocação definida, que era que eu tinha de seguir medicina. Pois bem, estudei mesmo medicina e hoje dou-me muito bem na profissão.

Os pais ficaram calados, seus cérebros quase fazendo barulho enquanto revolviam as idéias dentro de seus crânios. Por fim Martin Bond disse:

— Sim, doutor, sim, concordo com tudo o que o senhor diz, o pequeno deve ter sua oportunidade na vida, eu também não tive e tenho de lutar para pagar as contas. Mas diga-me, doutor — e ele olhou bem para o Dr. Thompson — somos gente pobre, é difícil pagarmos nossas contas todos os meses e se não pagarmos nossas contas, não nos fornecem gêneros e se não nos fornecerem, então, puxa, perdemos o negócio. Então diga-nos, como vamos sustentar Alan? Não temos os meios para isso, eis o problema.

Martin Bond bateu com força no joelho para mostrar que aquilo era “finis”, “o fim” e o mais. Alan ficou ali sentado, abatido, cada vez mais triste.

“Se eu estivesse na América”, pensou, “poderia trabalhar num horário parcial e estudar o resto do tempo e me sairia bem assim, mas nesta terra, bem, não parece haver muita esperança para rapazes pobres como eu”.

O Dr. Reginald Thompson estava pensando. Pôs as mãos nos bolsos das calças e esticou as pernas, dizendo depois:

— Bem, como já lhes disse, tive uma vida dura e fiz o que acho que tinha de fazer. Agora, pode ser que eu tenha de ajudar Alan, e vou-lhes apresentar uma proposta. — Olhou em volta para ver se eles estavam prestando atenção: Alan não tirava os olhos dele; Papai Bond parecia ter uma expressão menos dura e Mamãe Bond tinha parado de remexer os dedos. Satisfeito com o que vira, o médico continuou: — Sou solteiro, pois nunca tive tempo para mulheres; sabem, interessava-me demais pelos estudos, pesquisas e o mais, de modo que fiquei solteiro e com isso economizei muito dinheiro. Estou disposto a investir parte desse dinheiro em Alan se ele puder convencer-me de que realmente dará um bom médico.

Mary Bond disse:

— Isso seria uma coisa maravilhosa, doutor. Nós quisemos fazer um seguro que ajudasse Alan a pagar suas despesas, mas não havia um seguro que servisse para gente com nossos recursos, ou melhor, falta de recursos.

O médico meneou a cabeça, calado, e depois continuou:

— Bom, quanto à instrução, ele vai bem, pois o diretor do seu colégio falou muito bem dele, e ele tem uma bolsa para freqüentar a escola pré-médica de St. Maggots. . . assim como eu também tive. Mas isso não paga as despesas de seu sustento, e seria melhor que ele morasse na universidade. Mas ainda há várias outras despesas. Portanto, eis o que pretendo fazer.

Ele ficou ali sentado, chupando as bochechas e estufando-as, depois virou-se para Alan e disse:

— Eis o que vou fazer, Alan. Vou levá-lo ao Museu Hunterian, no Real Colégio de Cirurgiões, e passaremos um dia visitando o Museu. Se você agüentar isso sem desmaiar ou coisa parecida, então poderemos ter certeza de que será bem-sucedido como médico. — Calou-se durante algum tempo e depois continuou: — Posso fazer mais um pouco do que isso. Posso levá-lo a uma sala de dissecação, onde há cadáveres e fragmentos de cadáveres espalhados por toda parte. Se você chegar lá e vomitar em cima daquilo tudo, então não serve para médico. Se você conseguir convencer-me, está bem, seremos sócios — você tem a sua bolsa e eu pagarei todas as despesas. E depois que for médico diplomado, e puder pagar tudo, então fará o mesmo por algum outro pobre-diabo que estiver preso entre aquilo que ele sabe que tem de fazer e a sua incapacidade de fazê-lo devido à falta de recursos.

Alan quase desmaiou de alívio e felicidade, mas aí Papai Bond falou lentamente:

— Bem, doutor, nós temos o rapaz para fazer as entregas para nós, sabe. Nós o sustentamos todo esse tempo e é bem justo que ele faça agora alguma coisa por nós. Mas se, como o senhor diz, ele vai ficar enfiado em alguma universidade, vivendo no luxo, o que será de nós, seus pobres pais? Acha que vou fazer entregas depois do trabalho?

A Sra. Bond pareceu chocada e exclamou:

— Mas, Martin! Martin! Então já se esqueceu de que nós nos arrumávamos sozinhos antes de Alan nascer?

— Não, não me esqueci — disse Martin, zangado. — Não vou esquecer, mas também me lembro de toda a despesa

que o garoto nos deu durante todos esses anos. Nós tivemos de sustentá-lo, e agora, depois de tirar de nós tudo o que podia, vai sair correndo para ser médico, se me faz favor, e imagino que nunca mais teremos notícias dele. Bolas!

As mãos de Martin Bond se contorciam, como se ele quisesse estrangular alguém, e aí ele estourou:

— E o que é que o SENHOR ganha com isso, Dr. Reginald Thompson? Por que é que de repente se interessa tanto pelo pequeno? É isso que eu quero saber. As pessoas não fazem nada pelos outros, sabe, a não ser que tenham algum motivo para isso. O que pretende lucrar com isso?

O Dr. Thompson riu alto e depois falou:

— Meu Deus, Sr. Bond, o senhor me convenceu de que o seu filho é realmente excepcional. O senhor só pensa no que pode conseguir das coisas, enquanto que ele só pensa em ajudar aos outros, como médico. Quer saber o que vou ganhar com isso, Sr. Bond? Pois bem, eu lhe direi: eu tenho impressões, tal como o seu filho tem impressões. Tenho uma impressão muito forte de que tenho de ajudá-lo. Não me pergunte por que, não sei por que, e se pensa que estou atrás dele por questão de sexo, então, Sr. Bond, o senhor é mais tolo do que eu pensava. Posso ter muitos rapazes, e moças também, se quiser, mas desta vez quero ajudar Alan por causa de uma coisa que sei, uma coisa no fundo de minha mente que não quer vir à tona. Mas se o senhor não quiser que ele seja ajudado, Sr. Bond, então esperaremos até ele completar 21 anos e, embora seja bem tarde, bem, começaremos daí. Não estou aqui para discutir com o senhor. Se não quiser continuar a conversa, é só dizer e eu sairei imediatamente. — O Dr. Thompson levantou-se, com um ar muito decidido. Seu rosto estava vermelho e ele parecia controlar-se para não atirar Martin Bond pela janela.

Martin Bond torcia as mãos e remexia na ponta do paletó e depois disse:

— Bem, talvez eu tenha falado um tanto sem pensar, mas queria saber como é que vamos arrancar as batatas à noite, e coisas assim. Nós também temos de viver, sabe, não é só o garoto.

Mary Bond interrompeu-o, muito depressa:

— Psiu, Martin, cale-se, nós damos um jeito nisso. Logo arranjam um estudante que venha fazer isso para nós. Não

há de custar muito, não custará tanto quanto manter Alan aqui.

Martin Bond meneou a cabeça devagar.

— Está bem, está bem — disse ele, com certa relutância. — Pode ir. Ainda não tem vinte e um anos e ainda tenho controle sobre você, e trate de ser bem-sucedido nesse seu trabalho de médico, senão vai ter de se haver comigo.

E com isso o pai virou-se de repente e desceu a escada ruidosamente, dirigindo-se para loja. Mary Bond voltou-se para o Dr. Thompson, como que se desculpando, e disse:

— Sinto muito tudo isso, doutor. O meu marido às vezes é um pouco impetuoso. Ele é de Áries, sabe!

E assim ficou combinado. O Dr. Thompson levaria Alan ao Museu Hunterian no seu próximo dia de folga, na semana seguinte. Tudo acertado, o médico voltou para casa e Alan recolheu-se ao seu quarto, para estudar.

— Olá, Alan — disse o Dr. Thompson, quando Alan apresentou-se ao consultório dele, uma semana depois. — Entre, vamos tomar um chá e depois pegamos o carro e partimos para Lincoln's Inn Fields. — Eles tomaram seu chá com biscoitos e depois o médico disse: — Acho melhor você ir ao banheiro, rapaz, toda essa emoção pode deixá-lo agitado e não quero que você vá sujar o meu carro limpo!

Alan corou e foi logo ao reservado, aonde, dizem, até o rei tem de ir a pé!

O Dr. Thompson saiu na frente, seguindo por um caminho que passava por trás da casa. Seu carro estava parado ali, um sólido e velho Morris Oxford. Destrancando as portas, ele disse:

— Entre — e Alan, feliz, entrou e sentou-se no lugar do passageiro. Alan não estava muito acostumado com carros particulares, só tinha viajado em bondes barulhentos e ônibus chocalhantes. Ficou olhando atentamente enquanto o médico dava a partida, esperava um pouco enquanto o carro esquentava, e, depois de verificar a bateria e o óleo, saía dirigindo.

— Sabe qual é o melhor caminho a tomar, Alan? — perguntou o médico, com ar trocista.

— Bem, doutor — respondeu Alan — já olhei no mapa e só sei que a gente vai pela estrada da East Índia Dock e depois atravessa a ponte de Londres, e acho — disse ele, meio medroso — que também temos de atravessar a ponte de Waterloo.

—• Não — disse o médico. — Desta vez peguei-o: não vamos atravessar ponte alguma. Preste bem atenção ao caminho, pois se os meus planos derem certo, você fará esse percurso uma porção de vezes.

Alan ficou empolgado, olhando para todos os lugares fora de sua vizinhança de Tower Hamlets. Ele nunca se movimentara muito pela cidade, e no entanto tinha uma sensação estranha de que muitos desses bairros por onde passavam lhe eram conhecidos, de alguma época anterior. Por fim, dobraram à direita e subiram por Kingsway, em Holborn, durante certa distância, e depois entraram na rua Sardina, que dava para Lincoln[^] Inn Fields. De repente, o Dr. Thompson passou por portões de ferro abertos, à direita, estacionando com habilidade. Desligando o motor e tirando a chave, ele disse:

— Cá estamos, rapaz, vamos saltar.

Juntos foram até à entrada do prédio do Real Colégio de Cirurgiões e o Dr. Thompson cumprimentou com familiaridade uma das pessoas fardadas que estavam de pé à entrada.

— Tudo bem, Bom? — perguntou a um deles, e depois, meneando a cabeça, animado, prosseguiu até um vestíbulo escuro. — Vamos, aqui viramos à esquerda.. . ah, espere um instante, esqueci, tenho de mostrar-lhe isso. — Ele se deteve e agarrou o braço de Alan, dizendo: — Aqui há uma coisa que vai fazer doerem seus dentes. Cá estão alguns instrumentos dentários primitivos. Está vendo ali naquela vitrina? Que tal se lhe arrancassem os molares com essas coisas? — Ele deu um tapinha de brincadeira nas costas de Alan, dizendo: — Vamos entrar aqui.

“Aqui” era um espaço bem vasto, cheio de armários e vitrinas e prateleiras e mais prateleiras de vidros. Alan olhava, embasbacado, para os bebês em retortas, os fetos boiando e todos os órgãos extremamente esquisitos que os cirurgiões tinham achado aconselhável preservar para serem examinados pelos estudantes.

Foram andando por uma sala e pararam diante de uma vitrina de nogueira, bem encerada. O Dr. Thompson puxou uma gaveta e Alan viu que ela consistia de um sanduíche de duas lâminas de vidro, e entre as duas lâminas, havia uma confusão horrível de “alguma coisa”. O Dr. Thompson riu e disse:

— Essa vitrina representa um cérebro, um cérebro que foi cortado de modo que, ao abrir a gaveta, a pessoa possa

ver qualquer parte determinada do cérebro. Olhe para isso — ele estendeu a mão para puxar outra gaveta e nesta apareceu outro sanduíche de vidro e o doutor apontou para ele, dizendo:

— Supõe-se que seja ali que a pessoa tem suas impressões psíquicas. Eu gostaria de saber o que se está passando na sua!

— Depois acrescentou: — E o que se está passando na minha, também!

O médico e Alan passaram a manhã toda no Museu Aunte-rian e depois o Dr. Thompson disse:

— Bom, acho que está na hora de comermos alguma coisa, não acha?

Alan já estava sentindo o estômago roncando de fome e meneou a cabeça, concordando plenamente. Assim, eles saíram do Museu, tomaram o carro e foram para um clube em que o Dr. Thompson era bastante conhecido. Logo estavam sentados a uma mesa, almoçando muito bem.

— Depois vamos a um hospital e eu o levarei à sala de dissecação e lá veremos alguma coisa.

— Ah, a gente pode entrar assim sem mais nem menos numa sala de dissecação? — perguntou Alan, espantado.

O Dr. Thompson riu-se e disse:

— Ora, meu Deus, não, claro que não, mas sou conhecido como especialista e já tive consultório em Harley Street, durante algum tempo, mas não agüentei todos aqueles rapapés de lá, não suportava as velhas matronas que achavam que era só pagar bastante e se curariam imediatamente. E, de qualquer forma, tratam os médicos como a espécie de vida mais inferior

— disse ele, terminando a refeição.

Pouco depois chegavam à entrada de um hospital e o médico estacionou o carro num local reservado apenas para médicos. O Dr. Thompson e Alan saltaram e entraram pela entrada principal, dirigindo-se a um balcão de recepção. O Dr. Thompson adiantou-se e falou a um funcionário:

— Desejo falar com o Professor Dromdary-Dumbkoff.

O funcionário virou-se e falou num telefone interno, dizendo depois ao Dr. Thompson:

— Pois não, o professor pediu que conduzisse o senhor e seu visitante até ele. Queiram vir por aqui.

Juntos caminharam pelos corredores do hospital, parecendo a Alan que percorreram quilômetros. Por fim chegaram a

um gabinete em que havia o nome do professor escrito do lado de fora. O funcionário bateu e abriu a porta. O Dr. Thompson e Alan entraram. A primeira coisa que viram foi a metade de um corpo humano sobre uma mesa e duas pessoas de aventais brancos que o cortavam ativamente. Por um momento, Alan sentiu coisas estranhas dentro de si, mas aí pensou depressa que, para ser médico, tinha de se habituar a ver coisas iguais àquelas, de modo que engoliu depressa, fechou e abriu os olhos umas duas ou três vezes e depois sentiu-se bem.

— É este o rapaz sobre quem lhe falei, professor. E boa coisa, sabe — disse o Dr. Thompson, apresentando Alan.

O professor olhou bem para ele e disse:

— Ach, pode ser que você esteja preparado, veremos isso, não é? — e depois deu uma risadinha tão feminina que o coitado do Alan ficou muito encabulado.

Ficaram ali um pouco, conversando, enquanto o professor observava os dois estudantes trabalhando, e depois levaram Alan para uma sala de dissecação, uma sala imensa, muito fria e com um mau cheiro horrível. Por um instante o pobre Alan achou que ia passar vergonha, ou desmaiando ou vomitando no chão, mas tornou a lembrar-se de que tinha um trabalho a realizar e o espasmo de náusea passou logo. O professor passou de corpo em corpo — não era hora de aula, de modo que não havia estudantes ali — mostrando várias coisas interessantes, e o Dr. Thompson observou atentamente as reações de Alan.

— Ach, o cabeça de pau! — exclamou o professor, zangado, abaixando-se e apanhando um braço decepado, que tinha caído de uma mesa, rolando para baixo dela. — Hoje os estudantes não são como eram na Alemanha. São tão descuidados .. . Será que gostariam que se deixasse cair o braço deles? — Resmungando para si mesmo, passou a outro corpo e estendendo a mão segurou no braço de Alan e disse: — Pegue aquele bisturi e faça uma incisão daqui até ali; você tem de saber o que é cortar a carne.

Alan, sem dizer uma palavra, pegou o bisturi e depois, com um estremecimento íntimo, que, esperava, não fosse óbvio demais, apertou a ponta da faca na carne morta e empurrou-a para baixo.

— Você tem a mão, tem a mão — disse o professor, entusiasmado. — Sim, você se dará bem como estudante de medicina.

Mais tarde o Dr. Thompson e Alan tomavam chá e o médico disse:

— Bem, você ainda consegue comer, depois de tudo o que viu. Estava mais ou menos esperando que você rolasse para baixo da mesa, com a cara esverdeada, ou coisa parecida. O que vai fazer da próxima vez em que comer rins com torradas? Vomitá-los?

Alan riu-se. Estava já bem mais à vontade e disse:

— Não, senhor, sinto-me muito bem.

Voltaram devagar para Wapping, no meio das multidões do fim de tarde, enquanto o Dr. Thompson falava o tempo todo, dizendo o que pretendia fazer, que estava ficando velho e cansado, que tomaria conta de Alan e lhe abriria uma conta no banco, para ele ficar independente dos pais. Disse:

—• Nunca conheci meus pais, fui órfão, mas se meus pais agissem como agiam os seus. . . bem, pode crer, que eu fugiria de casa!

Naquela noite houve muita conversa em casa dos Bond. Papai Bond, tentava esconder seu interesse, mas escutava atentamente tudo o que se dizia, e depois disse, meio rouco:

— Bem, você pode ir quando quiser, rapaz; arranjaremos um garoto para trabalhar para nós quando você partir.

E assim ficou tudo ajeitado bem depressa. Alan freqüentava a escola pré-médica no Hospital de St. Maggots e depois disso, se se saísse bem iria estudar medicina em St. Maggots. E Alan saiu-se bem na escola pré-médica, foi aprovado, foi um dos três primeiros colocados, tornando-se um discípulo querido de seus mestres. E aí chegou o momento em que teve de deixar a escola pré-médica e entrar para o hospital como estudante de medicina regular. Ele não estava realmente muito entusiasmado com a idéia do dia seguinte, porque as mudanças são sempre estranhas, e houvera muitas e muitas modificações em sua vida.

St. Maggots era um velho hospital, construído em forma de “U”. Um dos braços do “U” destinava-se a casos médicos, e o que seria a parte inferior do “U” destinava-se a casos psiquiátricos, pediátricos e assemelhados, enquanto que o outro braço do “U” era para os casos cirúrgicos. Naturalmente, Alan, durante seus estudos pré-médicos, estivera no hospital muitas vezes, mas foi com uma sensação intensa de receio que ali entrou naquela primeira manhã de segunda-feira. Ele foi até à

entrada principal, disse quem era e o funcionário comentou, com azedume:

— Ah, é um deles, é?

Depois virou-se para um livro de registros e com toda a calma foi virando as páginas, lambendo o polegar e deixando manchas de nicotina no papel. Afinal, endireitou-se e disse:

— Ah, sim, já sei a seu respeito. Suba aquela escada, vire à direita, vire à esquerda e é a segunda porta à direita. Tem de procurar o Dr. Eric Tetley, e é bom ter cuidado, pois ele hoje está de mau humor.

Dando de ombros, o funcionário virou-lhe as costas. Alan parou um instante, espantado, achando que devia haver um pouco mais de respeito por uma pessoa que iria servir no hospital durante três ou quatro anos como estudante de medicina. Mas também deu de ombros, pegou suas valises e subiu a escada.

No topo da escada, num pequeno vestibulo à direita, havia uma mesa e um homem sentado junto a ela.

— Quem é você? — perguntou ele. Alan identificou-se e o funcionário verificou num livro e depois escreveu alguma coisa num cartão, dizendo: — Pode deixar suas malas aqui, é só levar isso ao gabinete do Dr. Eric Tetley e bater uma vez — e não muito alto, veja lá! — e depois entrar. O que acontecer a seguir vai depender de você.

Alan achou que aquele era um sistema muito estranho de se tratar os recém-chegados, mas pegou o cartão que o homem lhe dera e dirigiu-se ao gabinete, como lhe haviam mandado. Bateu, esperou por um ou dois segundos, discretamente, e depois entrou depressa. Viu uma secretária cheia de papéis, instrumentos cirúrgicos e fotografias de mulheres. Uma placa preta com letras brancas escrita “Dr. Eric Tetley” estava num dos cantos da mesa e o doutor achava-se sentado em sua cadeira giratória. Estava com os braços abertos e as mãos gordas e grandes esparramadas na beira da mesa.

Alan adiantou-se até à secretária, um tanto nervoso devido ao olhar fixo do Dr. Tetley, e depois disse:

— Senhor, vim para ficar em St. Maggots. Tenho de entregar-lhe este cartão.

O médico não se mexeu para pegá-lo, de modo que Alan colocou-o na mesa, defronte dele, e recuou, sob aquele olhar bem enervante.

— Hum! —grunhiu o médico. — Sim, o velho Thompson tinha razão, parece que você tem o material para dar boas contas de si, mas precisa endireitar-se um pouco, hein? — Depois ergueu a voz, não para cantar, mas para berrar: — Paul! Bond está aqui, entre, sim?

Só então é que Alan viu que o médico estava apertando um botão e usando o sistema de interfones. Logo ouviu-se um ruído e um médico baixinho, desarrumado, muito cabeludo, entrou na sala às pressas. Estava com um avental branco que lhe chegava aos tornozelos e as mangas eram tão compridas que tinham de ser enroladas e novamente enroladas. Parecia um boneco de trapos.

— Ah, então este é o Bond, é? E o que devo fazer com ele? Beijá-lo?

O Dr. Eric Tetley emitiu um grunhido e disse:

— Primeiro trate dele, tem de fazer algo de bom com ele.

O Dr. Paul grunhiu enquanto examinava os documentos de Alan e disse:

— Ah, então agora St. Maggots chegou a esse ponto, é? O filho de um verdureiro que vai ser cirurgião especialista ou clínico geral ou coisa que valha! O que acha disso? Acabaram-se os distintivos da faculdade, agora temos vendedores de batatas, bah!

Alan ficou chocado. Estava realmente chocado até à alma ao pensar que aquele ser descabelado e desleixado pudesse dizer coisas tão cruéis, mas estava ali para aprender, pensou, de modo que não disse nada. Mas depois virou-se para olhar para o Dr. Paul e viu que seus olhos cinzentos brilhavam. O médico disse:

— Mas é isso, rapaz, dizem que Jesus era filho de um carpinteiro, não é? Não acredito muito neles, sou um bom seguidor de Moisés.

E com isso riu-se e estendeu-lhe a mão.

Pouco depois Alan foi levado para um quarto bem no topo da torre central do prédio, por cima da porta principal. Partilhava-o com mais dois estudantes de medicina, e as acomodações eram muito apertadas. As camas eram camas de vento de lona, de armar.

O empregado que o levava ao quarto e o deixara colocar as malas numa das camas disse:

— Okey, doutor, agora tenho de levá-lo à Enfermaria Maristov, lá na ala médica. É uma enfermaria de 35 leitos. E por falar nisso, com dois leitos particulares num quartinho anexo. A encarregada é a Irmã Swaine, e rapaz, que vaca que ela é. Cuidado com o que diz e faz ali!

A Irmã Swaine, encarregada da Enfermaria Maristov, parecia realmente ser uma fera. Tendo 1,82 de altura e pesando uns 90 quilos, franzia a cara para tudo e para todos. Tinha a pele tão morena que quase parecia mestiça, mas era de uma velha família inglesa, e Alan ficou pasmo ao ver que quando ela abria a boca e falava, a voz era de uma das pessoas mais educadas que jamais conhecera. Mas uma maior intimidade com a Irmã Swaine mostrou logo que ela não era nenhuma fera e quando ela via que o estudante era aplicado, então se esforçava bastante para ajudá-lo. Mas não tinha paciência com os preguiçosos e apressava-se a ir ao gabinete da Superiora para fazer queixa de algum estudante que falhasse no trabalho.

A vida do estudante-médico num hospital é sempre parecida, sempre a mesma. Alan trabalhava muito, adorava estudar e produziu uma impressão favorável. No fim do terceiro ano, o Dr. Eric Tetley o chamou.

— Você vai indo bem, meu filho, melhor do que eu imaginava. A princípio pensei que, não importa o que dissesse o velho Thompson, você voltasse a esfregar batatas. Mas sua ficha é boa do princípio ao fim, e neste ano que vem quero que seja meu assistente pessoal. Aceita? — Ele olhou para Alan, e, sem esperar resposta, disse: — Okey tire meio dia de folga e vá procurar o velho Thompson e diga-lhe de minha parte que ele tinha razão, devo-lhe uma caixa de. . . — disse ele.

Alan já estava quase saindo mas foi chamado de volta.

— Éi, você aí, espere um instante! — Alan voltou, pensando o que aconteceria agora, e depois o Dr. Tetley falou: — Você tem carro?

— Não, senhor — disse Alan. — Não passo de um vendedor de batatas que virei estudante de medicina. Não me posso dar ao luxo de ter carro.

— Hum! — grunhiu o Dr. Eric Tetley. — Mas suponho que saiba dirigir?

— Ah, sim, senhor. O Dr. Thompson me ensinou, e já tirei carteira.

— Então está bem — disse o Dr. Tetley, remexendo na gaveta da direita da secretária, resmungando e praguejando sem parar enquanto ia tirando uma porção de papéis, instrumentos, etc., e por fim agarrando feliz um chaveiro com duas chaves. — Cá está a chave do meu carro. Quero que você leve um pacote para uma senhora... Eis o endereço. Consegue ler a minha letra?.. Bem, deixe isso lá e não fique a bater papo com ela, e depois vá direto ao velho Thompson. E esteja de volta aqui às nove da noite. Meu carro está no boxe 23, fica logo abaixo do gabinete da Superiora., Ah! — continuou — acho melhor escrever um bilhete dizendo que você pode levar o carro, senão algum raio de guarda pode aparecer e prendê-lo por tê-lo roubado, ou coisa que valha, já me aconteceu isso uma vez. — Rabiscou qualquer coisa num papel, apôs o carimbo oficial e depois entregou-o a Alan, dizendo: — Agora dê o fora, e não me apareça até às nove da noite.

Os anos foram-se passando, anos de grande êxito para Alan Bond, mas também anos de problemas. O¹ pai morreu; teve um acesso de raiva um dia e caiu fulminado na loja, porque um freguês estava reclamando do preço dos aspargos. E assim Alan teve de sustentar a mãe, pois na loja não restava mais nada que valesse a pena vender e, naturalmente, ela era alugada. Então Alan alugou uns dois quartos para a mãe e providenciou para que nada lhe faltasse. Infelizmente, a mãe tomou-se de uma violenta aversão por Alan, dizendo que ele é que matara o pai, abandonando-o, e querendo viver numa classe acima da dele, de modo que, embora a sustentasse, Alan nunca a visitava.

Em breve começaram a falar em guerra. Os terríveis alemães como já era costume, estavam novamente brandindo as armas e vangloriando-se com toda a sua presunção de tudo o que iriam fazer com o resto do mundo. Seguiu-se a invasão de um país e de mais outro e Alan, agora médico formado, com as letras M. D. depois do nome, quis alistar-se mas foi rejeitado devido ao bom trabalho que estava fazendo em seu bairro e para as companhias de exportação no Pool de Londres.

Um dia o Dr. Reginald Thompson telefonou a Alan no hospital, onde ele agora estava trabalhando como funcionário, e disse:

— Alan, venha falar comigo quando tiver tempo, sim? Preciso urgentemente falar com você.

Alan, claro, foi procurar o Dr. Thompson com uma sincera afeição, assim que combinou com o Dr. Tetley, já bem mais idoso, para ter o resto do dia de folga. Agora possuía seu próprio carro e em pouco tempo estava estacionando o carro junto à casa do Dr. Thompson.

— Alan — disse o Dr. Thompson — estou ficando velho, filho, e não tenho mais muitos anos de vida. Faça-me um exame geral de saúde, sim?

Alan ficou ali, abismado, e depois o Dr. Thompson tornou a dizer:

— O que é que há com você, rapaz? Esqueceu-se de que é médico, ou coisa assim? Ande com isso, sim?

E começou a despir-se. Alan logo pegou os instrumentos do Dr. Thompson, o oftalmoscópio, o aparelho de tirar pressão e o resto, e, naturalmente, o estetoscópio que sempre levava consigo. Um exame no Dr. Thompson revelou hipertensão arterial e uma aguda estenose mitral.

— Acho bom cuidar mais de si — disse Alan. — O senhor não está tão bem quanto eu suponha. Por que não se interna em St. Maggots para vermos o que podemos fazer pelo senhor?

— Não, não vou para aquela pocilga — disse o Dr. Reginald Thompson. — O que quero fazer é o seguinte: tenho uma clínica muito boa aqui, dá muito dinheiro: e Tetley me diz que você está trabalhando para ele muito bem, e já trabalha há cinco anos, e acho que chegou o momento de você tomar conta de minha clínica enquanto estou aqui para ajudá-lo e mostrar-lhe as coisas. Você está metido em St. Maggots há tanto tempo que está ficando curvado e quase míope. Largue isso e venha morar comigo. — E acrescentou: — Ah, claro, deixarei minha clínica para você e até eu esticar a canela, poderemos trabalhar juntos, como sócios. Okey? Vamos selar o pacto.

Alan sentiu-se muito perturbado. Havia algum tempo que ele vinha numa rotina e tinha uma obsessão: a de salvar vidas, salvar vidas a todo custo, por mais doentes que estivessem e incuráveis que fossem os pacientes. Alan não era grande coisa como cirurgião, não se interessava por isso, a clínica geral era o seu forte e ele estava a caminho de fazer um nome para si. E agora seu amigo e benfeitor, o Dr. Reginald Thompson, queria que ele entrasse para a clínica geral. O doutor interrompeu seus pensamentos dizendo:

— Volte a St. Maggots, converse a respeito com o Eric Tetley e pergunte a seu amigo Dr. Wardley o que ele acha. Pode ficar tranqüilo, que esse dois lhe darão conselhos sinceros. E agora suma de minha vista, até resolver alguma coisa. Você está com uma cara de quase enjôo aqui.

Nesse momento a Sra. Simmonds, agora já bem idosa, entrou com o chá num carrinho de madeira, dizendo:

— Ah, Dr. Thompson, vi que o Dr. Bond estava aqui, de modo que achei que lhe pouparia o trabalho de ir pedir o chá. Aqui está ele — e ela dirigiu um largo sorriso para Alan, que agora era muito querido dela, devido à sua boa atuação na vida.

De volta a St. Maggots, Alan conseguiu conversar sobre o assunto com os Drs. Tetley e Wardley. O Dr. Wardley disse:

— Bom, eu não devia contar-lhe isso, Alan, mas Reginald Thompson é meu cliente há anos, tem feito vários eletrocardiogramas e pode apagar-se de uma hora para outra. Você lhe deve tudo, sabe, e é bom pensar seriamente se não deve ir trabalhar com ele.

O Dr. Tetley concordou com a cabeça e disse:

— Sim, Alan, você fez um bom trabalho aqui em St. Maggots mas está muito limitado, está-se tornando por demais institucionalizado. Vamos ter uma guerra e teremos necessidade de gente que vá para as ruas. Sempre poderemos chamá-lo de volta, numa emergência. Vou libertá-lo do seu contrato.

E assim foi que um mês depois o Dr. Alan Bond tornou-se sócio em igualdade de condições com o Dr. Reginald Thompson e a clínica deles teve grande êxito. Mas o tempo todo, nos jornais e no rádio, falava-se em guerra, em bombardeiros, e vinham notícias de um país após outro que não conseguiam suportar os ataques dos odiosos hunos que, com uma brutalidade típica dos boches, varriam a Europa. Por fim Neville Chamberlain voltou da Alemanha com uma porção de conversas tolas, vazias e asnáticas sobre a “paz em nossos dias”. E na Alemanha, naturalmente, vinham notícias de risos escarninhos à custa do inglês desengonçado que fora para lá com seu guarda-chuva dobrado, achando que podia estabelecer a paz do mundo. Pouco depois Hitler, em suas arengas, falava pelo rádio, cheio de uma audácia bombástica, e um ou dois dias depois a Inglaterra declarou-lhe guerra.

Um ano se passou e a guerra não estava chegando a decisão alguma; era o período da falsa guerra. Um dia, um guarda aproximou-se de Alan, constatou conscienciosamente que ele era o Dr. Alan Bond, e depois disse que sua mãe, Mary Bond, se suicidara e que seu corpo se encontrava no necrotério de Paddington.

Alan ficou tão chocado que quase perdeu a razão. Não sabia por que, mas aquilo era a coisa mais terrível que já ouvira na vida. Suicídio! Havia anos que ele pregava contra o suicídio, e agora sua própria mãe cometia esse ato insano.

Logo a guerra esquentou, e as bombas começaram a cair sobre Londres. Só chegavam notícias de sucessos alemães, que estavam vencendo por toda parte, enquanto no Extremo Oriente os japoneses varriam tudo à sua frente. Tomaram Xangai, tomaram Cingapura. Mais uma vez Alan quis entrar para as forças armadas e novamente foi recusado, pois era mais útil servindo onde estava.

Os reides aéreos foram piorando. Noite após noite os bombardeiros alemães vinham do outro lado do mar, dirigindo-se para Londres. Noite após noite as vizinhanças dos portos eram bombardeadas e o East End de Londres foi incendiado. Alan trabalhava junto com o pessoal da ARP (Air Raid Precautions) (Precauções contra Reides Aéreos), tendo mesmo instalado um posto do ARP no porão de sua própria casa. Noite após noite os reides continuaram. Choviam as bombas incendiárias, à base de termite, que às vezes saltavam dos telhados e penetravam nas casas, incendiando-as.

Certa noite houve um reide realmente fora de comum. Todo o bairro parecia ter pegado fogo e os gemidos das sereias era contínuo. As mangueiras dos extintores serpeavam pelas ruas e não permitiam aos médicos usarem seus carros.

Era uma noite de luar, mas a Lua estava encoberta pelas nuvens rubras que subiam dos incêndios; havia chuva de faíscas por toda parte e o tempo inteiro os ruídos infernais de bombas caindo, algumas equipadas com sereias em suas caudas, para aumentar o barulho e o pavor. Alan parecia estar em toda parte, ajudando a puxar os corpos dos abrigos destruídos, rastejando por buracos furados nos porões para aliviar a dor dos corpos dilacerados lá dentro. Nessa noite determinada ele estava tomando fôlego e bebendo uma xícara de chá em uma das cantinas de emergência.

— Puxa! — disse o guarda da ARP que estava com ele, olhando para cima. — Essa caiu perto.

Alan desviou o olhar e viu toda a linha do horizonte em chamas, e nuvens de fumaça por toda parte. Por cima de tudo aquilo ouvia-se o “tum-tum- tum” dos motores irregulares, não-sincronizados, dos aviões alemães. Às vezes ouvia-se o claque-claque dos caças britânicos noturnos atirando com suas metralhadoras contra os invasores, que se destacavam contra os incêndios embaixo.

Houve um estrondo súbito e o mundo inteiro pareceu desabar. Uma casa inteira saltou pelos ares, desintegrando-se e caindo em pedaços. Alan sentiu uma agonia terrível envolvê-lo. O guarda do abrigo antiaéreo, que escapou ileso, olhou em volta e gritou:

— Ah, meu Deus, o doutor foi ferido!

Nervosamente, o pessoal do ARP e os pelotões de salvamento tentaram arrancar os blocos de alvenaria de cima das pernas e abdômen de Alan. Este parecia estar engolfado num mar de fogo; todo o seu ser consumia-se naquela fornalha ardente. Depois, ele abriu os olhos e falou debilmente:

— Não adianta se preocuparem comigo, rapazes, pois estou liquidado. Deixem-me e vão procurar quem não esteja tão ferido.

Com isso, fechou os olhos e ficou deitado por algum tempo. Parecia estar num estado esquisito de êxtase.

“Isto não é dor”, pensou, e depois ocorreu-lhe que devia estar tendo alucinações, pois sentia-se flutuando por cima de si mesmo, de pernas para o ar. Via um cordão branco azulado ligando seu corpo no ar ao corpo na terra e o corpo na terra, podia ver, estava completamente destruído do umbigo para baixo; era apenas um borrão, como se tivessem espalhado geléia de framboeza pelo solo. E aí ocorreu-lhe que naquele dia estava completando 30 anos. E com isso o cordão de prata pareceu murchar e desaparecer e Alan viu-se flutuando para cima, como se estivesse num dos balões de barragem que flutuavam sobre Londres. Flutuou para cima e viu a Londres arrasada afastando-se de seu olhar, e ele de cabeça para baixo. De repente, teve a sensação de esbarrar numa nuvem negra e durante algum tempo ficou sem saber mais nada.

“Cinquenta e Três! Cinquenta e Três!”, uma voz parecia estar penetrando em sua cabeça. Ele abriu os olhos e olhou em

volta, mas viu tudo negro. Sentia-se mergulhado numa névoa preta. Depois, pensou consigo mesmo: “Não sei, mas reconheço tudo isto... onde será que estou? Devo estar anestesiado, ou coisa parecida.” De repente a nuvem negra tornou-se cinzenta e surgiam formas, figuras movendo-se, e tudo lhe voltou à memória. Estava no astral. . . Sorriu, e quando sorriu, as nuvens, a névoa, tudo desapareceu e ele viu a glória do verdadeiro plano astral. Rodeavam-no seus amigos, pois nesse plano só poderia haver amigos. Examinou a si mesmo por um momento, chocado, e depois pensou na primeira roupa que lhe ocorreu — o avental branco que usara em St. Maggots. Imediatamente viu- se envergonhado com as risadas com que o receberam; então baixou o olhar e lembrou-se de que o seu último avental branco ia somente até à cintura, pois no hospital era um especialista.

O verdadeiro astral era muito agradável. Alan foi levado por amigos felizes para uma Casa de Repouso. Lá deram-lhe um quarto muito agradável, de onde podia olhar para fora, avistando parques maravilhosos com árvores como ele nunca vira antes. Havia pássaros e mansos animais vagando por ali, e ninguém fazia mal às outras criaturas.

Alan recuperou-se logo do trauma da morte sobre a Terra e o renascimento no astral e após uma semana, como acontece sempre, teve de comparecer ao Salão das Recordações, onde ficou sentado sozinho, assistindo a tudo o que acontecera em sua vida mais recente. No fim desse período de tempo, que não podia ser medido, uma voz suave disse de “algum lugar”: “Você agiu bem, você se saiu bem, você expiou. Agora pode repousar aqui por alguns séculos antes de planejar o que mais vai fazer. Aqui pode fazer pesquisas ou o que desejar. Você agiu bem.

Alan saiu do Salão das Recordações, para ser novamente cumprimentado por seus amigos, e juntos eles partiram para que Alan encontrasse um lar em que pudesse distrair-se e pensar no que seria melhor fazer.

Creio que todas as pessoas, sejam quais forem, devem aprender que não existe morte, apenas uma transição. E quando chegar o momento da transição, uma Natureza benevolente prepara o caminho, alivia a dor e torna tranqüilas as condições para aqueles que CRÊM.

CAPITULO OITO

A velha casa está sossegada, tão sossegada quanto pode estar uma Velha casa. De vez em quando, nas trevas da noite, ouve-se o ranger de uma tábua antiga ao roçar contra sua vizinha, desculpando-se por intrometer-se em sua intimidade. A velha casa repousa, depois de um dia difícil. Não pode mais cochilar a vida toda, durante os dias quentes. A velha casa está passando por tempos difíceis, impostos, exigências, despesas em consertos dispendiosos, A velha casa fica infeliz com as multidões de visitantes descuidados que passam por seus corredores, apinhando suas salas como um rebanho de ovelhas loucas, A velha casa sente suas tábuas gemerem e seu madeirame dobrar-se ligeiramente sob o peso desusado, depois de tantos anos de quietude. Mas A Família tinha de continuar e arranjar o dinheiro de alguma maneira, de modo que depois de muita meditação e muitas brigas íntimas, começaram as visitas turísticas à mansão histórica.

A casa fora construída há centenas de anos como mansão para um homem de alta linhagem, um homem que servira a seu Rei com nobreza e valor, e conquistara um título nobiliárquico por sua dedicação. A casa fora construída com carinho e habilidade por operários fortes, que viviam de cerveja, queijo e fatias de pão e que faziam tudo direito, pelo orgulho de fazerem um trabalho bem feito. E assim a casa sobrevivera, sobrevivera ao calor dos verões e aos ventos frios do inverno, quando todas as outras madeiras pareciam querer afundar nas rajadas geladas que a envolviam. Agora os jardins ainda são bem conservados, a estrutura principal da casa ainda parece segura, mas algumas das tábuas começam a ranger, algumas das arcadas sentem o peso da idade. Agora, após um dia inteiro de passos, violentada pela sujeira de papéis gosmentos jogados por crianças descuidadas, a velha casa volta à sua quietude.

A velha casa está quieta, tão quieta quanto pode ficar uma casa velha. Por trás dos lambris, os camundongos guin-

cham e correrá, brincando. Ao alto, em algum ponto, uma coruja pia para a Lua. Lá fora o vento frio da noite farfalha nos beirais e de vez em quando um galho comprido bate de encontro às vidraças. Mas ninguém mora naquela ala, A Família reside agora numa casinha menor no parque, uma casa que, em tempos mais prósperos, fora os domínios do mordomo-chefe e sua esposa.

O chão bem encerado reluz ao luar, lançando reflexos fantásticos contra as paredes forradas de painéis. Nos salões, os antepassados de fisionomia severa olham com olhos cegos, como vêm fazendo através dos séculos.

Na extremidade do Grande Salão, o imponente relógio de parede bate a hora — um quarto para a meia-noite. Em algum lugar, num aparador, os cálices de cristal tinem suavemente, e em eco sussurram um para o outro. De outro salão, não muito longe, chegam os tons mais agudos de um relógio menor, repetindo o quarto de hora.

Tudo fica silencioso um instante e depois o relógio de parede fala:

— Reloginho menor, você está aí, está-me ouvindo?

Ouve-se um clique e um zumbido, quando um dente da engrenagem se mexe, e depois a voz aguda do relógio menor:

— Sim, avô, claro que estou ouvindo. Tem algo a me dizer esta noite?

O relógio de parede continua em voz abafada:

— Tique-taque, tique-taque, tique-taque — e depois, erquendo a voz, falou: — Neto, nasci no fim do século XVII, meu corpo comprido foi polido pela primeira vez em 1675 e desde a primeira vez em que puseram o meu pêndulo em movimento, tenho ponderado sobre o mistério da vida: já vivi muito, já ponderei muito. Os seres humanos em volta de nós dispõem de um período de vida tão curto que nem têm tempo para pensar em tudo o que há para saber sobre a vida. Está interessando, neto?

O relógio menor, em posição de destaque num quarto de repouso de senhoras, meneia ligeiramente a cabeça diante do tremor provocado por uma pesada locomotiva que passa, com seu cortejo de vagões de carga. E depois diz, suavemente:

— Claro, relógio-avô, claro que estou interessado em ouvir aquilo em que o senhor pensou tanto, através dos séculos.

Conte-me e ouvirei, e só interromperei quando o meu Propósito me obrigar a dar as horas.

E após uma pausa:

— Fale, relógio-avô, fale, sabendo que estou prestando atenção.

O relógio-avô resmungou. A vitrina onde se encontrava era alta, tinha mais de dois metros e refletia-se o lusco-fusco sobre o assoalho bem encerado. Não havia marcas de dedos em seu vidro, pois havia um empregado especialmente encarregado de conservar o brilho dessas maravilhosas antiguidades, mantê-las limpas e com sua voz forte. O relógio de parede estava com a face voltada para o luar. Olhando pela janela a seu lado ele podia contemplar os elegantes parques, com as árvores seculares colocadas como fileiras de soldados numa parada. Em volta das árvores, viam-se os gramados bem aparados e aqui e ali arbustos, rododendros e muitos arbustos trazidos de terras muito distantes,

Além dos arbustos, se bem que o relógio de parede nunca tivesse olhado até lá, havia belos campos, em que os cavalos e vacas da propriedade pastavam o capim macio e, como a velha casa, passavam a vida sonhando.

Mais perto, mas também fora do alcance da vista do relógio de parede, havia, tinha-lhe contado um relógio-viajante, um pequeno lago de uns dez metros de diâmetro. Na superfície paravam muitas folhas flutuantes de ninfeáceas, nas quais, nas épocas certas do ano, sentavam-se gordas rãs para coaxar. O relógio de parede já ouvira seu coaxar, e pensou que talvez seu mecanismo precisasse de óleo, mas o relógio-viajante explicara tudo aquilo a ele. Contara igualmente acerca dos peixes no lago e do grande viveiro fechado, à borda do lago, de uns dez metros por três metros de altura, onde viviam pássaros multicoloridos.

O relógio de parede pensava em tudo aquilo. Olhava para trás, para os séculos passados, vendo os *lordes* e *ladies* aproximando-se dele em suas vestimentas luxuosas, tão diferentes dos zuartes feios que pareciam ser o uniforme dos seres humanos destes tempos decadentes. O relógio de parede meditou até ser despertado de seu devaneio por uma voz:

— Relógio-avô, relógio-avô, o senhor está bem? Estou esperando que fale, relógio-avô! O senhor ia contar-me coisas do passado, do presente e do futuro, e da vida e de seu significado.

O relógio de parede pigarreou, seu pêndulo fez “tique-taque, tique-taque, tique-taque” e depois ele falou:

— Relógio menor, os seres humanos não compreendem que o pêndulo oscilante é a solução do enigma do Universo. Sou um velho relógio e já estou aqui há tantos anos que a base de meu armário está ficando empenada e minhas juntas rangem com a mudança de tempo, mas quero dizer-lhe isso: nós, os relógios da antiga Inglaterra, conhecemos o enigma do Universo, o Segredo da Vida e os Segredos do Além.

A história que ele contou ao relógio menor foi uma história nova, uma história que vinha sendo concebida há vários séculos, uma história que começou muito, muito antes da memória viva. Ele disse que tinha de combinar a tecnologia moderna com a ciência antiga, porque a tecnologia moderna ainda é ciência antiga.

— As árvores contaram-me — continuou — que há muitos milhares de anos havia outra ciência, outra civilização, e tudo o que hoje se considera moderno, tanto em invenções quanto em descobertas, já então eram obsoletos.

Interrompeu-se por um momento e depois disse:

— Ah, tenho de bater as horas. Chegou o momento.

E assim ele ficou firme e altaneiro no Grande Salão e de seu alto armário saíram-se primeiro um estalo, um zumbido e depois ele bateu a meia-noite, as doze horas em que morre um dia e um dia nasce, em que principia mais um ciclo de vida. E quando ele terminou a última badalada das doze e seus percussores pararam, vibrando, esperou com paciência que o relógio menor repetisse sua mensagem para todos os que estivessem ouvindo na calada da noite.

O relógio menor era alto e esguio, e não tinha mais de uns cem anos. Tinha uma voz muito agradável e um carrilhão incrivelmente límpido, livre de falsas vibrações, isento de cliques e clagues. Mas, claro, isso é de se esperar numa pessoa jovem que não tem mais do que cento e poucos anos. Os raios da Lua, parcialmente filtrados pelos galhos esvoaçantes das árvores, entravam pela janela alta e lançavam jorros de luz em seu estojo, embelezando os ornamentos de suas pontas, e por vezes tocando os ponteiros erguidos juntos como as mãos de uma pessoa orando por socorro no dia recém-nascido. Ele tossiu um pouco e depois suas rodas começaram a girar, os martelos erguendo-se e caindo sobre as varas. Bateu as notas de sua canção. Isso feito, vieram as badaladas das horas, uma, duas,

três, até doze. Na última badalada, tremeu ligeiramente, devido ao esforço feito, os martelos estremeeceram e os pesos das extremidades de suas correntes roncaram um pouco, procurando um novo apoio no estojo. Ele falou, contrito:

— Desculpe, avô, desculpe tê-lo feito esperar, sei que estou um minuto atrasado, mas isso logo será consertado. Quer continuar?

O relógio de parede sorriu para si mesmo.

“Está certo”, pensou, “que os jovens respeitem e demonstrem reverência pelos que são tão mais velhos.

Então sorriu e continuou:

— Através das eras, os seres humanos procuraram a religião para se consolarem nas provações de sua vida não natural. Sempre procuraram um Deus que fosse um pai pessoal, tomando conta deles, vigiando-os, olhando só para eles e dando-lhes um tratamento especial sobre todos os outros humanos. Sempre deve haver um Deus, alguém que seja onipotente, alguém a quem se possa rezar e de quem se espere obter uma resposta favorável à oração.

O relógio menor concordou, meneando a cabeça com o tráfego que passava a distância, e em algum lugar um camundongo desastrado bateu num enfeite e o lançou correndo pela mesa. Com um grito de pavor o camundongo saltou da mesa e correu para o buraco mais próximo, mergulhando nele com o rabinho agitando-se frenético no ar.

O relógio de parede continuou sua história:

— Também temos de considerar a tecnologia moderna, que, naturalmente, não passa de um ressurgimento da tecnologia velha. Tudo quanto existe, tudo o que É não passa de uma série de vibrações. Uma vibração é uma onda que primeiro sobe e depois desce, e sobe de novo e desce de novo, pela eternidade, assim como os nossos pêndulos ficam oscilando primeiro para um lado, onde param por uma fração de segundo, e depois descem para o outro lado.

O relógio de parede calou-se um momento, depois deu uma risadinha, enquanto a corrente descia um dente na roda de metal dentro dele e o peso no fundo dava uma risadinha de alegria por estar um dente mais próximo do solo.

— Sei — continuou — que todas as coisas que existem têm suas fases positiva e negativa, primeiro para um lado e depois para outro. Sei que em certo período de tempo, quando

o Pêndulo da Vida está de um lado de sua oscilação, o Deus encarregado é o Deus do Bem. Mas esse Deus do Bem, em tal posição, passa a ser complacente e não presta muita atenção ao que se passa à sua volta, e aí o Pêndulo da Vida, que teve uma parada para mudar de oscilação, recomeça e oscila para baixo. O Deus do Bem pensa que vai tudo bem, mas o Pêndulo da Vida, que teve uma parada para mudar de oscilação, recomeça e oscila para baixo. O Deus do Bem pensa que vai tudo bem, mas o Pêndulo desce e começa a subir para o outro lado de sua oscilação, e ali o Deus do Mal, a quem os seres humanos chamam de Satanás, aguarda com avidez a oscilação de poder, que agora cabe a ele. O Mal é uma força muito poderosa — e o relógio de parede deu bastante ênfase à frase — é uma força muito, muito poderosa. O Bem não quer acreditar no Mal que é o Mal, e por isso o Bem não luta bastante, de modo que temos a força maléfica que chamamos de Satanás aproveitando ao máximo sua oportunidade. O Pêndulo da Vida oscila para cima, e no fim de sua oscilação, como no fim de todas as oscilações de todos os pêndulos, pára por uma fração de segundo antes de recomeçar a descer, e o Deus do Mal faz o seu pior Mal nesse momento. E então, quando o Pêndulo recomeça a descer gradativamente, ele perde o poder, e quando o Pêndulo toma a subir para o Bem, aí o Bem retoma o trono.

— Ah, relógio de parede — disse uma vizinha miúda do meio das sombras e como fantasma um gato lustroso, branco e preto, saiu da escuridão e sentou-se num raio de Lua olhando para o velho relógio. Adiantando-se, o gato levantou as patas macias e esfregou o fundo do armário. — Relógio de parede — repetiu o gato — eu podia subir por seu armário e sentar-me em sua cabeça, mas gosto tanto de você que não quero faltar-lhe ao respeito. Conte mais.

O gato voltou ao raio de Lua e sentou-se, olhando para o relógio, mas, a fim de não perder tempo, resolveu lavar o rosto e as orelhas. De vez em quando ele mirava o velho relógio que, olhando com afeto para o gato, disse:

— Espere, gatinho, sou um relógio e o meu tempo é limitado. Agora tenho de esperar para bater o quarto de hora, para que todos os seres humanos que estejam conscientes saibam que já entramos no dia recém-nascido há quinze minutos. Gatinho, ouça-me, e um minuto depois ouça o meu neto. Vamos dar a hora e depois tornaremos a falar.

No ar quieto da noite soaram as badaladas do quarto depois da hora. Do lado de fora, um intruso furtivo, que caminhava bem quieto para tentar roubar ovos de um galinheiro, gelou, por um momento, e depois sorriu complacente, ao continuar, passando para a janela onde estava pronto o relógio menor. Quando a sombra do intruso passou pela janela, o relógio menor, com uma voz muito mais aguda, badalou os minutos. Novamente o intruso parou e aí, com as mãos protegendo o rosto dos reflexos laterais, tentou espiar para dentro da sala.

— Raios de relógios! — exclamou. — Estão sempre pregando sustos em qualquer bom ladrão!

E dizendo isso, passou pela janela e desapareceu nas sombras. Alguns minutos depois ouviram-se os murmúrios sonolentos e os protestos das galinhas perturbadas.

Reinava o silêncio na casa, tanto quanto podia haver numa casa tão velha. As tábuas rangiam e as escadas sussurravam suas queixas por terem de ficar na mesma posição por tanto tempo. Pela casa afora ouvia-se o vago correr de patinhas minúsculas e, naturalmente, o eterno tique-taque, tique-taque, menor, do relógio menor, ou mais forte, do relógio de parede. Todos eram sons normais de uma casa viva.

A noite foi-se adiantando. Lá fora a Lua seguia o seu curso, deixando sombras profundas em volta da casa. As criaturas da noite apareceram e cuidaram de suas ocupações notívagas. As raposas pequenas aventuravam-se a sair de suas tocas e olhavam para a vida noturna na Terra.

A noite adiantou-se, as criaturas da noite seguindo seu rumo predestinado. Os gatos rasteavam suas presas e muitas vezes havia um salto súbito e uma praga na linguagem felina, quando o gato desastrado falhava.

Por fim, no leste, o céu mostrou um esbatimento nas sombras, e depois leves raios vermelhos apareceram, enquanto os dedos tateantes do Sol procuravam o caminho em frente, iluminando os topos dos morros distantes, exagerando até à escuridão dos vales. Aí, por perto, um galo cantou, em voz rouca, anunciando — o primeiro prenúncio — que haveria um novo dia. Por um momento toda Natureza ficou parada, e então houve movimento e agitação repentinas, quando as criaturas da noite aceitaram o aviso de que a aurora estava prestes a, raiar, aceitaram-no e apressaram-se para suas tocas em vários lugares do mato rasteiro. Os pássaros noturnos encontraram seus polei-

ros em cantos escuros, os morcegos voltaram às torres e as criaturas do dia começaram aquela agitação aflita que precede o pleno despertar.

No Grande Salão, o relógio de parede fazia “tique-taque, tique-taque, tique-taque”. Agora ele não estava falando, não era a hora certa do dia para falar, podia haver seres humanos por perto e os relógios não revelam seus pensamentos secretos a seres humanos que não se interessam nem crêem.

No passado, o relógio de parede comentara sobre os seres humanos, dizendo:

— Ora, os seres humanos sempre querem provas de tudo, querem até prova de que são humanos, mas como se pode provar alguma coisa? — E depois continuou: — Se uma coisa for verdade, não precisa de prova porque é evidente que a coisa está ali, mas se a coisa não for verdade, e se não estiver ali, não há “provas” que provem que ela está ali, de modo que não adianta querer provar coisa alguma.

A luz tornou-se mais forte, o dia envelheceu. Logo começou grande atividade na casa, as faxineiras chegaram e, com seus aparelhos mecânicos, fizeram uma algazarra na velha mansão sossegada. Ouvia-se o barulho da louça e o som de vozes nos alojamentos dos empregados, sob o andar principal. Aí soaram passos conhecidos pelo corredor e um empregado apareceu.

— Bom dia, relógio de parede — disse ele. — Vou-lhe dar seu polimento diário e limpar seu rosto.

O empregado foi até junto do velho relógio, limpou o vidro com cuidado e verificou a hora. Depois abriu a porta da frente do comprido estojo e, erguendo com delicadeza os pesos, um e um, puxou as correntes, para dar corda no relógio sem forçar demais os dentes antigos. Fechando o estojo do relógio, afagou-o com afeto e depois pôs-se a trabalhar para polir uma superfície já muito polida.

— Bem, vovô — disse ele — você está todo arrumadinho, pronto para os idiotas de boca aberta que virão aí. Vou só colocar o cordão de isolamento diante de você e depois estará pronto.

Apanhou o pano de limpeza e o polidor, recuou e depois, com muito cuidado, colocou uma argola da corda vermelha num gancho da parede e atravessou para colocar a outra argola no gancho correspondente do outro lado, de modo que ninguém

se podia aproximar do relógio de parede sem passar por cima ou por baixo do cordão de isolamento.

O dia foi passando como passam os dias e logo ouviu-se o ronco dos motores e os gritos de crianças levadas, acompanhados de berros e tapas de mães mal-humoradas que procuravam manter as crianças em ordem.

Abriram-se as portas principais. Os lacaios recuaram e surgiu uma onda de humanidade mal-cheirosa, lembrando uma manada de elefantes no período do frenesi, que, naturalmente, - é o período do cio entre os elefantes, e no qual ficam realmente enlouquecidos. A onda de humanidade entrou pelo Grande Salão, correndo pelas salas e deixando lixo por toda parte.

— Mamãe, mamãe, quero ir! — berrava um garotinho.

— Psiu! — advertiu a mãe.

E de repente um berro muito mais alto da criança.

— Mamãe, mamãe, tenho de ir! Tenho de ir!

Mamãe limitou-se a abaixar-se e dar uma boa palmada com a mão espalmada. Por um instante fez-se silêncio e depois ouviu-se um som estranho, gotejante. Encabulado, o garotinho disse:

— Mamãe, já fui!

E ficou ali, as calças pingando e uma poça se alastrando em volta dele. De um lado, um dos lacaios, com um suspiro de resignação, adiantou-se com um balde e um pano de chão, como se essas coisas fossem comuns.

Do escuro embaixo de um sofá estofado, dois olhos verdes espiavam, interessados. O gato branco e preto tinha ali seu lugar favorito, debaixo daquele sofá, e quase todo dia olhava, com um interesse fascinado, as crianças desobedientes e as matronas desmazeladas que enchiam aquela velha casa, comentando isto, ruminando sobre aquilo, o tempo todo deixando papéis de bombons, copinhos de papel — qualquer coisa — sobre os móveis e o chão, sem se importarem com o trabalho que davam aos outros.

O relógio da parede, na extremidade do Grande Salão, contemplava tudo aquilo com uma cara impassível. Mas ficou um tanto desconcertado quando outro menininho correu pelo salão, só sendo detido pelo cordão vermelho atravessado à sua frente. Um empregado adiantou-se depressa e agarrou-o pelo

colarinho no minuto em que ele já ia mergulhar debaixo do cordão.

— Nada disso, ouviu? — rosnou o homem, fazendo o guri virar-se e empurrando-o pelas costas para fazê-lo andar.

A multidão ia ficando mais compacta — e suas mentes também. Todos olhavam para os quadros nas paredes, de boca aberta, mastigando e mastigando, com grandes pedaços de coisas penduradas do céu da boca até à língua. Tudo era estranho para eles, mal podiam acreditar que estavam tendo um grande privilégio com aquela visão do passado. O que queriam mesmo era uma visão do ordenado da semana seguinte!

Tudo tem um fim, até mesmo as coisas más, embora as coisas más pareçam durar muito mais do que as boas. Quando se tem uma boa experiência, ela parece acabar quase antes de se saber quem começou, mas a má experiência — ah!, isso é bem diferente. Parece prolongar-se, parece arrastar-se indefinidamente. Mas, naturalmente, ela chega ao fim. E assim foi naquele dia. Quando as sombras foram caindo sobre as janelas, a multidão foi-se dispersando e ouviu-se o ronco de muitos motores, ao partirem os grandes ônibus fretados. Depois a massa de gente foi ficando ainda mais reduzida, até só restarem duas ou três pessoas, e depois uma ou duas, e depois mais ninguém. Aliviado, o pessoal da limpeza entrou no prédio como uma nuvem de gafanhotos, apanhando papéis, caixas, palitos de pirulito e todo o lixo variado que os seres humanos desleixados gostam de jogar em qualquer lugar por que passem.

Do lado de fora, nos jardins, foi preciso apanhar muitos cacos de vidros, garrafas de refrigerantes, caixas, e de certos arbustos mais favoráveis, pescou-se até roupa de baixo de senhoras. Os animais que assistiam às cenas muitas vezes se perguntavam como é que as pessoas podiam tirar certa peças e depois serem tão desleixadas a ponto de não se darem ao trabalho de tornar a vestilas. Mas, claro, os animais também se perguntavam por que é que as pessoas usavam aquelas roupas. Nasciam sem elas, não era? Não obstante, conforme os animais se diziam tantas vezes, não há explicação para a excentricidade do mau comportamento humano.

Afinal a noite caiu e as luzes se acenderam, enquanto “A Família” se reunia para avaliar os ganhos do dia e comparar os lucros do dia com os prejuízos, as plantas arrancadas, as vidraças quebradas, pois era realmente raro o dia em que algum guri atrevido não atirasse um tijolo num vidro da estufa.

Afinal todo o trabalho foi feito e todas as contas encerradas. O vigia noturno iniciou sua ronda com a lanterna de pilha e seu relógio de ponto, registrando sua presença em vários locais no prédio em horas predeterminadas. As luzes foram apagadas e outro vigia noturno — um entre vários — foi para o escritório de segurança comum.

O gato branco e preto entrou no Grande Salão por uma janela parcialmente aberta e encaminhou-se pomposamente para o relógio de parede.

— Acabei de jantar, vovô — disse ele, lambendo os beiços. — Não sei como é que você pode funcionar sem comer nada, a não ser uma puxada em suas correntes de vez em quando. Você deve ter muita fome! Por que não vem comigo e vamos caçar uns passarinhos, e eu agarro um camundongo?

O relógio de parede deu uma risada e não respondeu. Ainda não chegou a hora, pois todo mundo sabe que nenhum relógio de parede fala antes de um quarto para a meia-noite, pois aí é que se aproxima a hora das bruxas, em que tudo é mágica, em que todo mundo parece diferente, e quando todos os que normalmente não têm voz encontram meios de exprimir seus pensamentos. O relógio de parede, por enquanto, só podia pensar e dizer — como era seu hábito — “tique-taque, tique-taque, tique-taque”.

E no que antes fora um quarto de toailete de senhoras muito importante, o relógio menor pensava nos acontecimentos daquele dia. Ele tinha tido muita sorte, pensou, por não ter sido derrubado quando dois desordeiros haviam brigado e tropeçado por cima do cordão de isolamento, caindo a seus pés. Felizmente dois empregados atentos agarraram os sujeitos e os puseram porta afora sem cerimônia, e lá eles foram presos pelo pessoal da segurança e expulsos do local. O relógio menor pensou naquilo com um estremecimento de pavor, que provocou um barulho metálico em sua garganta. Pensou ainda em como tinha sido agradável quando, de manhãzinha, o jovem lacaio se aproximara dele e cuidara de sua aparência, alimen- tando-o, levantando seus pesos e depois com muito, muito cuidado, acertara a hora, de modo que ele agora tocava seu carrilhão e dava as horas numa sincronização exata com o relógio de parede.

Tudo estava quieto, tão quieto quanto podem estar as coisas numa casa antiga. Os relógios continuavam com seu

tique-taque monótono, o relógio viajante dizia tique-tique-tique e aguardava ansioso o quarto de hora antes da meia-noite para poder contar algumas de suas aventuras. E o gato branco e preto olhava para os ponteiros do relógio de parede e suspirava, resignado, pensando que ainda não chegara a hora, pois nunca conseguira que o velho relógio falasse antes de um quarto para a meia-noite. O gato branco e preto atravessou o Salão e saltou com agilidade para uma velha arca de carvalho. Esticou-se sobre um pano e adormeceu, Mas não por muito tempo. Coisas que aconteciam para fora da janela o acordavam e ele tinha de encolher-se todo e fazer ruídos de gato quando passarinhos tolos passavam esvoaçando pela janela.

— Ah! Se ao menos eu pudesse abrir essa janela — exclamava o gato exasperado — daria uma boa lição a vocês, seus passarinhos perturbadores. Mas não que vocês vivessem para aproveitá-la!

Um passarinho viu a sombra branca e preta dentro do quarto e saiu voando com gritos de alarma.

Por fim o relógio de parede bateu seu carrilhão e tornou a bater e deu a meia hora depois das onze da noite. O relógio menor também tocou seu carrilhão e bateu a meia hora. O relógio-viajante pareceu apressar o seu tique-taque, tique-taque, tique-taque, e o gato branco e preto abriu um olho — dessa vez o olho direito — e olhou para o mostrador do relógio para ver se os ponteiros estavam realmente nas onze e meia.

Tique-taque, tique-taque, tique-taque, faziam os relógios em uníssono, até que finalmente ouviu-se o barulho metálico no armário do relógio de parede, um chacoalhar metálico e depois o ronco quando a corrente começou a mexer-se e um peso desceu. Faltava um quarto para a meia-noite. O relógio de parede tocou o carrilhão com vontade. Um quarto para a meia-noite, quase a hora em que o dia morre e um dia nasce, quase a hora em que um ciclo vira e torna-se o ciclo inverso. “E agora chegou o momento”, pensou o relógio de parede, “para as CONVERSAS!”

— Relógio de parede! Relógio de parede! Peça a primeira conversa! — disse o gato branco e preto, que se levantara de um salto e corraera para colocar-se em posição diante do armário bem polido.

Lá fora a Lua brilhava um pouco mais do que na véspera porque se aproximava da Lua Cheia e aquela noite estava mais

caíma. Não havia nuvens de trovoada correndo pelo céu, nem vento para sacudir os galhos nas árvores, tudo estava quieto, tudo tranqüilo, e a Lua brilhava muito.

— Então, gatinho — disse o relógio de parede — você quer conversar primeiro, hein? Bem, parece-me que você já falou primeiro, com o que disse. Mas sobre que quer falar, gatinho?

O gato branco e preto interrompeu sua toaleta e disse:

— Relógio de parede, estive pensando muito sobre o que você nos falou na noite passada. Estive pensando no que você disse sobre o Pêndulo. Ora, relógio de parede, se o Bem e o Mal se alternam com cada oscilação do Pêndulo, então eles não têm muita oportunidade de praticar o Bem nem o Mal, não é?, pois só têm cerca de um segundo para cada oscilação, é o que me dizem. Como explica isso, relógio de parede?

O gato branco e preto sentou-se recostado com a cauda esticada para trás. Estava sentado como se esperasse que uma explosão de raiva do relógio de parede o desequilibrasse. Mas, não, o relógio de parede tinha a sabedoria da idade madura e também a tolerância da velhice. Limitou-se a pigarrear novamente, com um tinido metálico e disse:

— Mas meu caro gatinho, você não vai pensar que o Pêndulo do Universo bate em intervalos de um segundo, vai? Bate por um período de milhares e milhares de anos. Sabe, gatinho, o tempo é inteiramente relativo. Agora estamos aqui e faltam quatorze minutos para as doze aqui na Inglaterra, mas em outros países a hora é outra, e mesmo que você fosse já para Glasgow, veria que não faltavam quatorze minutos para as doze, e que poderia faltar quinze. É tudo muito misterioso, na verdade, e naturalmente os meus próprios cálculos limitam-se à minha produção de batidas do pêndulo.

O relógio de parede parou de falar por um momento, enquanto respirava, isto é, mais um elo na corrente passava pelo dente dentro do armário. Depois, quando o peso parou sua descida, ele tomou a falar:

— Você deve lembrar-se, gatinho, de que a nossa unidade — quero dizer a unidade de nós, relógios — é de 24 horas. Ora, em cada hora há 60 minutos e em cada minuto há 60 segundos, de modo que isso significa 3.600 segundos de uma hora. Portanto, em vinte e quatro horas, uma batida de pêndulo de um segundo terá batido 86.400 vezes.

— Puxa! — exclamou o gato. — É um BOCADO de batidas, não é? Puxa, eu nunca conseguiria calcular uma coisa assim!

E o gato branco e preto olhou para o relógio de parede com uma admiração renovada.

— Sim — disse o relógio de parede, esquentando no assunto, com o pêndulo batendo mais alto ainda. — Mas o Pêndulo do Universo tem um sistema totalmente diverso porque estamos tratando de períodos de 24 horas em nossa avaliação, mas devemos lembrar-nos de que no tempo de verdade, além dessa Terra, o mundo passa por um período de um milhão, setecentos e vinte e oito mil anos em cada ciclo, e todos os ciclos estão em grupos de quatro, como as minhas batidas da hora, do quarto de hora, da meia hora e dos três quartos. Portanto, como vê, seguimos uma boa tradição. O Universo vai aos quatro e nós, relógios, também.

O gato branco e preto meneou a cabeça, com profundidade, como se estivesse entendendo tudo o que se dizia, como se toda essa profunda sabedoria estivesse bem dentro de seu alcance, e depois disse:

— Mas, relógio de parede, o que acontece quando o Pêndulo está no fim de sua oscilação? Você disse que ele pára, por uma fração de fração de segundo. O que acontece no que você chamou de “tempo verdadeiro”?

O relógio de parede riu sozinho e disse:

— Ah, sim, claro, mas quando temos um milhão, setecentos e vinte e oito mil anos para brincar, aí podemos permitir que o Pêndulo pare no fim de cada oscilação, por muitos anos, não podemos? Mas tudo isso é tão profundo que não há muitos seres humanos que o compreendam, nem muitos relógios, tampouco. Não queremos estourar os seus miolos, gatinho, com toda essa sabedoria, de modo que talvez seja melhor pararmos com esse assunto.

— Mas, relógio de parede, há uma coisa que quero perguntar, especialmente — disse o gatinho branco e preto. — Se Deus está numa das pontas da oscilação e Satanás na outra, como vão encontrar tempo para fazer o Bem ou o Mal?

O vidro do mostrador do relógio de parede reluzia ao luar e depois de um ou dois minutos ele respondeu:

— Quando temos todos esses anos para uma oscilação, podemos ter uns dois mil anos na ponta de cada oscilação.

de modo que durante um intervalo de dois mil anos temos o Bem, e nos dois milênios seguintes temos o Mal, e depois a próxima oscilação trará o Bem de novo e a outra o Mal. Mas — disse o relógio de parede depressa — tenho de parar, chegou a hora em que eu e o relógio menor temos de bater juntos a meia-noite, em que toda a Natureza está livre para fazer uma mudança, quando o dia morre e um novo dia nasce e quando o Pêndulo oscilar ele vai primeiro para o Bem e depois para o Mal, e do Mal para o Bem — com licença.

E o relógio de parede parou de repente em seu discurso, enquanto as rodas dentro dele giravam e o peso que descia roncava e do armário comprido do relógio de parede veio o carrilhão da hora da meia-noite, seguido das batidas graves das doze horas. E pertinho o relógio menor fazia eco e repetia fielmente o carrilhão e as badaladas.

Na mesinha lateral o relógio-viajante resmungou sozinho e disse:

— Que dupla cheia de vento e faladora! Roubam todo o tempo de falar para si. Bah!

CAPITULO NOVE

“Um vírus é pequeno demais para ser visto em um microscópio e há mais organismos vivos, vírus, bactérias, etc., morando na pele de um ser humano do que há seres vivos na Terra. Cerca de quatro mil desses organismos estão apinhados em cada centímetro quadrado dos braços, e na cabeça, axilas e virilha a cifra pode passar de dois milhões.”

Vera Vírus estava sentada no seu Vale de Poros, pensando em todos os problemas que afligem o povo no mundo que se chama de humanos. A seu lado estava Brunhilde, sua amiga vírus mais íntima. Elas balançavam agradavelmente, como só podem balançar vírus do tipo gelatinoso. Aí Vera disse:

— Ah, estou numa tal confusão! Pediram-me minhas estatísticas vitais e como é que eu vou dizer às pessoas que tenho um glorioso 25nm? Ah, por que não adotamos o sistema métrico e resolvemos isso? Seria tão mais simples...

Brunhilde tremelicou violentamente e aquilo significava uma risada. Depois ela disse:

— Bem, basta contar às pessoas as estatísticas vitais do nm. Diga apenas que um *nm* é um bilionésimo de um metro, e se ainda forem tão burros que não saibam o que é um metro — todos sabemos que é um negócio que o homem da eletricidade lê — diga apenas que é igual a um milimicro. Francamente, Vera, acho que você está criando uma tempestade num copo d'água.

— Como é que você pode ser tão asmática, Brunhilde? retrucou Vera, com uma animosidade muito evidente. — Você sabe que não há tempestades aqui e quanto a copos, bem, ainda não foram inventados.

Ela fungou — se é que um vírus pode fungar — e recaiu num silêncio gelatinoso.

O mundo chamado humano era um lugar muito esquisito. Todos os habitantes do mundo viviam nos vales de poros porque, por algum fato notável que ninguém jamais conseguiu entender,

o mundo era coberto, salvo em determinados lugares, por uma estranha manta ou nuvem ou coisa parecida. Parecia ser uma série de pilastras imensas, entrecruzadas de tais espaços entre si, e qualquer vírus ágil, depois de alguns anos, poderia escalar aquela barreira e olhar para o espaço da superfície desse material estranho. Mas era realmente notável porque de vez em quando o mundo inteiro sofria um Dilúvio. Milhões de vírus se afogavam instantaneamente e só gente como Vera, Brunhilde e certos amigos deles que tinham tido a sabedoria de viver em vales de poros é que sobreviviam.

Costumava ser uma visão arrasadora, erguer as antenas acima do vale e olhar para todos os corpos que enchiam a planície entre vales adjacentes. Mas ninguém jamais pôde explicar o que era. Sabiam que de tempos em tempos a grande barreira que cobria a maior parte do mundo era removida e aí vinha um Dilúvio, e depois vinha uma nova barreira, violentamente agitada. Depois mais uma barreira e a paz, por algum tempo.

Vera Vírus e sua amiga estavam sentadas em seu Vale dos Poros, num local que nunca era coberto por essa barreira, de onde podiam olhar para os céus acima e Vera, olhando para cima nessa ocasião, disse:

— Muitas vezes fico pensando, Brunhilde, se existem outros mundos além do nosso?

Ouviu-se então uma nova voz, um senhor vírus chamado Bunyanwera, nascido de uma cultura de Uganda, ou pelo menos era isso que constava na memória racial de seus antepassados, e agora ele era apenas mais um habitante do mundo chamado humano. Ele disse:

— Ora, tolice, Vera, tolice, você sabe perfeitamente que há milhares, milhões de mundos como o nosso. Já não os vimos a distância, às vezes? Mas, também, não sabemos se eles têm vida sobre sua superfície, sabemos?

Uma quarta voz falou:

— Bem, eu acho que este mundo foi feito especialmente para nós. Não existe nenhum outro mundo com uma vida como a nossa. Acho que o mundo inteiro foi feito por Deus para nós, vírus. Vejam as vantagens que temos, não existe forma de inteligência que se compare com a nossa, temos vales especiais espalhados por aí e se não foram feitos especialmente para nós, como é que chegaram a existir?

Quem falava, Catu Guama, era um tipo de sujeito erudito, tinha viajado um pouco, tinha ido até o Vale dos Poros vizinho, de modo que os outros ouviram a sua opinião com respeito. Mas, de repente, Bunyanwera exclamou:

— Ah, que tolice, não existe isso de Deus, claro que não existe um Deus. Já rezei muitas vezes para me acontecerem coisinhas, e se houvesse Deus, vocês acham que Ele permitiria que um de seus filhos sofresse? Olhem para mim, parte de minha gelatina está esmagada. Isso aconteceu quando me aproximei demais do topo do Vale e um pedaço da barreira roçou no seu traseiro. Não, claro que não existe Deus; se existisse, Ele me teria curado.

Fez-se um silêncio constrangedor por algum tempo, e depois Vera disse:

— Bem, não sei, também já rezei e nunca tive resposta a minhas preces nem nunca vi vírus-anjos voando pelo ar. E vocês?

Os outros ficaram ali sentados e calados um pouco e aí ocorreu uma catástrofe terrível: do espaço exterior uma grande “coisa” desceu e raspou todas as grandes pilastras que lhes davam sombra.

— Ah, misericórdia! — disse Brunhilde, quando a “coisa” grande passou por perto. — Por um triz, hein? Quase fomos varridos, desta vez!

Mas, tendo escapado de um perigo do espaço exterior — devia ter sido um OVNI, pensaram — aconteceu outra coisa. Um dilúvio repentino e ardente caiu sobre eles e sentiram um cheiro antisséptico terrível despejar-se sobre eles e de repente, Vera, Brunhilde, Bunyanwera e Catu Gama deixaram de existir, quando o mundo chamado humano passou uma loção adstringente no rosto.

* * *

A Srta. Formiga estava sentada calmamente numa grande pedra. Cuidadosamente, ela escovou suas antenas e verificou se suas pernas estavam limpas e arrumadas. Queria ter certeza de estar o mais perfeita possível, pois ia dar um passeio com um formigo-soldado que tinha tido uma folga inesperada. Virou-se para sua amiga, Berta Besoura, que estava cochilando no calor do meio-dia.

— Berta, sua bobona — disse ela — examine-me com cuidado, sim? Veja se está tudo direitinho.

Berta acordou e abriu um olho, mirando com atenção a Srta. Formiga.

— Puxa vida, mas você está linda! — disse ela. — O seu namorado soldado vai ficar encantado quando a vir. Mas ainda é muito cedo, sabe, sente-se e aproveite o Sol.

Juntas elas se sentaram e ficaram olhando para o mundo desolado diante delas. Havia grandes pedras, rochas imensas, vinte vezes o tamanho da Srta. Formiga, e entre elas havia a terra nua; não se via nem uma folhinha de capim, nem uma erva daninha, nada a não ser a desolação e grandes marcas estranhas no solo.

A Srta. Formiga olhou para o céu e disse:

— Berta, toda a minha vida eu quis ter um namorado soldado, e rezei para ter esse namorado. Você acha que minha prece foi atendida?

Berta tremelicou uma de suas antenas e depois disse, devagar e com cautela:

— Puxa, não sei, não acredito em Deus. Se é que existe um, Ele nunca ouviu minhas orações. Quando eu era muito mais moça, aliás, quando eu ainda estava no estágio de larva, muitas vezes eu rezava para um Deus sobre quem me tinham falado, mas minhas orações nunca foram atendidas, e cheguei à conclusão de que eu estava. .. bem, sabe... perdendo meu tempo. De que adianta acreditar em Deus se Ele não é bastante divino para nos dar uma provinha? É isso que eu digo.

Distraída, ela fez um círculo completo e tornou a sentar-se.

A Srta. Formiga tricou cuidadosamente com as pernas da frente e disse:

— É mesmo um problema, sabe, Berta, é um problema. Será que todos aqueles pontos de luz que vemos de noite são outros mundos, e se forem outros mundos, você acha que alguém vive neles? É estranho pensar se este será o único mundo e nós as únicas criaturas nele. O que é que você acha, hein?

Berta deu um suspiro, irritada, e depois disse:

— Bem, não sei se existem ou não outros mundos, acho que é alguma coisa bem diferente. Encontrei outro inseto há alguns meses e ele disse — era um inseto de asas — que tinha voado de muito longe e depois encontrara uma coluna enorme,

ah, uma coluna tão enorme que eu nem podia acreditar no que me contou. E ele disse que a certa hora, todas as noites, o topo da coluna se acendia. Ora, não posso acreditar que possa haver um mundo em que só há luz quando o nosso mundo fica escuro. O que acha você?

A Srta. Formiga estava ficando cada vez mais confusa.

— Bem, sempre me ensinaram que este mundo foi feito para nós, insetos. Sempre me ensinaram que não existe uma forma de vida superior à nossa, de insetos. Isso significa você e eu, Berta. Portanto, se isso for verdade, se os nossos sacerdotes estiverem certos, certamente não pode haver nada mais inteligente do que nós, e eles teriam de ser um bocado mais espertos do que nós se conseguem fazer o mundo deles funcionar só quando este mundo escurece. Não sei em que acreditar, mas acho que há um grande Propósito por trás de tudo isso, e, como você, estou ficando um pouco farta de rezar para um Deus que nunca se digna responder.

O tempo foi passando e as sombras começaram a alongar-se. De certa distância uma voz de formiga chamou:

— Ei, Srta. Formiga! Srta. Formiga, onde está você? Tenho um recado para você.

A Srta. Formiga levantou-se e foi até à beira da pedra grande.

— Pronto, o que é? — disse ela, olhando para outra formiga que estava embaixo, a alguma distância dali.

A outra formiga olhou para cima e agitou suas duas antenas e depois disse:

— O seu namorado soldado a abandonou. Disse que afinal chegou à conclusão de que você não era a garota certa para ele, de modo que fugiu com aquela pequena da pá virada que mora lá em cima — e ela virou-se, para apontar. A Srta. Formiga sentou-se com um baque, e todo o seu mundo se desmoronou com ela. Ela tinha rezado para que um soldado fosse amá-la, e então fariam um ninho juntos. Mas agora — que lhe restava na vida?

A Srta. Formiga e Berta tiveram um sobressalto ao sentirem um tremor surdo no solo, como um terremoto se aproximando. Elas se esticaram ao máximo, sobre suas perninhas, querendo ver o que estava acontecendo, mas antes de se poderem mover surgiram vultos escuros a distância e a Srta. Formiga e a formiga mensageira, também, foram esmagadas, virando

uma polpa, quando os colegiais que saíam do turno da tarde passaram pelo *playground*, a caminho de casa.

* * *

No campo, o capim estava alto. Aquilo aii era lindo, um capim sadio, bem verdinho mesmo, o Sol o havia aquecido, as chuvas o haviam nutrido, e agora era um campo que daria prazer a qualquer um.

Bem no fundo de um campo, que parecia uma verdadeira floresta para seus habitantes, dois camundongos do campo brincavam entre as hastes do capim, brincavam na terra e depois corriam pelas hastes mais grossas e saltavam de uma para outra. Um deles saltou bem alto, bem por cima do capim. Ao cair, gritando de alegria, caiu aos pés de um camundongo muito velho.

— Tenha cuidado, menino — disse o camundongo velho — você está alegre demais, sabe. Neste mundo não há alegria assim. Em breve haverá um grande Mistério, toda a nossa floresta será derrubada diante do assalto de uma Máquina tão vasta que nenhum de nós sequer pode adivinhar o que seja. Pelo estado desse capim, estou vendo que não temos mais muito tempo, de modo que é melhor voltarmos às nossas tocas.

O velho camundongo, que aliás era uma fêmea velha, sabida, virou-se e foi embora. Os dois camundonginhos olharam um para o outro e depois olharam para ela — para o vulto que se afastava. Depois, um deles disse:

— Ah, ela não é uma verdadeira estraga-prazeres?

E o outro disse:

— É, acho que ela não gosta de crianças, quer que a gente seja escravo, e leve nozes e coisas assim para a toca, sem ganhar nada com isso.

Durante algum tempo os jovens camundongos do campo brincaram juntos e depois um friozinho no ar lembrou-lhes que a noite vinha caindo, de modo que, sobressaltados, eles olharam para o céu que escurecia e foram depressa para casa.

Ficaram sentados, à porta da toca, no crepúsculo, em comunhão de espírito, mordiscando uma folha de capim, levantando os olhos de vez em quando para se certificarem de que as corujas noturnas não os vissem. Depois de algum tempo o disco prateado da Lua começou a deslizar pelo céu escuro. Um camundonginho disse para o outro:

— Como serão as coisas lá em cima? Será que há camundongos do campo naquela coisa grande que vemos tantas vezes?

— Ora, não seja tolo — disse o outro camundongo do campo — claro que não existe nada a não ser este mundo. — E depois ele acrescentou, com um certo tom de incerteza na voz: — Ah, sim, muitas vezes penso como você, penso que, bem, deve haver mundos com camundongos do campo, além deste mundo. Sei que os nossos sacerdotes nos dizem que este mundo foi feito especialmente para os camundongos do campo e que não existe forma de vida superior à dos camundongos do campo.

— Ah, sim — disse o outro camundongo do campo — mas os sacerdotes também dizem que devemos rezar. Bem, misericórdia, já rezei muito, rezei pedindo queijo fresco e coisas assim, mas nunca, nunca minhas preces foram atendidas. Acho que se houvesse um Deus, seria uma coisa tão fácil arranjar um pouco de queijo fresco para um jovem roedor, de vez em quando. O que é que você acha?

— Virou-se para o companheiro, esperando uma resposta, mas o outro falou:

•— Bem, não sei mesmo. Eu também rezei, mas nunca tive prova alguma de que existe um Deus dos camundongos do campo, nem nunca vi roedores-anjos voando por aí.

— Não — concordou o outro — só essas corujas noturnas e gente assim.

E com esse pensamento solene eles se viraram e mergulharam em suas tocas.

A noite foi passando e as várias criaturas da noite saíram à procura de alimento, mas os pequenos roedores estavam escondidos, a salvo dentro de suas tocas. De manhã o dia raiou claro e o ar estava quente. Os camundonguinhos começaram suas atividades diárias. Saíram de sua toca e lá se foram para a grande floresta verde de capim, para ver que comida arranjavam naquele dia.

De repente agacharam-se de encontro à terra, o sangue parecendo gelar-se em suas veias. Aproximava-se deles um barulhão infernal, um barulho tal como nunca haviam ouvido. Estavam assustados demais para se mexerem. Um deles cochichou depressa para o outro:

— Depressa, depressa, vamos rezar para que nos protejam, que nos salvem.

E foram essas as últimas palavras que o camundonguinho do campo pronunciou, pois o lavrador, com sua ceifadeira, passou bem por cima deles e seus corpinhos foram cortados em tiras e lançados entre o capim cortado.

* * *

Da grande pirâmide com sua superfície plana e faces em torreões ouvia-se a fanfarra das trombetas, cujos sons estridentes ressoavam pelo vale ao pé da construção, que era, na verdade, um templo sagrado.

As pessoas se entreolharam, assustadas. Estariam atrasadas? O que estaria acontecendo? Aquelas trombetas só tocavam em momentos de crise ou quando os sacerdotes gordos e preguiçosos tinham alguma coisa a dizer ao povo. De comum acordo, interromperam o que estavam fazendo e apressaram-se pelo caminho bem gasto que levava ao pé da pirâmide. Ali havia uma escada com degraus muito largos, que subia até a um terço da altura do templo, e em toda a volta notavam-se saliências, semelhantes a balcões ou sacadas, mas um exame mais atento indicaria caminhos murados, e por esses caminhos murados ou sacadas os sacerdotes costumavam passear em suas horas de repouso. Passavam aos pares, as mãos cruzadas por trás das costas ou enfiadas em suas amplas mangas. Aos pares iam eles, pensando nas palavras de Deus, meditando sobre os mistérios do Universo. Ali na límpida atmosfera, no alto dos Andes, parecia tão fácil ver as estrelas de noite, tão fácil crer em outros mundos. .. Mas agora a população do vale estava chegando em massa, subindo a grande escadaria e entrando pelo corpo principal do Templo.

O interior sombrio era tão cheio de fumaça de incenso que as pessoas tossiam um pouco, e aqui e ali um camponês, acostumado só com o ar mais puro, esfregava os olhos que começavam a lacrimejar, quando a fumaça acre do incenso os atacava.

As luzes eram fracas, mas numa das extremidades do Templo havia um imenso ídolo de bronze polido, uma figura humana sentada, e no entanto — não — não eram bem humana, era “diferente”, de certa maneira sutil. Era sobre-humana, mas erguia-se a uma altura de muitos andares e as pessoas passando junto de sua base só chegavam à metade da altura do joelho.

A congregação entrou e quando os sacerdotes viram que o grande salão estava quase cheio, ouviu-se o som profundo de

um gongo. Olhos penetrantes, não afetados pela fumaça do incenso, viam o grande gongo tremendo, vibrando à direita da grande figura divina. O som continuava, mas ninguém batia no gongo, ninguém fazia nada perto dele, e o barulho continuava.

E depois, sem o auxílio de mãos humanas, as grandes portas do Templo fecharam-se. Por um momento fez-se silêncio, e aí, sobre o joelho do Deus, apareceu o Alto Sacerdote vestido com roupas esvoaçantes. Tinha as mãos e braços erguidos acima da cabeça e olhando para o povo, disse:

— Deus falou conosco. Deus não está satisfeito com o auxílio que prestais ao vosso Templo. Tantos de vós sonégais o vosso dízimo, Deus vos falará. — E com isso virou-se e prostrou-se de joelhos, de frente para o tronco da grande figura. Aí a boca da figura abriu-se e dela saiu um som estrondoso. As pessoas ajoelharam-se, fechando os olhos e juntando as mãos e depois o estrondo cedeu lugar a uma voz muito possante.

— Sou o vosso Deus — disse a figura. — Estou decepcionado com a crescente falta de respeito demonstrada para com os meus servos, os vossos sacerdotes. A não ser que sejais mais obedientes e mais generosos em vossas oferendas, sereis afligidos por pragas, pestes e muitas feridas e bolhas, e vossas colheitas murcharão diante de vossos olhos. Obedecei aos vossos sacerdotes. São os meus servos, os meus filhos. Obedecei, obedecei, obedecei.

A voz sumiu e a boca fechou-se. O Alto Sacerdote levantou-se e voltou-se para olhar para a congregação. Depois apresentou uma nova série de exigências, mais alimentos, mais dinheiro, mais serviço, mais jovens para serem as Virgens do Templo. Depois desapareceu. Não se virou nem se afastou, simplesmente desapareceu, e as portas do Grande Templo tornaram a abrir-se. Do lado de fora havia fileiras de sacerdotes de ambos os lados, e cada um tinha um prato de coleta na mão.

O Templo estava vazio. O ídolo estava calado. Mas não, nem tão calado assim, pois um sacerdote de visita estava percorrendo o templo acompanhado por um amigo muito íntimo. Do ídolo vinham sussurros e sons farfalhantes e o sacerdote visitante comentou o fato. O amigo respondeu:

— Ah, sim, então verificando a acústica. Ainda não viu o interior do nosso ídolo, não é? Venha que lhe mostro.

Juntos, os dois sacerdotes foram até a parte traseira do ídolo e o sacerdote residente apertou as mãos sobre certo

desenho na ornamentação. Uma porta escondida abriu-se e os dois sacerdotes entraram. O ídolo não era sólido, compunha-se de uma série de câmaras. Eles entraram e subiram por várias escadas, até chegarem ao nível do peito do ídolo. Ali havia uma sala muito estranha, realmente: continha um banco e uma prateleira diante dele e na prateleira havia um bocal ligado a vários tubos com muitas voltas, que levavam para cima, até à garganta.

Num dos lados havia dois assentos e uma série de alavancas. O sacerdote residente disse:

— Essas duas alavancas são operadas por dois sacerdotes, que fazem funcionar as faces e já praticamos tanto que podemos mover as faces exatamente em sincronização com a fala. — Afastou-se e disse: — Olhe por aqui, o orador pode ver a congregação o tempo todo, sem ser visto por ela.

O visitante foi olhar, através de estreitas frestas. Via o Grande Templo, via os faxineiros ocupados limpando os pisos. Depois virou-se para verificar o que o amigo estava fazendo. O amigo estava sentado diante do bocal. Dizia:

— Temos um sacerdote especial, dono de uma voz muito possante, que nunca pode misturar-se com as outras pessoas, pois ele é a voz de nosso Deus. Quando é preciso, ele fica sentado aqui e transmite as mensagens por meio desse bocal. Primeiro ele tira esta lâmina e então sua voz sai pela boca do ídolo. Enquanto esta lâmina está no lugar, nada do que se diz aqui é ouvido lá fora.

Juntos eles voltaram para o corpo principal do Templo, conversando o tempo todo. O residente comentou:

— Temos de fazer isso. Não sei se existe um Deus ou não, muitas vezes fico na dúvida, mas tenho muita certeza de que Deus não atende às nossas orações. Já estou aqui há 40 anos e nunca ouvi uma prece ser atendida, mas temos de conservar nossa autoridade.

O visitante respondeu:

— Sim, fico ali no nosso pico mais alto, à noite, olho para o céu e vejo todos os pontinhos de luz e fico pensando se serão furos no piso do céu ou se será tudo imaginação. Existirá um céu? Ou serão aqueles pontinhos de luz outros mundos? E se houver outros mundos, como é que funcionam?

O residente respondeu:

— Sim, eu também tenho minhas dúvidas, pois deve existir alguma entidade controladora. Parece-me, porém, por experiência própria, que ela nunca atende às orações. Foi por isso que se construiu essa figura de metal, há mil anos ou mais, para que nós, sacerdotes, pudéssemos conservar o nosso poder, o nosso domínio sobre o povo e talvez ajudá-los quando Deus os ignora.

* * *

Creio que toda a vida é constituída de vibrações, e uma vibração não passa de um ciclo. Dizemos que uma coisa balança. Bem, queremos dizer que ela sobe e desce e sobe e desce. Se você traçar uma linha num papel, então poderá traçar outra linha curvando-se para cima de sua primeira linha, recurvando-se e tornando a descer e descendo a mesma distância antes de tomar a subir. Aqui temos um ciclo, uma vibração, um diagrama pictórico de uma vibração semelhante àquela usada no ritmo binário ou em símbolos para a corrente elétrica do tipo alternado. Mas toda a vida é assim. É como a oscilação de um pêndulo. Vai de um lado de um ponto neutro, atravessa o ponto neutro e sobe uma distância igual do outro lado. E depois o pêndulo oscila de novo e passa por esse processo, vezes e vezes mais vezes.

Creio que toda a Natureza passa por ciclos. Creio que tudo o que existe seja uma vibração, alternando de cima para baixo, de positivo a negativo, do Bem ao Mal, e, por falar nisso, se não houvesse o Mal não haveria o Bem, porque o Bem é o oposto do Mal e o Mal é o oposto do Bem.

Creio em um Deus. Creio muito firmemente em um Deus. Mas creio também que esse Deus deve estar por demais ocupado para tratar de nós em termos individuais. Creio que se rezarmos, rezamos para o nosso Superego, a nossa alma superior, se quiserem, mas isso não é Deus.

Creio que há dois Deuses, o Deus do Bem — positivo, e o Deus do Mal — negativo. Este último chamamos de Satanás. Creio que em intervalos muito precisos — nos extremos da oscilação do pêndulo — o Deus bom governa a Terra e todas as coisas vivas e aí temos uma Idade de Ouro. Mas o pêndulo oscila, o ciclo continua e então o poder do Deus bom, o lado positivo, desaparece e depois que passa por um ponto neutro, onde as forças do Bem e do Mal são iguais, aí ele sobe para favorecer o outro lado da oscilação, o Mau, Satanás. E então

temos o que muitas vezes se chama de Idade de Kali, a era da desintegração, a idade em que tudo sai errado, e olhando hoje para a Terra, para os vândalos, para as guerras, para os políticos, podemos negar que estejamos hoje numa Idade de Kali? Pois estamos. Estamos chegando ao pico da oscilação e as coisas vão piorar cada vez mais, até que afinal a oscilação estará no auge do Mal e as condições estarão muito más, mesmo. Guerras, greves, terremotos, as forças do Mal soltas, descontroladas. E depois, como sempre, o pêndulo mudará de direção, cairá, e as forças do Mal irão caindo e haverá uma ressurreição de sentimentos bons sobre a Terra.

Mais uma vez o ponto neutro em que o Bem e o Mal são iguais será alcançado e ultrapassado, e o pêndulo subirá ao Bem, e à medida que ele for subindo, as coisas ficarão cada vez melhores. Talvez então, quando tivermos uma Idade de Ouro, o Deus deste Universo poderá ouvir as nossas preces e, talvez possa dar-nos alguma prova de que Ele realmente se interessa pelos que vivem aqui neste mundo.

Creio que no momento atual a imprensa, os meios de comunicação, a televisão e o resto contribuem muito para o aumento do Mal, pois lemos nos próprios jornais que as crianças de dez anos organizam bandos de assassinos em Vancouver. Creio que a imprensa deveria ser reprimida, e a televisão, o rádio e o cinema deveriam ser censurados.

Mas falando de deuses. Sim, creio que existe um Deus, aliás, creio que há diversos graus de deuses. Nós os chamamos de Manus, e as pessoas que não compreendem o conceito de deuses deviam ver a situação de uma grande loja de departamentos. Não importa qual o nome que se escolha para a loja, pode ser até uma grande cadeia de supermercados. Bem no topo temos Deus, o Presidente ou Gerente-Geral — dependendo do país em que você viver e da terminologia empregada. Mas em qualquer lugar o homem de cima é o todo-poderoso, que dita o que deve ser feito. No entanto, esse homem, esse Presidente do Conselho ou Presidente ou gerente-geral, está tão ocupado com seu poder imenso que não tem tempo para tratar dos problemas do mais ínfimo mensageiro ou do empregado mais insignificante que entrega os alimentos ou os coloca em sacos. Esse determinado homem, o Deus do supermercado, representa o próprio Deus, o Principal Manu de nosso Universo, aquele que tem o controle de muitos mundos diferentes. Ele é tão importante, tão poderoso, tão ocupado que não é capaz de lidar

com mundos individuais, nem com países individuais e, positivamente, não é capaz de lidar com indivíduos — seres humanos individuais, animais individuais, pois os animais têm tantos direitos quanto os humanos, na ordem celestial das coisas.

O Presidente ou Gerente do supermercado não pode ver tudo ele mesmo, de modo que nomeia subgerentes, supervisores e administradores, e isso corresponde, no sistema espacial, a Manus. Existe o Deus Todo-Poderoso, e em nossa ordem existe o Manu da Terra, o Gerente responsável pela administração geral dessa Terra. Abaixo dele há os Manus subordinados, supervisores, se quiserem, de cada continente da Terra. Supervisores ou Manus de cada país da Terra. Eles orientam os destinos dos países, influenciam o que os políticos estão fazendo, embora os políticos possam fazer bastante confusão sem auxílio dos Manus!

Existe uma criatura que é conhecida como “o Olho de Deus”. O gato. O gato pode ir a qualquer parte, fazer qualquer coisa, ver qualquer coisa, pois quem vai dar importância a um gato? As pessoas dizem, “Ah, não é nada, é só o gato”. E o gato continua a vigiar e a relatar o Bem e o Mal. As forças do Mal não conseguem dominar os gatos. Os gatos têm uma barreira divina que impede os pensamentos maus, e é por isso que em um século os gatos são venerados como divindades e em outro século são execrados como discípulos do demônio, pois os endemoninhados querem livrar-se dos gatos que relatam os atos maléficos e não há nada que os demônios possam fazer a respeito.

No momento atual, o Manu que controla a Terra é Satanás. No momento atual, Satanás tem pleno controle da Terra, nada de muito bom pode acontecer no presente. Olhem com cuidado para esse grupo maléfico, satânico, os comunistas. Vejam todos os cultos com sua “religião” corruptora e como procuram dominar os que são suficientemente tolos a ponto de ingressarem em seus cultos malévolos. Mas com o tempo Satanás será obrigado a abandonar a Terra, será forçado a retirar os seus esbirros, assim como um negócio falido tem de fechar as portas. Em breve chegará o momento em que o pêndulo inverterá sua direção e com essa inversão de direção o mal fraquejará, o bem se fortalecerá, mas esse momento ainda não chegou. Temos pela frente tempos cada vez piores, até que o pêndulo realmente mude de direção.

Pensem no seguinte: vocês olham para o pêndulo, acham que ele está sempre em movimento, mas não está, não se move

nem mesmo com a mesma velocidade, pois o pêndulo está no seu ponto máximo, digamos, do lado direito, e depois ele vai com uma velocidade crescente até chegar ao ponto mais baixo. É aí que ele tem a velocidade máxima. Mas aí o peso do pêndulo subindo pelo outro lado diminui a marcha do braço do pêndulo e no fim da batida o pêndulo pára, positivamente o pêndulo pára por um tempo considerável antes de tornar a cair para subir de novo do outro lado.

Dependendo de nossa referência do tempo, podemos dizer que com o relógio, em média, a parada é apenas de uma fração de segundo. Mas se formos para um tempo diferente, em que os segundos são anos, ou talvez mesmo milhares de anos, então o tempo em que o pêndulo fica parado pode ser de dois mil anos. E se o pêndulo fica parado do lado mau, pode acontecer muita coisa má antes que o pêndulo e seu ciclo tornem a descer, descer, e subir de novo do outro lado para dar ao bem uma oportunidade igual.

A Idade de Ouro não ocorrerá durante a vida de qualquer pessoa viva no momento. As condições vão piorar muito e continuarão piorando através dos anos que restam àqueles de nós que não somos mais jovens. Mas nossos filhos ou netos viverão o suficiente para verem o início da Idade de Ouro e aproveitarão em muitos os benefícios dessa era. Mas uma das coisas importantes a serem feitas é uma reforma da organização religiosa. Hoje os cristãos lutam contra cristãos, e a religião cristã, aliás, por ter sido tão distorcida no Ano 60, tem sido a mais guerreira de todas as religiões. Na Irlanda do Norte os católicos estão matando os protestantes e os protestantes matando os católicos. Por outro lado, há uma guerra entre os judeus e os muçulmanos, e que importa qual a “religião” que se segue? Todos os caminhos deviam conduzir ao mesmo Lar. Podemos divergir um pouco aqui e ali, mas todas as religiões deviam conduzir ao mesmo caminho para o Lar. Que importa que uma pessoa seja cristã e outra seja judia? Que importa se a religião cristã, como era no tempo de Cristo, fosse constituída de uma combinação de religiões do Extremo Oriente? Uma religião devia ser feita para satisfazer às necessidades do povo a quem ela vai ser pregada.

A religião devia ser completamente diferente. Devia ser ensinada por homens dedicados, e não por aqueles que desejam uma vida confortável e uma renda cômoda, como hoje parece ser o caso. Não devia haver discriminação, e positivamente

nenhum missionário. Sei, por amarga experiência própria, que os missionários são inimigos dos verdadeiros crentes. Sei que na China, na Índia e muitos outros lugares — especialmente na África — os povos fingiam converter-se ao cristianismo só por causa dos presentes que os missionários distribuía. Devemos também lembrar-nos que os missionários, com suas mentes pudicas, insistiam para que os nativos se vestissem com roupas inadequadas e aqueles missionários realmente levavam a tuberculose e outras doenças terríveis aos povos que anteriormente, em seu estado natural, eram imunes a essas moléstias.

Talvez também seja bom lembrar a Inquisição Espanhola, em que pessoas de diversas religiões eram torturadas, queimadas vivas, porque não queriam acreditar nas mesmas fantasias em que acreditavam os católicos, ou que estes achavam conveniente fingir acreditarem.

A Idade de Ouro virá. Não nos nossos dias, mas depois. Talvez quando o Deus de nosso mundo tiver mais tempo, durante o período desse ciclo bom, Ele possa investigar um pouco mais os seres humanos e os animais. Os Jardineiros da Terra têm boas intenções, sem dúvida, mas todos concordam em que às vezes é preciso que o proprietário apareça para ver o que os seus jardineiros estão fazendo e talvez ordenar uma modificação aqui ou ali.

Creio em Deus. Mas creio também que é inútil rezar e rezar a Deus por nossas necessidades triviais. Ele está muito ocupado e, de qualquer forma, nesse período de tempo, o nosso ciclo ou ritmo ou pêndulo está em seu aspecto negativo, e durante o aspecto negativo o mal, a negação está em atividade. E assim é — bem, se quiserem alguma coisa, em vez de rezarem a Deus, rezem a seu Superego. E se o seu Superego achar que a coisa é boa para vocês. .. e boa para o Superego!. .. pode ser que a consigam. A essa altura, provavelmente não a quererão mais.

CAPITULO DEZ

Margaret Thugglewunk abriu cautelosamente um dos olhos e espiou para a plenitude da luz do dia.

— Ah, meu Deus! — gemeu ela. — O que a gente tem de fazer para ganhar a vida!

Ela abriu devagar o outro olho e aí recebeu todo o impacto da luz do dia. Sentiu a cabeça quase estourando de dor. Depois gemeu e levou as mãos aos rins. A dor era terrível. Durante alguns momentos ficou ali, procurando lembrar-se do que acontecera na noite anterior.

— Ah, é mesmo — lembrou-se ela — eu queria aquele contrato e o homem horroroso disse que eu tinha de passar a noite com ele se quisesse mais contratos. Ah, meu Deus, o que será que me aconteceu? Sexo simples ainda vá, mas estou-me sentindo como se tivesse ido para a cama com um elefante mal-humorado.

Ela gemeu e gemeu e por fim, cambaleando, dirigiu-se ao banheiro e sentou-se. Depois de muito arrotar e vomitar, banhou a cabeça com uma toalha molhada, sem se importar com o que estivesse acontecendo com seu penteado. Por fim sentiu-se um tanto refeita e olhou em volta. Nisso ficou rubra de raiva.

— Essa porcaria de marido vadio! — exclamou. — Eu lhe disse que limpasse o banheiro antes de sair para o trabalho, hoje de manhã.

Ao pensar no marido, tornou a mexer-se e saiu do banheiro, indo para a cozinha.

Olhou em volta, aturdida, e depois seus olhos deram com um bilhete apoiado na garrafa de leite. “Estou farto de viver com uma Feminista”, dizia o bilhete. “A igualdade de oportunidades pode ser exagerada, e quando você começa a dormir por aí noite após noite, isso basta para mim. Não vai me ver nunca mais.”

Ela pegou o bilhete e examinou-o atentamente. Depois virou-o, levantou-o para perto da luz e por fim virou-o de pernas para o ar, como se aquilo lhe desse alguma inspiração. Mas não, nem inspiração, nem alegria, nem tristeza, tampouco. Ela era apenas mais uma dessas fêmeas incrivelmente inúteis que se intitulam Feministas, a pior praga da civilização.

Devo ser uma das pessoas que nutrem o maior desprezo e horror pelas Feministas. Elas não são esposas, são cacos inúteis que estão degradando a espécie humana.

Em 1914, mais ou menos, houve uma grande tragédia na Grã-Bretanha. Ah, sim, começou a Grande Guerra, a Grande Guerra Mundial, mas começou também uma outra guerra: a chamada luta dos sexos. As mulheres foram feitas para gerar filhos, para perpetuar a espécie humana, mas em 1914 as mulheres meteram-se nas fábricas e vestiram roupas de homem. Em breve estavam bebendo e fumando e usando um palavreado que nenhum homem jamais usaria, por mais depravado que fosse. Em breve as mulheres estavam-se queixando, reclamando e dizendo que se sentiam injustiçadas, mas nenhuma mulher jamais esclareceu o que deseja. Ela deseja, ao que parece, ser uma selvagem descontrolada sem qualquer interesse pela perpetuação da espécie.

Depois temos as palhaças que usam o título de “Ms.”, 1 que nada significa na ciência mundial mas, na realidade, se elas procurassem nisso um aviso oculto, este mostraria que as mulheres estão-se tornando masculinizadas e que em breve se tornarão impotentes.

Realmente, é horrível pensar como algumas moças vão para a cama com qualquer homem que lhes agrade no momento. E às vezes é quase um caso de violência contra o homem. E depois, quando nasce um filho, com casamento ou sem ele, a mãe corre de volta para à fábrica ou loja ou seja o que for, quase antes da criança nascer, e o bebê é abandonado em asilos ou entregue à mercê carinhosa de uma babá. Quando a criança cresce, é largada nas ruas, para ser dominada por crianças mais fortes ou mais velhas. Em breve formam-se bandos. Exagero? Vejam o seguinte, extraído de *The Albertan*, de 15 de julho de 1976. É apenas um resumo, claro. Diz: “Alugam-se Garotos para Golpes.” Depois da propaganda costumeira, o artigo passa a dizer: “Em algum lugar na área de Vancouver

1 Provavelmente “Ms” quer dizer unissexo, ou assexuado, pois “Mr” é Senhor e “Mrs” significa Senhora. (N. do T.)

há um garoto de dez anos que está à disposição do submundo para assassinatos contratados.”

Parece que esse pequeno, um garoto de dez anos, é chefe de uma quadrilha de cem guris que matam por dinheiro.

Há algumas semanas, um jornal noticiou que um menino com menos idade do que aquele tinha cometido um assassinato, e desde então houve outro caso em que um menino matou seu suposto amigo.

Antigamente a mãe ficava em casa e criava os filhos fazendo tudo para eles se tornarem cidadãos decentes, esforçando-se para inculcar-lhes obediência. E qual a tarefa mais nobre para uma mãe de que ficar em casa e criar uma família decente? É óbvio que muitas dessas mulheres que não gostam de ficar em casa estão apenas sendo influenciadas por forças maléficas.

Na Primeira Guerra Mundial, as mulheres foram para as fábricas, para os escritórios, e até ingressaram nas Forças Armadas, de modo que o pessoal da publicidade descobriu que havia o dobro da fonte de renda para aqueles para quem faziam publicidade. E em breve a economia chegou a um ponto em que se tomou necessário o trabalho das mulheres — ou era o que parecia, superficialmente. Toda a publicidade frisava que as mulheres podiam fazer muito mais coisas comprando isto, aquilo e aquilooutro e, naturalmente, sendo mulheres, elas caíram como umas patinhas.

Os governos também verificaram que quando as mulheres trabalhavam e ganhavam muito dinheiro, pagavam mais imposto sobre a renda, havia mais renda dos impostos sobre o consumo e tudo o mais. E as mulheres continuam a ser tão completamente tolas que abandonam sua vocação natural e, em vez disso, vão trabalhar e se endividam para comprar coisas que não lhes adiantam coisa alguma.

As mulheres de hoje — especialmente as Feministas — não têm gosto nenhum, não têm a menor idéia de como se vestir, acham que o máximo da elegância é sair com uma saia e blusa limpas todo dia, coisas compradas a prazo e geralmente do material mais barato possível, e de padrões berrantes.

Vocês têm ultimamente olhado para as mulheres, quero dizer, as mulheres mais jovens? Já repararam em seus bustos chatos e quadris estreitos? Como é que as crianças vão nascer? Com o auxílio dos fórceps, sem dúvida, e aí terão os cérebros destorcidos e apertados.

Já notaram como os casamentos vêm-se deteriorando boje em dia? As mulheres — especialmente as mulheres — só querem juntar-se com o homem e terem todo o sexo que quiserem, e depois, se o homem as contraria em qualquer coisa, elas pegam seus trapinhos e se bandeiam para o primeiro que aparecer e as queira.

No mundo esotérico existe o princípio masculino e o princípio feminino, dois pólos opostos, e para que o mundo continue a ser um lugar habitado é necessário que homens e mulheres sejam diferentes uns dos outros, senão as mulheres se tomarão estéreis e por mais que tentem não terão filhos.

Talvez devêssemos sair em campo e agir violentamente contra o pessoal da propaganda, aqueles que incitam as mulheres para o caminho da destruição da espécie. Ah, sim, podia acontecer. No Registro Acáchico das Probabilidades, está claro que isso pode acontecer. Aconteceu há milhões de anos.

Muito, muito além até da memória racial, houve uma civilização que alcançou padrões muito elevados. As pessoas eram roxas e não eram necessariamente humanas, não propriamente humanas, aliás, pois as mulheres tinham seis seios, e não dois como têm hoje, e havia outras diferenças sutis.

O padrão da civilização era muito elevado e a vida de família era muito afetuosa, mas aí as mulheres resolveram que não deviam ficar em casa e criar os filhos, que não deviam preocupar-se com o marido e os filhos, que estavam sendo perseguidos — não diziam como, nem diziam jamais o que realmente desejavam — mas obviamente havia alguma coisa errada em suas mentes. E assim largaram os casamentos, e assim que um bebê nascia era mandado para qualquer casa que quisesse um bebê indesejável. Em breve a qualidade da espécie deteriorou-se, degenerou-se e ficou formada por débeis mentais.

Com o tempo as mulheres tornaram-se completaímeite estéreis — e a espécie morreu.

Vocês conhecem alguma coisa a respeito de jardinagem? Já viram uma macieira muito, muito especial, que tenha sido abandonada? Houve tempos em que aquela macieira produzia maçãs maravilhosas, apreciadas por sua firmeza, sua doçura, seu colorido, tudo. Mas depois de ter sido abandonada por algum tempo, aparece uma coisa como uma maçã-brava, mirrada, encolhida, murcha.

Já viram cavalos puro-sangue que foram abandonados e puderam cruzar com éguas selvagens? Bem, eu lhes direi qual o resultado: depois de algumas gerações, o produto animal é

o mais inferior dos inferiores, porque tudo isso parece decair, decair até às piores consequências.

E assim se dá com os seres humanos. As crianças são abandonadas, não têm disciplina, e assim aparecem os bandos armados, os vândalos — tudo quanto é feio e mau. Aparecem os violadores, e os velhos feridos e mutilados. Há pouco tempo houve um caso em que duas mulheres encontraram um velho inválido, que tinha pernas artificiais, e pelos poucos centavos que o velho tinha nos bolsos, as mulheres o espancaram, quebraram suas pernas artificiais e o deixaram mais do que seminu numa rua deserta.

Ainda recentemente houve outro caso em que estavam envolvidas mulheres: duas delas foram a uma casa ocupada por uma pensionista idosa. Arrombaram a casa e depois espancaram a senhora, e ela só escapou com vida porque se fez de morta. As mulheres — se é que se pode chamá-las de mulheres — roubaram a casa e levaram todo o dinheiro que a velha possuía, deixando-a completamente arruinada. E os velhos pensionistas não têm muito de que viver!

Sabem o que as crianças indisciplinadas vêm a ser, depois de crescidas? Sabem o que acontece quando as crianças passam à adolescência sem qualquer disciplina, sem qualquer idéia de tentar conseguir um emprego?

Willy, o Lobo, caminhava pela rua à meia-noite. O brilho forte das lâmpadas fluorescentes piscava no vento da noite, enquanto os lampiões de rua balançavam. Aquele tinha sido um dia de pagamento e mesmo àquela hora tardia ainda havia muita gente na rua. As galerias de lojas comerciais, sempre prontas para se aproveitarem do dia de pagamento, estavam abertas até bem tarde, quando o dinheiro corria.

Willy, o Lobo, era um tipo marginal, um desses sujeitos muito indesejáveis que parecem aparecer de repente numa manhã de domingo, agachados e cambaleando como débeis mentais bêbados pelas avenidas. Nem os pais tinham tempo para ele e acabaram expulsando-o de casa.

O pai trabalhava, a mãe trabalhava. Willy ficava em casa, furtando o que podia. Se a carteira do pai lhe caía nas mãos, quando o velho chegava em casa bêbado, ele tirava o que podia. Willy estava sempre pronto a revistar a bolsa da mãe e tirar os trocados que pudesse — e culpar o pai, quando era acusado.

Willy tinha uma reputação e tanto no bairro. Estava sempre escondido nas ruas escuras, experimentando as portas dos carros para ver se estavam trancadas, e as que não estavam — bem, Willy lá estava para ver o que podia roubar do porta-luvas ou mesmo para tirar as calotas das rodas.

Os pais ficaram fartos dele. Por fim, vendo que Willy não lhes dava ouvidos, vendo que ele não fazia nada para arranjar trabalho, depois de ter sido expulso do colégio, eles trancaram as portas de casa e trocaram as fechaduras, e certificaram-se de que também as janelas estavam trancadas. E assim é que Willy afastou-se apenas algumas ruas. Foi à delegacia dos desempregados e conseguiu inventar um motivo para explicar por que não podia trabalhar, e depois, com um nome diferente, obtido de uma carteira roubada, também conseguiu dinheiro do pessoal da Assistência Social. Mas... Willy, o Lobo, caminhava pela rua com olhos de predador, os olhos girando à procura de uma oportunidade, a cabeça virando para um lado e para outro. Olhava para frente e olhava para trás. Ao virar para frente de novo, ele enrijeceu-se de repente e apressou o passo. Dobrando a esquina à sua frente estava uma moça, com uma bolsa pesada, provavelmente tendo feito serão em um dos muitos escritórios dali.

Willy continuou a caminhar, na tocaia. Viu que ela esperava para atravessar a rua, e quando a moça já ia atravessando, o sinal passou para vermelho. Willy continuou e emparelhou com ela. Passou uma perna à frente da jovem e, com a mão direita, empurrou a nuca da vítima. Ela caiu de bruços como uma tora, batendo com a testa no meio-fio. Willy pegou a bolsa da mão inerte e, sem interromper o passo, continuou a caminhar. Virando uma esquina e entrando num beco escuro ao lado de um prédio de apartamentos, ele olhou levemente por cima do ombro, para ver se era perseguido. Viu a moça no chão e uma mancha vermelha que se espalhava, um vermelho que parecia preto, sob as luzes esverdeadas. Com uma risadinha, colocou a bolsa debaixo do casaco de couro, puxou o fecho do casaco e foi andando calmamente, como se não tivesse nenhuma preocupação na vida, como se fosse a pessoa mais inocente do mundo. Depois chegou a uma parte ainda mais escura do beco. Ali havia uma garagem que estava deserta havia algum tempo. Estava bem trancada, mas o dono da garagem abandonara o negócio e estava esperando para vender o imóvel. A garagem estava trancada, mas muitas semanas antes de ser fechada,

Willy roubara uma chave extra; tinha entrado na garagem e pedido a chave do banheiro dos homens e quando o empregado se voltara para pegar a chave, Willy agarrara a chave da porta, que estava ao lado da caixa registradora.

Assim, Willy entrou na garagem e agachou-se junto da porta da frente. Havia bastante luz ali, pois uma lâmpada da rua lançava claridade pela vidraça da garagem. Willy agachou-se no chão e esvaziou o conteúdo da bolsa no chão. Rindo sozinho, ele embolsou todo o dinheiro que encontrou e depois remexeu no resto, observando as coisas estranhas que as mulheres levam em suas bolsas, lendo com muita dificuldade o pacote de cartas que também havia naquela bolsa. Por fim, achando que não havia ali mais nada de interesse, chutou o resto para o lado, para um monte de lixo.

Enquanto isso, a moça jazia na calçada, desacordada e ensanguentada. Por ela passava o pesado tráfego noturno, o tráfego vindo de boates e cinemas, trabalhadores que tinham feito serão voltando para casa e outros trabalhadores a caminho de seu turno. Motoristas olhavam de seus carros e aceleravam, com medo de se envolverem. Os poucos pedestres na calçada hesitavam, paravam para olhar e depois se afastavam. Do vão da porta de uma loja, um homem adiantou-se. Ele presenciara tudo, poderia ter prendido Willy, mas, por outro lado, não queria envolver-se, não era amigo da polícia, por que havia de ajudá-los? Pensando bem, por que havia de ajudar a moça? Ele não a conhecia. Portanto, calmamente, adiantou-se, e parando ao lado da vítima, abaixou-se e olhou para ela, adivinhando sua idade, imaginando quem seria e depois revistou seus bolsos, para ver se havia alguma coisa ali. Não havia nada nos bolsos. Então olhou para as mãos dela e viu que usava uma aliança de noivado e um anel. Com brutalidade, agarrou ambos os anéis e guardou-os no bolso. Depois, endireitando-se, mexeu nela com o pé, experimentando — pensando se estaria viva ou morta — e voltou para as sombras.

Nas favelas de Calgary, a semivida túmida do populacho girava agitada dia após dia, com um índice crescente de criminalidade, e os jornais berrando em grandes manchetes que se devia fazer alguma coisa. Havia artigos sobre o aumento de estupros, de assaltos, mas o povo em geral não se preocupava, só se interessava se ELES estivessem envolvidos. A vida noturna em Calgary continuava como antes, perturbada, agitada, com o crime fervilhando sob a superfície, pronto para estourar

a qualquer momento. Falava-se em fechar os parques à noite, em aumentar as patrulhas, mas falava-se e mais nada. A cidade continuava como sempre e dia seguia-se a dia, noite a noite.

Novamente a meia-noite. A distância ouvia-se o carrilhão de um relógio. Por perto uma buzina tocava estridente, com insistência. Algum gatuno arrombando um carro estacionado acionara o alarma, de modo que o carro berrava e os berros continuava à toa, ninguém se importava, ninguém queria envolver-se.

Novamente a meia-noite. Willy, o Lobo, caminhava na rua à meia-noite. Sua suéter de gola virada, que já fora branca, estava manchada com os remanescentes de muitas refeições, e se esticava e balançava enquanto ele caminhava e, como antes, olhava em busca de uma presa.

Vendo o que desejava, ficou tenso e alerta e apressou o passo. Um pouco adiante, uma velhinha pequenina com uma pesada bolsa, caminhava pela noite, arrastando os pés. Tomava-se evidente que ela era doente, inválida, talvez artrítica; arrastava-se como se mal conseguisse colocar um pé adiante do outro, como se tivesse dificuldade em completar seu trajeto.

— Pois bem, não há de completar! — resmungou Willy, com seus botões.

Ele a alcançou rapidamente. Com uma facilidade espantosa — uma técnica desenvolvida em muitos encontros bem-sucedidos — ele passou uma perna à frente da pobre velhinha e depois levou a mão para as costas dela para empurrá-la para a frente, para derrubá-la de braços e agarrar a bolsa dela. Mas — oh, surpresa! — a velhinha agachou-se e atirou sua pesada bolsa, cheia de tijolos, à cabeça de Willy.

Por um momento terrível, Willy viu o que ia acontecer. E aí, com um baque tremendo, a pancada atingiu-o do lado da cabeça. Ele viu estrelas. Sentiu uma dor lancinante e gritou; e depois o mundo escureceu diante dele e, como todas as suas vítimas anteriores, caiu ao chão e rolou de braços.

Os espectadores calejados e indiferentes, naquela noite movimentada, ficaram olhando abismados quando a velhinha pôs um dos pés nas costas de Willy, cacarejou sua satisfação, como um galo num monte de esterco ao raiar do dia, depois tomou a cacarejar e afastou-se com um passo lépido.

A noite continuava. Um minuto, uma hora? Não interessava ° Willy. Por fim um carro da polícia que fazia patrulha

paxou junto daquele monte insignificante na calçada. A porta do carro abriu-se e um policial idoso saltou, de mão no revólver. Aproximou-se e, com um pé, virou o corpo, que ficou de costas. O guarda olhou para baixo e reconheceu quem era. Disse ao companheiro, que continuava no carro:

— Ah, é Willy. Afinal teve o que merecia.

Voltando ao carro, pois ele era o observador, pegou o microfone e chamou uma ambulância para vir apanhar uma pessoa gravemente ferida.

Na escuridão de um apartamento ali perto, quase na esquina, a velhinha estava sentada à sua janela, espiando através da cortina, e quando viu Willy ser jogado muito sem-cerimônia para dentro da ambulância — os homens da ambulância também o conheciam — ela riu e riu e riu antes de se despir para ir para a cama.

O Registro Acáchico, que certas pessoas podem ver quando chegam ao plano astral, é um registro de tudo o que aconteceu no mundo. Mostra a origem do mundo, desde a primeira bola gasosa até o estado semifundido. Mostra tudo o que aconteceu. É tal como se o mundo fosse uma pessoa e essa pessoa tivesse pais que colocassem uma câmara de cinema trabalhando desde o momento de seu nascimento, durante toda sua vida até o instante da morte, de modo que em qualquer momento uma pessoa com os conhecimentos necessários pudesse recorrer ao rolo de filme e descobrir o que acontecera, quando, onde e como. É assim com todos os mundos.

Além disso há um Registro das Probabilidades, um Registro que mostra o que se ESPERA que aconteça, mas o comportamento de países individuais pode modificar o que vai acontecer. Por exemplo, houve recentemente um grande terremoto no Extremo Oriente e a China foi muito atingida. Bem, pessoalmente, acho que isso foi provocado principalmente por todos os testes atômicos subterrâneos, realizados na América e na Sibéria. É como atingir certa estrutura e verificar que aparentemente não houve prejuízo algum, mas depois aparecem rachaduras ou fraturas em alguma parte remota da estrutura. Os engenheiros aeronáuticos sabem disso, pois um mau pouso de uma aeronave pode provocar danos, aparecendo rachaduras na cauda!

Há muitos anos um cultista convidou-me para participar de um plano que havia elaborado. Pretendia convencer os outros

de que iria ao astral — com sua pasta, provavelmente — consultar o astral e que voltaria com a informação que então venderia ao interessado por uma importância em dinheiro bastante vultosa. Ele me escreveu a respeito e tentou interessar-me no plano, dizendo que ficaríamos milionários num instante. Recusei-me, e é por isso que continuo pobre!

O Acáchico das mulheres mostra que essas coisas de Feminismo não deviam ter acontecido. Não devia ter havido todo o ódio, toda a amargura que as mulheres sentiram com isso. Ora, em sua maioria as mulheres são pessoas decentes, bem sei, e se elas entram nesse movimento de libertação é por brincadeira e não o levam muito a sério. Mas existe um certo número de birutas, mulheres que põem “Ms.” diante dos nomes, que são muito tolas. Mas ao colocarem aquele “Ms.” na frente dos nomes em vez de “Srta.” ou “Sra.” ou nada, estão invocando vibrações erradas, e as vibrações são a essência de toda a existência. Estão invocando más vibrações PARA SI.

Se as coisas continuarem assim, como parecem desejar essas mulheres, em breve outras forças tomarão novas providências, obrigarão a gente da Terra provar mesmo a sua loucura e então haverá uma reversão a um estado que já existiu em uma civilização longínqua, uma civilização há tanto tempo extinta na Terra que não há registro disso a não ser no Acáchico.

Naquela civilização, em que todas as pessoas tinham peles roxas, em vez de preta, amarela, marrom ou branca, as mulheres traíram a humanidade para certa seita dos Jardineiros da Terra, os superseres que tomam conta desse mundo, ou que devem fazê-lo. Parece que ultimamente eles se têm desleixado muito, em seu trabalho. Mas, de qualquer forma, as mulheres seduziram alguns dos Jardineiros masculinos e isso provocou muita discórdia entre as mulheres dos Jardineiros. Mas formou-se uma nova raça por sua união na Terra e ela foi dominada pelas mulheres. As mulheres tinham todos os empregos, e havia poucos empregos para os homens, a não ser os de empregados subalternos — quase escravos — para os homens que eram impotentes. Mas em casas especiais e luxuosas, havia “garanhões” muito viris. Existiam com o único propósito de fornecer os bebês necessários.

Ah, sim, tudo isso é perfeitamente verdadeiro, é tão verdadeiro que lhe digo muito sinceramente que se ler todos os meus livros — todos os 17 — e praticar as coisas que lhe conto, e se as suas intenções forem puras, você poderá ir ao astral e ver

o Registro Acáchico deste mundo. Você não pode ver o Registro Acáchico dos indivíduos porque — bem, isso lhe daria uma vantagem desigual sobre a “concorrência”. É preciso ter uma dispensa especial, como parece que dizem na Igreja Católica Romana, antes de poder ver o Registro Acáchico de qualquer indivíduo de menos de mil anos. Mas naqueles tempos idos, em que havia um matriarcado, as mulheres estavam ocupadas, trabalhando de modo muito semelhante ao trabalho dos escravos comunistas e então as mulheres mais bem formadas, as mais sadias ou as que se davam muito bem com os líderes, podiam ir para a casa do garanhão para se divertirem ou, nos casos necessários, para procriar também.

Podem imaginar o que seria da Terra de hoje se existisse algo assim? Podem imaginar o que o pessoal da publicidade não iria inventar para as mulheres crédulas? “Casa do Prazer de Polly — Os Homens Mais Possantes, a escolha é sua, a cor que desejar, do tom que preferir, as dimensões de sua preferência. Preços razoáveis, taxas reduzidas para sócios”.

Mas, em todo caso, como acontece sempre, uma sociedade contra a natureza sempre tem um fim. E foi assim que terminou o matriarcado. Era tão desequilibrado que acabou se desmoronando e toda aquela civilização foi apagada.

Sabe por que era desequilibrada? Pense na bateria de seu carro, pense na pilha de seu rádio, ou qualquer coisa que tenha um positivo e um negativo. Suponhamos que, de algum modo especial e desconhecido, você pudesse tornar o negativo mais poderoso do que o positivo; aí tudo ficaria desequilibrado, não é? E não funcionaria, depois de algum tempo. Foi isso o que aconteceu com aquela determinada raça roxa. A vida exige que haja um positivo e um negativo iguais, que haja o Mal e o Bem iguais, para se equilibrarem. Haverá o masculino igual ao feminino, sem o que não pode haver uma vida equilibrada e coerente; e as Feministas estão querendo perturbar o equilíbrio da Natureza, estão querendo estragar a ecologia humana e isso não funciona. Estão apenas provocando muito Carma mau para os instigadores do Feminismo, pois vejam os problemas que causam: são gananciosas e a ganância é uma das maiores pragas neste mundo. A Regra de Ouro é fazer aos outros o que queremos que nos façam. Também é melhor dar do que receber. Quando você dá, está acrescentando ao seu Carma bom, mas se, como Feminista, você tenta provocar

desarmonia e lutas, então isso produz um Carma muito mau mesmo.

Sempre fui capaz de ver a aura humana e quando olho para uma Feminista vejo que ela tem uma aura muito escura e deformada e não há nada de feminino nela. Pense só nas Feministas que você conhece — umas nojentas, na verdade, não são? Nada de feminino, nada de requintado nem bonito nelas. Ouça as vozes delas, estridentes, piores do que um gato miando de noite. Não, não há encanto algum nas Feministas, elas querem mundos e fundos e a ganância as levará à ruína.

Acho sempre muita graça nas mulheres que se casam mas que não usam o nome do marido, para criar uma unidade balanceada. Aqui no Canadá temos um candidato ao sagrado posto de Primeiro-Ministro e esse cavalheiro tem uma esposa que não quer usar o nome dele, intitulando-se “Ms.”. Acho que é McTear ou coisa assim e é da gente chorar. Mas como é que se pode ter uma família equilibrada à testa de uma nação quando os dois membros principais da família não constituem uma unidade? Não se pode.

Por outro lado, se as mulheres não querem ser esposas, então para que casar? Se não querem ser esposas e ainda assim querem ter filhos — bem, é só criar postos de criação, como há para o gado, pois se as mulheres são assim, então na verdade não passam de gado. Creio que criar filhos é mais do que ter uns dez minutos de um prazer duvidoso. Acredito que as mulheres foram feitas pela natureza para serem mães que podem criar filhos, e se elas se limitam a ter os filhos e depois os largam na calçada quase assim que começam a falar, então estão criando uma raça de criaturas sem amor, que é o que temos atualmente. Hoje vemos bandos de crianças dispostas a matar, quadrilhas de crianças que andam pelos parques derrubando árvores, arrancando plantas, fazendo tudo o que podem para causar desordens. Antigamente as esposas eram realmente esposas, ficavam ao lado dos maridos, ajudavam os maridos. O marido saía para ganhar a vida e a mulher ficava em casa para criar os filhos e treinar os membros mais novos da espécie humana.

Naturalmente, os capitalistas é que têm de pagar por grande parte de tudo isso porque esse pessoal faminto de dinheiro acha que se as mulheres trabalharem, haverá o dobro do dinheiro. Claro, é muito bom ter dinheiro — nunca tive muito dinheiro, pessoalmente, mas prefiro ser honesto a ser como esses

capitalistas que arruinam a civilização para ganhar alguns dólares. O pessoal da publicidade faz umas ofertas tão tentadoras com seus cartões de crédito e seus planos de pagamento a prestação e tudo o mais que as pessoas fracas ficam tentadas, e uma vez tentadas, sucumbem e se endividam até à alma. E só podem pagar essas dívidas arranjando um emprego, ou dois empregos, ou até mesmo três empregos. Quando eu morava em Windsor, conheci um homem que tinha quatro empregos e trabalhou tanto que foi cedo para a cova. A mulher tinha dois empregos, de modo que em conjunto tinham seis empregos, mas fizeram tantas dívidas que quando o homem morreu tudo o que possuíam foi retomado pelos credores. Portanto, por que é que as pessoas não vivem de modo mais razoável, com mais economia, em vez de agarrar tudo o que vêem, tal como uma criança mimada quer tudo e berra como uma louca se lhe negam alguma coisa?

Sinto grande aversão pelo Feminismo, como espero ter deixado bem claro, pois já vi os resultados desse terrível culto, ou seja como for que o chamam. Já o vi no Registro Acáchico, e tenho recebido milhares de cartas contando-me as desgraças que algumas dessas mulheres têm causado.

Nós chegamos agora a uma encruzilhada no destino da humanidade e se as pessoas não tomarem a resolução certa, não haverá uma sociedade estável. Será necessária uma volta da religião à vida, não importa que tipo de religião, não me refiro ao cristianismo ou ao judaísmo, islamismo, hinduísmo ou alguma coisa específica. Não importa qual a religio. Precisamos é de uma nova religião, pois as antigas fracassaram lamentavelmente. Por falar em cristianismo, por exemplo, o que É o cristianismo? Será o catolicismo? Ou o protestantismo? E qual deles É o cristianismo? Se ambos são cristianismo, então por que estão lutando no Norte da Irlanda? Depois temos ainda as lutas entre os cristãos e muçulmanos em Beirute e depois os russos ateus — o único Deus deles é o comunismo. E o que ouvimos da situação na China? Bem, não creio que eu gostasse de ir lá para ver como vão as coisas. Mas tem de haver uma religião melhor, tem de haver sacerdotes que realmente sejam sacerdotes em vez de simples pessoas que querem ganhar a vida do bembom, sem ter de fazer grande coisa para ganhar dinheiro. É isso que são todos hoje em dia.

Ah, tenho de contar-lhe isto: há muitos anos, num país cujo nome não revelarei, fiquei muito doente. Tive trombose

coronária e o único médico que havia era um fervoroso católico apostólico romano. Ele entrou no quarto, examinou-me, disse-me muitas palavras sagradas, e depois concluiu: — Não há nada que eu possa fazer pelo senhor. Importa-se se eu rezai? — E sem esperar que eu dissesse sim ou que não, foi para o meio do quarto, ajoelhou-se, juntou as mãos e soltou uma porção de bobagens. Bem, foi a última vez que o vi!

Estamos, como já disse, numa encruzilhada. Temos de escolher se teremos uma sociedade equilibrada, em que os homens e mulheres trabalham juntos, em igualdade, como sócios, e em que as mulheres cuidem de seus filhos, em vez de abandoná-las para aprenderem com crianças mais velhas e possivelmente mais depravadas. Isso arrasaria a sociedade. Na Rússia, as crianças eram internadas em instituições para serem criadas, enquanto os pais e mães trabalhavam nas fábricas ou nas fazendas e comunas. Bem, ficou provado que isso não é nada bom, e as mães russas querem agora ficar com os filhos, querem ficar em casa e estão fazendo uma onda tremenda para obterem o controle sobre os filhos. Ninguém sabe qual será o resultado.

O velho Hitler, que tinha mesmo umas idéias malucas, criou postos especiais para a procriação. Provavelmente vocês já leram a respeito, mas se alguém não leu, vou dar-lhe uma pálida idéia do que realmente eram.

Os líderes do Partido estavam sempre à procura de membros leais e sadios que dessem bons pais. E então, quando aparecia algum rapaz ou moça fiel e sadio, era mandado para as grandes mansões no campo. Lá todos eram bem alimentados e bem tratados, e depois de se terem refeito um pouco, pois as rações alemãs eram bastante parcas naquela época, os rapazes e as moças tinham licença para se encontrarem e escolherem seus parceiros. Depois de terem escolhido seus parceiros e terem passado por mais um exame de saúde, permitia-se que ficassem juntos por uma semana. Bem, vocês sabem o que acontece quando um rapaz e uma moça ficam juntos durante uma semana inteira, sem qualquer restrição, por assim dizer, e quando tudo o que fizerem será aprovado pelo governo. Pois bem, quando nascia um filho de uma dessas uniões, ele era tirado de junto da mãe e levado para uma instituição especial, para ser criado com toda a técnica, ciência e *know-how* nazista existente na ocasião. A intenção era formar com eles o núcleo de uma super-raça.

Vinte e cinco anos desses acontecimentos, certos investigadores começaram a verificar o que acontecera, e conseguiram descobrir muitas das crianças, naturalmente já crescidas, e quase sem exceção verificou-se que elas eram de uma mentalidade inferior. Algumas, de fato, chegavam a ser débeis mentais, o que mostra que nem mesmo Hitler foi capaz de juntar um homem e uma mulher, sacudi-los um pouco e produzir uma criança sequer normal!

Quando chegarmos ao ano 2000, saberemos se o povo desta Terra terá de ser erradicado como mato, sendo plantada uma nova safra. Mas se as mulheres quiserem ficar em casa e serem esposas e mães, conforme ordena seu destino, então essa determinada espécie poderá continuar até à Idade de Ouro. Isto depende, senhoras e Feministas — que não são senhoras — de vocês.

Qual será a sua escolha? Serem classificadas como ervas daninhas? Ou passar à Idade de Ouro com a estabilidade na família?

CAPÍTULO ONZE

Parece-me que estamos tratando da metafísica neste livro, espíritos, almas do outro mundo, etc., de modo que talvez interesse a vocês — não muito seriamente — o Conto do Gato do Hospedeiro.

Esse hospedeiro era um homem muito simpático e muito cumpridor das leis. Tinha um bom gato velho, macho, que lhe fazia companhia havia muitos anos, e esse bom gato velho — acho que era um gato cor de tartaruga ou coisa que o valha -r— ficava sentado no bar, perto da caixa. Um dia o gato morreu e o hospedeiro, que gostava muito dele, ficou bastante triste e disse consigo mesmo: “Já sei o que vou fazer! Mandarei cortar a cauda do velho Tom para colocá-la numa vitrina do bar, em sua memória”.

E assim o hospedeiro procurou um amigo empalhador e este cortou o rabo de Tom e enterraram o resto do velho Tom.

O velho Tom, o gato do hospedeiro, tinha levado uma vida regalada. Ouvia todas as conversas das pessoas que entravam no bar e mostrava sua simpatia para com os homens que diziam que suas esposas não os compreendiam, e tudo o mais. De modo que o velho Tom, sendo um gato muito bonzinho, foi para o céu. Chegou aos Portões de Pérolas, bateu e, naturalmente, todos ficaram felizes em deixá-lo entrar. Mas aí — ah, desgraça, desgraça, que choque! — o Guarda do Portão disse:

— Ah, meu Deus, Tom, você está sem seu rabo. Não podemos deixar que você entre aqui sem o rabo, podemos?

O velho Tom olhou para trás e ficou chocadíssimo ao ver que lhe faltava o rabo, e tão boquiaberto que quase fez uma ruga nas pastagens celestes. Mas o Guarda do Portão lhe disse:

— Vou dizer-lhe uma coisa, Tom: volte para apanhar seu rabo e aí nós o colaremos para você e então poderá entrar no céu. Vá andando que eu o esperarei.

E assim o gato do hospedeiro olhou para o relógio no pulso esquerdo e viu que já era quase meia-noite. Pensou:

“Puxa, é melhor eu me apressar, pois o patrão fecha à meia-noite, depois de limpar tudo no bar. Tenho de me apressar!”

E ele correu de volta à Terra, percorrendo rapidamente o caminho até à hospedaria. Aí bateu à porta com força e, naturalmente, a hospedaria já estava fechada. Tom tornou a bater, do jeito que ouvira certos fregueses privilegiados baterem. Depois de alguns momentos a porta abriu-se e apareceu o hospedeiro. O homem pareceu ficar chocado e disse:

— Ah, Tom, o que está fazendo aqui? Nós o enterramos hoje! Você não pode voltar assim, está morto, não sabe disso?

O velho Tom olhou com tristeza para o hospedeiro e disse:

— Patrão, sei que já é quase meia-noite e é muito tarde para o senhor, mas é que estive no céu e não me querem deixar ficar lá porque falta o meu rabo. Portanto, se me devolver meu rabo — pode amarrá-lo em mim, se quiser — volto para o céu e me deixam entrar.

O hospedeiro pôs a mão no queixo, uma pose que ele usava muitas vezes, quando pensava profundamente. Depois olhou para o relógio e disse:

— Bem, Tom, sinto muito. Você sabe como sou cumpridor da lei e sabe que já passou da minha hora de fechar a casa, e a lei não me permite atender aos fregueses depois da hora.

* * *

Bem, depois disso, devemos voltar ao negócio muito sério de escrever aqui, no último capítulo deste livro. Portanto.. .

Um cavalheiro de um daqueles pequenos países antigos às margens do Mediterrâneo — a Grécia, ou Roma, ou coisa parecida, não sei bem qual, no momento — mas aquele cavalheiro postou-se em seu caixote. Chamava-se Plinius Secundus e era um homem muito inteligente mesmo; tinha de ser, sabem, tinha de ser muito inteligente porque, conforme indica seu nome — Secundus — ele não era o primeiro, e sim o segundo. Provavelmente vocês já leram sobre essas empresas que alugam carros, que anunciam tão vivamente nos jornais, há uma, em especial, que anuncia que é a segunda, de modo que tem de trabalhar mais. Pois bem, Plinius Secundus fazia o mesmo. Tinha de trabalhar mais para ser mais esperto do que Plinius Primo.

Ele se postou em seu caixote. Não sei de que produto era o caixote, pois o pessoal da publicidade ainda não tinha chegado a rotular tudo tão bem, naqueles tempos, mas ele ficou ali meio desequilibrado, pois o caixote era frágil e Plinius Secundus não era nada frágil. Por um momento olhou em volta, para o povo indiferente, e depois disse:

— Amigos! — mas não houve reação, ninguém olhou para ele. Assim, ele tornou a abrir a boca e desta vez chegou a rugir: — Amigos, prestem atenção a mim!

Ele achou que seria muito mais sábio pedir às pessoas que lhe dessem os ouvidos, pois sabia perfeitamente que elas não iam cortar as orelhas e seguir caminho; se seus ouvidos parassem, os donos também haviam de parar, e então eles teriam de ficar e ele queria que ouvissem o que tinha para dizer.

Mas nada de resposta, ainda. Tornou a fazer uma pausa, olhando para o povo apressado, todos querendo chegar aqui, ali e por toda parte. Depois, tentou outro método:

— Amigos, romanos, gregos, americanos — mas aí parou, confuso, ainda de boca aberta, pois de repente se lembrara, corando de vergonha, que a América ainda não fora descoberta, ainda faltavam séculos para isso. Aí, como ninguém parecia ter percebido o erro, continuou com seu discurso.

Ora, na verdade, sou uma pessoa muito bondosa; há quem ache que sou um velho rabugento, outros acham que sou um velho cara de pau. Sei disso porque me escrevem dizendo essas coisas. Mas, de qualquer forma, segue-se uma tradução do que disse Plinius Secundus. Foi traduzido para vocês porque, naturalmente, não compreenderiam a língua dele, nem eu!

Não há lei alguma contra a ignorância dos médicos. Os médicos aprendem à custa dos corpos estremecidos dos seus doentes, arriscando os pacientes. Matam e mutilam com impunidade e lançam a culpa ao paciente que sucumbe, e não ao seu tratamento. Façamos alguma coisa para controlar esses médicos que não querem obedecer à sentença de que não devem fazer o mal, de que devem consolar o paciente enquanto a Natureza efetua a cura.”

Vocês já pararam para pensar em que confusão se encontra a Medicina? Pois está, sabem, está mesmo numa confusão medonha. Hoje em dia o médico normal leva nove minutos para tratar de um paciente médio, desde o momento em que o doente se apresenta ao consultório até o momento em que o paciente

o deixa: nove minutos. Não há muito tempo para um contato pessoal, nem muito tempo para chegar a conhecer o paciente.

Sim, porque acontece uma coisa muito estranha. Tinha-se a impressão de que médicos deviam fazer muita coisa pelos sofredores, mas hoje, depois de cinco mil anos de história médica registrada, não há médico capaz de tratar de um resfriado. Se um médico tratar de um resfriado, pode-se considerar que esse mal termina duas semanas depois, mas se o paciente sabido não vai ao médico e deixa o caso entregue à Natureza, então o resfriado pode curar-se em 14 dias.

Já pensaram de que maneira o médico normal avalia o seu paciente? Ele olha para o paciente com cuidado durante um minuto inteiro, tentando avaliar quanto o paciente sabe, porque há muitos, muitos e muitos anos Esculápio, o Sábio, chegou à conclusão de que, quanto mais o paciente sabe, menos confiança terá em seu médico.

Se as coisas tivessem dado certo neste mundo e se o reinado de Kali não tivesse feito tais progressos, apoiado pelos adolescentes entusiastas, as Feministas, etc., poderia ter havido grandes progressos na Medicina. Por exemplo, teríamos a fotografia da aura, que permitiria a qualquer pessoa treinada diagnosticar uma doença antes que esta atacasse o corpo e então, aplicando-se as vibrações adequadas, ou as frequências ou ciclos — o nome não importa — o paciente poderia curar-se antes mesmo de adoecer, por assim dizer.

Mas o dinheiro nunca foi suficiente para permitir que eu prosseguisse em minhas pesquisas. É um fato curioso que qualquer advogado reles possa cobrar 40 dólares a hora por seu tempo, cobrar e receber, e uma datilógrafa possa cobrar três dólares para datilografar uma carta curta, de uma página, e ela também receber. E as pessoas pagam rios de dinheiro por bebidas, divertimentos, etc., mas quanto a ajudar as pesquisas — não, elas “já deram no escritório”, ou coisa parecida. Portanto a ciência de ler a aura não pôde continuar como eu esperava. Posso ver a aura a qualquer momento em qualquer pessoa, mas não é o mesmo que VOCÊ ver, é? Nem é a mesma coisa que o seu médico ver, é? E eu tinha tido a idéia de proporcionar a qualquer pessoa dotada de um equipamento adequado a possibilidade de ver a aura humana.

Quando a gente vê a aura, vê as pessoas esquizofrênicas, vê como são divididas ao meio. É como ter um desses balões compridos, cheios, e de repente dividi-lo ao meio, e ficar com

dois balões. Ou então podemos ver o câncer aproximar-se do corpo — por meio da aura, claro — e aí, aplicando o antídoto certo, por meio da vibração, cores ou som, o câncer poderia ser detido antes de assaltar o organismo. Há tanta coisa que poderia ter sido feita para ajudar os pacientes!

Um dos grandes problemas parece ser a fome de dinheiro de que sofre o mundo de hoje. Temos os jovens universitários, comparam suas opiniões para resolverem qual a profissão — direito, economia ou medicina — que lhes oferecerá mais dinheiro e mais lazer, e no estado atual da medicina, os dentistas é que parecem ter mais dinheiro!

O que se pretendia realmente nesta parte do ciclo da vida é que os médicos fossem pessoas realmente dedicadas, gente que não pensasse no dinheiro; aliás, pretendia-se que houvesse “monges médicos”, homens e mulheres que não tivessem outra preocupação senão a de ajudar ao próximo. O Estado os sustentaria e lhes daria tudo o que pudessem querer, dentro do razoável. Estariam isentos de exigências como imposto sobre a renda e semelhantes, e ficariam à disposição das pessoas e também atenderiam a domicílio.

Já pensaram que um médico, ao atender um doente no consultório, o deixa lá esperando talvez quatro horas e depois o atende num total de nove minutos... como é que esse médico pode ter um conhecimento detalhado da história do paciente? Como é que o médico pode saber os padrões da hereditariedade do paciente? E isso não é um relacionamento médico-paciente, mais parece um mercadoria avariada sendo levada à oficina para conserto. É igualmente impessoal, e se o médico acha que o paciente vai levar mais de nove minutos de seu tempo, bem, ele manda o paciente para o hospital, o que equivale a um artigo que é mandado de volta para consertos e fica largado numa prateleira por algum tempo. Todo o sistema da Medicina está errado, e numa próxima Idade de Ouro, terá de existir algo do que sugeri, isto é, todos os médicos serão sacerdotes, ou pelo menos ligados a uma Ordem religiosa. Serão pessoas dedicadas e estarão disponíveis em turnos regulares, pois ninguém pode esperar que eles trabalhem vinte e quatro horas por dia, mas as pessoas esperam que trabalhem mais do que seis horas por dia, que é o que fazem hoje.

Uma das coisas terríveis de hoje é a quantidade de salas de exames que têm os médicos. Um médico fica sentado em seu gabinete numa extremidade de um corredor, e ao longo

desse cofredor pode haver quatro, cinco ou seis cubículos, cada qual com um paciente dentro. O médico cumpre uma consulta muito apressada com o paciente e depois o (ou a) manda para um cubículo. Enquanto aquele paciente está-se despidendo e se preparando, o médico visita apressadamente todos os outros cubículos, e isso é, na verdade, um caso de produção em massa, tal e qual nos aviários, em que as galinhas ficam confinadas nas gaiolas, fileira e mais fileira, camadas e mais camadas, e são alimentadas e engordadas — a comida entra por um lado e o ovo sai pelo outro lado. Bem, o caso é bem semelhante as dos doentes. As palavras de sabedoria do médico entram por um lado, quero dizer, as orelhas, e o pagamento, ou dos institutos ou do paciente, corre num fluxo contínuo. Ora, isso não é Medicina.

Nem sempre o médico é fiel ao seu juramento. Muitas vezes ele vai ao clube e comenta sobre os casos da velha Sra. Fulana de Tal, ou ri junto com os amigos porque aquele sujeito velho queria e não conseguia e então o que vai acontecer com o casamento dele? Você sabe como é!

Parece-me que os médicos conseguem seu diploma para poderem clinicar e depois fecham os livros para todo o sempre e tudo o que aprendem é só por meio dos representantes de laboratórios de produtos farmacêuticos, que passam de médico em médico procurando ativar as vendas. Esses representantes, claro, apregoam todos os aspectos favoráveis dos remédios de seu laboratório, mas não contam nunca todos os estranhos efeitos colaterais que podem ocorrer. Lembrem-se daquela caso na Alemanha, em que deram aquele remédio terrível às mulheres grávidas e os filhos nasceram deformados, talvez sem braços ou pernas ou outras coisas. Pois bem, essa foi uma experiência que falhou e, supostamente, se os médicos tivessem estudado mais, poderiam saber que havia contra-indicações desastrosas em certos casos. Mas, não, eles limitaram-se a aceitar a propaganda dos remédios, receitar a medicação, e depois a mulher produziu o erro.

O mesmo se dá com as pílulas anticoncepcionais. As mulheres ficam hipnotizadas com toda a conversa de que podem divertir-se sem ter de pagar o pato, tomando tais e tais pílulas anticoncepcionais. Pois bem, provas clínicas nas pacientes mostram que muitas vezes há graves efeitos colaterais, como o câncer, náusea e outras coisas. E assim agora os laboratórios de produtos farmacêuticos voltaram a suas metafóricas pranche-

tas e estão concebendo outros métodos de frustrar o ágil esperma, impedindo que ele aperte a mão do óvulo ávido. Experimentaram dispositivos intra-uterinos, etc., que são coisas complicadas, de qualquer forma, e que também provocam o câncer.

Quando chegar o momento, haverá um método infalível de controle dos nascimentos — não, não falei em abstinência! — o verdadeiro método será um tipo de emissor ultra-sônico sintonizado com a freqüência exata do homem ou da mulher, e terá o efeito de dar um golpe na cara do esperma, de modo que ele não será viril; aliás, tanto o esperma quanto o óvulo podem ser neutralizados por meios ultra-sônicos, se se souber fazê-lo, e isso não molestará nenhum dos participantes, mas isso é uma coisa que só virá com a Idade de Ouro, se é que haverá uma Idade de Ouro. Do jeito que os vândalos estão agindo agora, e do jeito que as Feministas agem com esses vândalos. .. bem, teremos de esperar para ver.

A dor é uma coisa terrível, não é? E, para dizer a verdade, nem os médicos nem os farmacêuticos descobriram uma solução real para o controle da dor. Algumas aspirinas não adiantam. O demerol é apenas uma coisa muito temporária, com possíveis efeitos colaterais. Depois, passamos à fase da morfina, e surge o vício. Mas creio que os pesquisadores deviam considerar antes de tudo o fato de que a dor só pode ser sentida pelas criaturas que têm um ego consciente, de modo que têm de fazer alguma coisa para erguer uma barreira entre o local da dor e os nervos receptores.

Minhas experiências no hospital não me fazem admirar o mundo médico porque adoeci de repente com dores realmente terríveis, e ficamos numa confusão porque no Hospital de Foothills havia uma greve de técnicos ou de enfermeiras, ou coisa semelhante, e não aceitavam pacientes, de modo que Mama San Ra'ab entrou em contato com o pessoal da ambulância.

Ora, conforme eu já disse, o Serviço de Ambulâncias de Calgary é positivamente inigualável. Os funcionários da ambulância são muito bem treinados e educados e, além disso, têm muita consideração pelo paciente. Nunca poderei enaltecer suficientemente os nossos funcionários do serviço de ambulâncias. Tenho certeza de que Cleo e Taddy Rampa deviam dar um beijo em cada um deles e aí eles poderiam dizer que tinham

sido beijados por gatos siameses, o que lhes traria uma bênção, não é?

Logo ouviu-se o gemido das sereias, que parou com um soluço, quando a ambulância freou junto à porta. Rapidamente dois funcionários entraram, com grandes bolsas pretas. Não eram funcionários de ambulância comuns, eram pré-médicos, e os pré-médicos são os melhores de todos. Fizeram umas perguntas e nem se deram ao trabalho de abrir suas bolsas, mas empurraram a maca e a colocaram ao lado de minha cama. Com todo o cuidado, passaram-me para a maca e depois descemos pelo elevador e fomos para a rua e num ai eu estava dentro da ambulância. Mama San Ra'ab foi sentada na frente com o motorista e o outro pré-médico sentou-se ao meu lado. Tive a sorte de estar numa ambulância nova em folha. Era a primeira vez que a usavam e ainda estava com cheiro de tinta nova e desinfetante novo.

Fomos rodando pelas ruas de Calgary, e não lhes vou dizer o nome do hospital porque, em minha opinião, é o pior hospital de Alberta, portanto vamos chamá-lo de St. Dogsbodys. Esse nome é tão bom ou tão mau quanto qualquer outro. Eu podia inventar um nome muito adequado, mas receio que o meu Venerável Editor possa corar (SERÁ que um Editor sabe corar?) e querer fazer modificações.

Dalí a pouco a ambulância entrou no que parecia ser uma caverna escura e lúgubre. Do meu ponto de vista, deitado de costas, parecia que me levavam para dentro de uma fábrica inacabada, com um depósito de carga de um dos lados. E estava um frio medonho ali. Mas assim que os nossos olhos se acostumaram com o escuro, os funcionários da ambulância me tiraram de dentro dela e me levaram por um corredor sombrio e todo mundo que eu via parecia estar com um ataque de melancolia. Pensei: “Ah, meu Deus! Trouxeram-me para uma Empresa Funerária, por engano!”

Mama San Ra'ab desapareceu numa sala mesquinha, onde ela teve de dar todos os detalhes a meu respeito e depois me empurraram para a Seção de Emergência, que parecia ser um comprido corredor com umas barras metálicas sustentando cortinas que nem sempre estavam cerradas, e depois fui transferido para uma espécie de catre de hospital no Departamento de Emergência.

Um dos pré-médicos, sabendo de meus problemas, disse:

— Enfermeira, ele precisa de uma barra de macaco.

Uma barra de macaco, para quem não sabe, é uma coisa que se estende até mais ou menos um metro acima da cabeceira da cama e tem uma peça de metal triangular, forrada de plástico, caindo de uma corrente curta. Serve para ajudar os paraplégicos e gente como eu a se levantarem para uma posição sentada. Há anos que tenho uma dessas barras e sempre tive uma quando me internei nos hospitais, mas dessa vez, quando o pré-médico disse que eu precisava de uma barra de macaco, a enfermeira fez uma cara ainda mais azeda e disse:

— Ah, ele precisa de uma barra de macaco, é? Pois bem, não é AQUI que vai arranjar isso!

E com essas palavras virou-se e saiu do cubículo. Os dois pré-médicos olharam para mim com pena e sacudiram a cabeça, dizendo:

— Ela é sempre assim!

Seguiu-se um período de espera. Fiquei metido naquele cubículo minúsculo e dos dois lados havia outras camas. Nunca cheguei a conseguir contar quantas camas havia, mas ouvia uma porção de vozes, todos falavam sobre seus problemas e apresentavam publicamente as soluções para eles. Alguns dos biombos de pano não estavam cerrados e, de qualquer forma, eram abertos em cima e em baixo e não havia liberdade alguma.

Houve um incidente muito engraçado — engraçado para mim. Na cama vizinha, do lado direito, estava um velho que acabava de ser trazido da rua e um médico chegou-se para ele e disse:

— Ah, vovô, meu Deus, o SENHOR outra vez? Já lhe disse para largar a bebida; um dia desses vão apanhá-lo morto se não largar a bebida.

Ouvi muitos roncoss, resmungos e queixumes e depois o velho explodiu:

— Não quero que me curem da bebida, raios o partam! Só quero que me curem da tremedeira!

O médico deu de ombros, resignado — eu via tudo bem claramente — e depois disse:

— Bem, vou dar-lhe uma injeção. Isso o deixará melhor por enquanto, e depois pode ir para casa, mas NÃO ME VOLTE AQUI.

Alguns minutos depois, eu estava deitado no meu catre e uma enfermeira atarefada veio correndo pelo corredor. Ela

entrou depressa no meu cubículo aberto e sem me dizer uma palavra — nem verificar quem eu era ou o que eu precisava — levantou o lençol que me cobria, agarrou meu pijama, puxou-o e enfiou uma agulha de injeção na minha anca. Aí, quase sem parar, ela tirou a agulha, deu meia-volta e foi-se. Ora, isso é a verdade pura e simples: desde aquele dia venho pensando se tomei a injeção destinada ao velho bêbado na cama vizinha. Ninguém me disse o que iam fazer comigo, ninguém me disse nada, só o que sei é que tomei uma injeção de ALGUMA COISA bem na. . . bem, pode haver senhoras presentes, mas vocês sabem onde fui espetado.

Pouco depois chegou um servente e, sem me dizer uma palavra, segurou a ponta do catre e começou a me puxar para fora.

— Para onde vou? — perguntei, muito educadamente, achei.

Mas ele fez uma cara feia e foi-me puxando por um corredor muito comprido.

— Verá quando chegar lá — disse ele. — Veja bem, não sou um servente comum, estou só ajudando. De fato, estou em. . . — e ele mencionou outro departamento.

Sempre acreditei e sempre me ensinaram que um dos deveres de um médico ou enfermeira ou qualquer pessoa ligada ao tratamento é dizer ao paciente por que estão fazendo tal coisa e o que está sendo feito porque, afinal, é um assunto bem sério enfiar agulhas no traseiro dos pacientes e deixar que eles fiquem cismando sobre do que se trata.

Estávamos seguindo pelo corredor e apareceu um clérigo. Ele me viu e pareceu transformar-se num robô de cara congelada, virando a cara. Eu não pertencia ao seu rebanho, entendem, de modo que ele se apressou a ir para um lado enquanto eu era levado para outro. A cama-maca-catre parou e uma voz esguelada perguntou: — É ele? — O servente limitou-se a bater a cabeça e afastou-se, largando-me do lado de fora do que, vim a saber, era o departamento de radiografias.

Pouco depois chegou alguém e deu um empurrão em minha cama — como uma locomotiva empurrando vagões — e rolei para dentro de uma sala de raio-X. Empurraram a cama para junto da mesa e disseram-me: — Passe para lá. — Bem, consegui passar a minha metade superior para a mesa e depois virei-me para uma menininha que estava ali — olhei para ela

e fiquei pensando o que é que uma criatura tão jovem podia estar fazendo naquele lugar. Ela estava de meias brancas e sua minissaia era uma microminissaia e chegava à sua... o lugar em que me tinham enfiado a agulha de injeção. Eu disse:

— Quer fazer o favor de levantar as minhas pernas para mim, eu não consigo sozinho.

Ela virou-se e olhou para mim, boquiaberta de espanto, e depois disse, muito altiva:

— Ah, não! — Seu tom passou do assombro para a indignação e ela falou: — Sou uma TÉCNICA! Não sou eu que vou ajudá-lo!

Portanto, senti uma dor extrema — uma dor que chegava a ser uma agonia — mas consegui agarrar os meus tornozelos com a mão direita e puxá-los para cima da mesa.

Sem dizer uma palavra, a TÉCNICA ficou ali batendo de um lado para o outro com sua máquina de raio-X, ajustando interruptores, etc., etc. e depois foi para trás de um anteparo de vidro de chumbo e disse:

— Respire — NÃO RESPIRE! Expire.

Fiquei ali por uns dez minutos, enquanto revelaram o filme e depois, sem uma palavra, alguém apareceu e tomou a encostar a cama de hospital na mesa.

— Passe para lá — disse ela.

De modo que novamente, com um esforço imenso, consegui transferir-me para cima da cama de hospital, e depois disso essa mulher empurrou a cama para fora do departamento de raio-X e deixou-a rolar até encostar numa parede.

Mais uma espera e depois apareceu alguém que olhou para o cartão na cama e, sem dizer uma palavra, tornou a empurrar-me para o Departamento de Emergência, onde fui introduzido num cubículo, assim como se empurra uma vaca para uma baia.

Por fim, depois de umas três ou quatro horas, fui examinado por um médico, mas chegaram à conclusão de que nada podiam fazer por mim, não havia nenhum leito livre no hospital a não ser um no departamento feminino. Minha sugestão no sentido de aceitar aquele não foi bem acolhida.

E assim disseram-me que eu voltasse para casa, pois não havia nada que pudessem fazer por mim e eu “estaria melhor em casa”.

— Lá cuidarão melhor do senhor — disse outro, e, acreditem, não foi difícil me convencerem disso.

* * *

Mama San Ra'ab passou esse tempo todo sentada num assento duro, numa sala de espera muito fria, sentindo-se, imagino, como um naufrago numa ilha deserta, mas afinal ela conseguiu ir ao Departamento de Emergência e aí chamaram a ambulância para levar-me para casa. De casa a St. Dogsbodys são apenas uns dois quilômetros e meio, e de St. Dogsbodys até minha casa são mais dois e meio quilômetros, cinco quilômetros ao todo, se é que sei multiplicar. Mas aquela viagemzinha custou-me 70 dólares, não por culpa do pessoal da ambulância, mas é isso que o município cobra por um chamado de emergência.

Agora, portanto, estou procurando outro lugar, fora de Calgary, de preferência em alguma outra província, pois estou arrasado diante do primitivismo dos tratamentos médicos em Calgary. Estou chocado com o custo das coisas no mundo médico de Calgary.

E isso me leva a outro assunto. Creio que a Medicina só devia ser praticada por pessoas dedicadas. Creio que devia haver uma seleção dos hipocondríacos e maníacos entre os pacientes, porque há muitos doentes que gostam de ir para o socorro-urgente dos hospitais para ficarem sentados nas salas de espera, como se fosse um clube campestre, só que nunca houve um clube campestre tão incômodo. Também creio que os médicos e enfermeiras — sim, e até mesmo os serventes e porteiros — deviam ter mais consideração pelos pacientes, e se praticassem a Regra de Ouro — “Fazer aos Outros o que Queres Que Te Façam” — o mundo não seria tão mau assim, não é?

Também acho que deveria haver departamento de emergência em que houvesse privacidade, pois ouvi a história do velho à minha direita, e também ouvi a história da mocinha à minha esquerda; ela tinha o que só posso descrever como sendo problemas sexuais com o marido e estava, digamos, rompida. E assim o médico que a examinou — que tampouco ligava muito para a privacidade — a aconselhava em altos brados e fazia as perguntas mais íntimas bem alto e tenho certeza de que a pobre coitada estava tão constrangida quanto eu.

Mas de volta à casa com Mama San Ra'ab, Ruttercup Rouse, Cleo e Taddy, tive “um impulso” para me ocupar e escrever mais um livro, o 17º que tem como título “Creio”. Bem, sabe, creio que este é um bom momento para terminar o livro, não acham?